

**MONISSA MATTOS**

**PROPOSTA DE MACRO E MICROESTRUTURA PARA  
UM DICIONÁRIO ESPECIAL DE LOCUÇÕES VERBAIS –  
PORTUGUÊS/ESPAÑHOL**

**PORTO ALEGRE  
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIAS LINGUÍSTICAS DO LÉXICO**

**PROPOSTA DE MACRO E MICROESTRUTURA PARA  
UM DICIONÁRIO ESPECIAL DE LOCUÇÕES VERBAIS –  
PORTUGUÊS/ESPAÑHOL**

**MONISSA MATTOS**

**ORIENTADORA: PROFa. DRa. CLECI REGINA BEVILACQUA**

Dissertação de Mestrado em Teorias Linguísticas do Léxico, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE  
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIAS LINGUÍSTICAS DO LÉXICO**

**PROPOSTA DE MACRO E MICROESTRUTURA PARA  
UM DICIONÁRIO ESPECIAL DE LOCUÇÕES VERBAIS –  
PORTUGUÊS/ESPAÑHOL**

**MONISSA MATTOS**

**ORIENTADORA: PROFa. DRa. CLECI REGINA BEVILACQUA**

Dissertação de Mestrado em Teorias Linguísticas do Léxico, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE  
2010**

**MONISSA MATTOS**

**PROPOSTA DE MACRO E MICROESTRUTURA PARA  
UM DICIONÁRIO BILÍNGUE-AATIVO DE LOCUÇÕES  
VERBAIS – PORTUGUÊS/ESPANHOL**

Dissertação de Mestrado em Teorias Linguísticas do Léxico, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 20 de dezembro de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

Profª Drª Ângela Marina Chaves Ferreira - UERJ

Profª Drª Maria da Graça Grieger - UNISINOS

Profª. Drª Sabrina Pereira de Abreu - UFRGS

*A meus pais, Newton e Salete,  
que me mostraram o caminho da  
educação, aos quais devo todo  
meu amor e gratidão.*

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, pela dedicação e pelo apoio em todos os momentos de minha vida; por tornarem possível minha formação acadêmica; pelo amor incondicional, pelas palavras de alento, por nunca me deixarem desistir e por acreditarem em mim acima de tudo.

A meus irmãos, Fabrício e Camila, pelos momentos de descontração e por me mostrarem o valor da família, sem a qual nenhum esforço faria sentido.

A minha avó (*in memoriam*) por sempre acreditar em mim e pelas palavras de otimismo que continuarão me incentivando.

Ao André, pelo amor dedicado a mim, por compreender e viabilizar minha total dedicação a este estudo e por sempre apoiar minhas decisões.

Aos amigos queridos, por entenderem meus momentos de ausência, por torcerem por mim e pelas palavras de conforto.

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cleci Bevilacqua, quem me mostrou a riqueza da esfera idiomática das línguas e me incentivou aos estudos na área da Fraseologia. Meus sinceros agradecimentos por não medir esforços para que este trabalho se realizasse, por todo empenho e atenção dedicados a mim e por ser, acima de tudo, uma grande professora, competente e exemplar.

## RESUMO

A importância da língua espanhola cresce cada vez mais no Brasil devido a interesses econômicos e culturais. Igualmente, o ensino do idioma, no país, aumenta na mesma proporção. Esse desenvolvimento do ensino e aprendizagem de língua espanhola como língua estrangeira requer muito mais do que meros conhecimentos linguísticos e domínio de regras gramaticais. Exige um conhecimento cultural e social, que possibilite ao falante da língua estrangeira comunicar-se em diferentes situações, sendo capaz de interagir por meio de expressões típicas da língua. Isto é, o falante de uma língua estrangeira, que almeja fluência no idioma, deve dominar, ademais de aspectos puramente gramaticais, a esfera idiomática da língua. Diante da necessidade de compreender-se e produzir-se palavras em seus contextos, evidenciamos a relevância de uma disciplina, cujos estudos são ainda recentes, mas que assume grande importância no processo de ensino e aprendizagem de uma língua: a Fraseologia. Soma-se a isso, a importância das obras lexicográficas como instrumentos de auxílio para quem aprende uma língua estrangeira e, mais do que isso, para quem pretende produzir uma expressão típica do idioma. Por essa razão, este trabalho insere-se nos estudos fraseológicos e na sua relação com a Lexicografia, na medida em que objetiva apresentar, com base nos estudos teóricos que oferece, somados aos fundamentos da Metalexigrafia, critérios essenciais para elaboração de um dicionário bilíngue que dê conta das fraseologias – mais especificamente das locuções verbais do português e do espanhol. A partir da análise do dicionário bilíngue *Santillana* e, considerando as perspectivas teóricas mencionadas, foi possível perceber que há a necessidade de dedicar-se uma maior atenção ao tratamento de fraseologias em obras lexicográficas, é por essa razão que o objetivo desta dissertação é apresentar parâmetros para elaboração de um dicionário bilíngue de locuções verbais do português e espanhol, com vistas à produção linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino e Aprendizagem de Espanhol/LE; Fraseologia; Lexicografia Pedagógica; Dicionário Bilíngue.

## RESUMEN

La importancia de la lengua española crece cada vez más en Brasil debido a intereses económicos y culturales. Del mismo modo, la enseñanza del idioma en este país aumenta en la misma proporción. Ese desarrollo de la enseñanza y del aprendizaje de la lengua española como lengua extranjera requiere mucho más que meros conocimientos lingüísticos y dominio de reglas gramaticales. Exige un conocimiento cultural y social, que posibilite al hablante de la lengua extranjera comunicarse en distintas situaciones, permitiéndole interactuar por medio de expresiones típicas de la lengua. Es decir, el hablante de una lengua extranjera, que anhela fluencia en el idioma, debe dominar, además de aspectos puramente gramaticales, la esfera idiomática de la lengua. Ante la necesidad de comprenderse y producirse palabras en sus contextos, evidenciamos la relevancia de una disciplina, cuyos estudios son aún recientes, pero que asume gran importancia en el proceso de enseñanza y aprendizaje de una lengua: la Fraseología. Se agrega a eso, la importancia de las obras lexicográficas como instrumentos de auxilio para el que aprende una lengua extranjera y, más que eso, para el que pretende producir una expresión típica del idioma. Por esa razón, este trabajo se incluye en los estudios fraseológicos y en sus relaciones con la Lexicografía, a medida en que objetiva presentar, en base al marco teórico que ofrece, sumados a los fundamentos de la Metalexicografía, criterios esenciales para la elaboración de un diccionario bilingüe que dé cuenta de las fraseologías – más específicamente de las locuciones verbales del portugués y del español. A partir del análisis del diccionario bilingüe *Santillana* y, considerando las perspectivas teóricas mencionadas anteriormente, fue posible percibir que hay la necesidad de dedicarse una mayor atención al tratamiento de fraseología en obras lexicográficas, y es por esa razón que el objetivo de esta disertación es presentar parámetros para la elaboración de un diccionario bilingüe de locuciones verbales del portugués y del español, con vistas a la producción lingüística.

**PALABRAS CLAVE:** Enseñanza y aprendizaje de Español/LE; Fraseología; Lexicografía; Diccionario Bilingüe.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Esquema 1: Proposta de classificação das UFs por Corpas Pastor.....	34
Esquema 2: Níveis de convencionalidade de acordo com Tagnin.....	37
Esquema 3: Taxonomia de adjetivos proposta por Beneduzi.....	40
Quadro 1: Síntese das concepções de fraseologia dos autores revisados.....	41
Gráfico 1: Análise quantitativa do registro de locuções no <i>Santillana</i> .....	44
Quadro 2: Síntese da classificação das locuções por Corpas Pastor.....	48
Quadro 3: Síntese da classificação das locuções verbais por Corpas Pastor.....	49
Esquema 4: Classificação de locuções proposta por Casares.....	53
Esquema 5: Síntese da classificação linguística teórica de dicionários de Haensch.....	81
Quadro 4: Exemplo de verbete de <i>dicionário monolíngue</i> e de <i>dicionário bilíngue</i> .....	89
Quadro 5: Exemplos de locuções verbais na direção ativa do <i>Satillana</i> .....	132
Quadro 6: Marcações lexicográficas do intervalo leamático A-D do <i>Santillana</i> .....	141
Esquema 6: Classificação do <i>Marco</i> em níveis de conhecimento.....	149
Figura 1: Exemplo de verbete para a expressão <i>a vaca foi para o brejo</i> .....	158
Quadro 7: Exemplo do sistema de remissivas.....	160
Figura 2: Exemplo de verbete para a expressão <i>cair como uma luva</i> .....	161
Figura 3: Exemplo de verbete para a expressão <i>dar bola</i> .....	164
Figura 4: Exemplo de verbete para a expressão <i>morder-se de inveja</i> .....	167
Figura 5: Exemplo de verbete para a expressão <i>estar com a bola toda</i> .....	170
Figura 6: Exemplo de verbete para a expressão <i>dar braço a torcer</i> .....	173
Figura 7: Exemplo de verbete para a expressão <i>dar uma mão</i> .....	175
Quadro 8: Sistema de marcação diassistêmica do dicionário de locuções verbais.....	177
Figura 8: Exemplo de verbete para a expressão <i>estar de saco cheio</i> .....	179
Figura 9: Exemplo de verbete para a expressão <i>cair na armadilha</i> .....	182
Figura 10: Exemplo de verbete para a expressão <i>colocar chifre</i> .....	182
Figura 11: Exemplo de verbete para a expressão <i>pendurar as chuteiras</i> .....	185
Figura 12: Exemplo de verbete para a expressão <i>quebrar a cabeça</i> .....	187

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

adj. – adjetivo  
adv. – advérbio  
Arg. – Argentina  
CELU – Certificado del Español Lengua y Uso  
cf. – conforme  
DB – dicionário bilíngue  
DBP – dicionário bilíngue pedagógico  
ELE – espanhol como língua estrangeira  
esp. – espanhol  
etc. – *et cetera* e outros  
expr. – expressão  
fam. – familiar  
fig. – figurado  
fórm. – fórmula  
fr. – frase  
L2 – segunda língua  
LC – língua comum  
LE – língua estrangeira  
LEsp – língua especializada  
LM – língua materna  
LP – Lexicografia Pedagógica  
loc adj. – locução adjetiva  
loc adv. – locução adverbial  
loc conj. – locução conjuntiva  
loc prep. – locução prepositiva  
loc verb. – locução verbal  
Méx. – México

OD – objeto direto

OI – objeto indireto

p. – página

port. – português

prnl. – pronominal

RAE – Real Academia Española

subst. – substantivo

verb. – verbo

UF – unidade fraseológica

## **LISTA DE ABREVIATURA DOS DICINÁRIOS CITADOS**

- DILE – Diccionario Ideológico de la Lengua Española (1992)  
DFC – Dictionnaire du Français Contemporain (1967)  
DFEM – Diccionario Fraseológico del Español Moderno (1994)  
DRAE – Diccionario de la Real Academia (1992)  
DUE – Diccionario de Uso del Español (1998)  
GDLE – Gran Diccionario de la Lengua Española (1985)  
LDPL – Larrousse Diccionario Práctico de Locuciones (1995)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 REVISÃO DA LITERATURA: A FRASEOLOGIA DA LÍNGUA COMUM</b> .....	21
<b>1.1 Contribuições de diferentes autores a respeito da fraseologia</b> .....	21
1.1.1 Saussure (1988; 2006).....	22
1.1.2 Bally (1951).....	24
1.1.3 Zuluaga (1975).....	27
1.1.4 Corpas Pastor (1996).....	30
1.1.5 Tagnin (2005).....	35
1.1.6 Beneduzi (2008).....	38
<b>1.2 As Locuções</b> .....	43
1.2.1 Concepção de Casares (1992).....	45
1.2.2 Concepção de Corpas Pastor (1996).....	49
<b>1.3 Uma concepção de locução verbal</b> .....	55
<b>2 A FRASEOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA</b> .....	58
<b>2.1 Métodos e enfoques para o ensino de língua estrangeira</b> .....	58
<b>2.2 A importância da fraseologia no ensino e aprendizagem de LE</b> .....	62
<b>3 LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E METALEXICOGRAFIA</b> .....	72
<b>3.1 A interface entre Lexicologia, Lexicografia e Metalexigrafia</b> .....	73
<b>3.2 Classificação das obras lexicográficas</b> .....	79
3.2.1 O ponto de vista da Linguística Teórica.....	80
3.2.2 Critério histórico-cultural.....	83
3.2.3 Critérios práticos.....	86
<b>3.3 O Dicionário Bilíngue (DB)</b> .....	96
3.3.1 O usuário.....	99

3.3.2 A função da obra.....	99
3.3.3 Direção do dicionário.....	100
3.3.4 A macroestrutura e a microestrutura do dicionário bilíngue.....	103
3.3.5 O anissomorfismo.....	105
<b>4 A FRASEOLOGIA NOS DICIONÁRIOS.....</b>	<b>107</b>
<b>4.1 A fraseologia e os dicionários – concepções de alguns autores.....</b>	<b>108</b>
4.1.1 As unidades fraseológicas na macroestrutura e sua lematização.....	114
4.1.2 As unidades fraseológicas e as informações da microestrutura.....	119
<b>5 LOCUÇÕES VERBAIS: UMA ANÁLISE DE DICIONÁRIO BILÍNGUE GERAL.....</b>	<b>123</b>
<b>5.1. Santillana e as locuções verbais.....</b>	<b>123</b>
<b>6 PROPOSTA DE MACRO E MICROESTRUTURA PARA UM DICIONÁRIO DE LOCUÇÕES VERBAIS - PORTUGUÊS-ESPANHOL.....</b>	<b>147</b>
<b>6.1 Taxonomia do dicionário.....</b>	<b>148</b>
<b>6.2 A macroestrutura do dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais – português/espanhol.....</b>	<b>157</b>
6.2.1 A seleção das locuções verbais.....	158
6.2.3 O lema das locuções verbais.....	161
<b>6.3 A microestrutura do dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais português/espanhol.....</b>	<b>174</b>
6.3.1 Os equivalentes.....	175
6.3.2 A marcação lexicográfica dos equivalentes.....	177
6.3.2.1. <i>Marcação gramatical</i> .....	178
6.3.2.2. <i>Marcação diassistêmica</i> .....	182
6.3.3. Forma canônica.....	187
6.3.4 A variação.....	188

6.3.5 Considerações adicionais e exemplos.....	190
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>197</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>201</b>

## INTRODUÇÃO

Conhecer e estudar as expressões típicas de um idioma é fundamental para se adquirir um desempenho linguístico fluente, já que conhecimentos gramaticais não são o bastante para se dominar uma língua estrangeira. Ao aprendermos um novo idioma, o estudo das expressões idiomáticas possibilita uma aprendizagem ao mesmo tempo linguística e cultural; por meio dessas expressões o homem fala de seus costumes, de seus pensamentos e ideologias, resultado da história de cada povo.

O problema que constatamos é que, além das dúvidas dos aprendizes referentes a unidades fraseológicas, muitas vezes, os próprios professores da língua estrangeira desconhecem o significado dessas expressões, e os livros didáticos, que são repletos dessas unidades, poucas vezes trazem o equivalente na língua materna do aluno. Diante desses fatos, não é difícil perceber que professores e alunos recorrem a dicionários bilíngues com o objetivo de compreender essas expressões que são tão idiomáticas e de difícil compreensão. Entretanto, geralmente, esses dicionários deixam a desejar, pois não apresentam critérios de seleção dessas unidades fraseológicas, nem metodologia para um tratamento adequado das mesmas. Desse modo, o que deveria servir para orientar, acaba deixando o consultante com as mesmas dúvidas ou mais confuso ainda do que quando iniciou sua busca.

Podemos dizer que os problemas que livros didáticos, dicionários e outras obras lexicográficas apresentam com relação ao tratamento das fraseologias ocorrem, em grande parte, devido à sua complexidade e, conseqüentemente, à insuficiência de estudos mais rigorosos sobre a natureza dessas expressões. Além disso, não podemos deixar de considerar que a discussão sobre a inclusão de elementos fraseológicos em obras lexicográficas ainda é recente.

Portanto, por toda diversidade de estruturas e de denominações, e por suas especificidades, a fraseologia é um dos elementos de maior dificuldade para quem estuda um idioma e/ou trabalha com uma língua estrangeira. Um dos maiores empecilhos para a

compreensão do que é a fraseologia e do que ela trata encontra-se na grande quantidade de variação denominativa referente a estruturas muito semelhantes conceitualmente. Até mesmo os especialistas têm consciência de que é difícil achar um limite que diferencie todos os tipos de combinações de uma língua.

Considerando que nem sempre o professor está preparado ou tem conhecimentos suficientes acerca do vasto conjunto de fraseologias que contém a língua estrangeira que ensina, e que o aluno que a estuda precisa saber se comunicar nos diferentes contextos discursivos, os quais exigirão, em algum momento, o domínio de expressões típicas da língua, e tendo em vista a dificuldade de reconhecimento de fraseologias e a diversidade de designações existentes, nos propomos a fazer uma revisão da literatura especializada na área da Fraseologia, para identificarmos as características desse fenômeno linguístico, entendê-lo melhor e buscar uma delimitação conceitual adequada para o nosso objeto de estudo: as locuções verbais.

Portanto, temos como um objetivo reconhecer e identificar as estruturas sintagmáticas conhecidas como locuções verbais. Optamos por estudar esse tipo de locução devido ao grau de figuratividade ou não transparência que a maioria apresenta e por serem expressões que, devido a sua idiomaticidade<sup>1</sup>, não permitem uma tradução literal, fato que justifica a sua complexidade e implica dificuldades no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, principalmente, no momento da produção. Assim, propomos-nos a fazer uma aproximação entre as locuções da língua portuguesa e da língua espanhola, idioma com o qual trabalhamos e o qual lecionamos.

Sendo assim, a ideia desse trabalho surgiu em decorrência de meus estudos durante a graduação e devido a minha prática como professora de espanhol – língua estrangeira (E/LE). Tive meu primeiro contato com a Fraseologia ao trabalhar como monitora junto ao Setor de Espanhol da UFRGS, onde auxiliei na realização de um

---

<sup>1</sup> Idiomaticidade entendida aqui nos termos de Tagnin (2005): como sinônimo de significando “não transparente” ou “opaco”, na qual a soma dos constituintes da unidade não justifica o significado da expressão, que é depreendido pelo conjunto.

trabalho de tradução de provérbios do espanhol para o português<sup>2</sup>. Posteriormente, realizei meu trabalho de conclusão de curso na mesma área, intitulado *El uso de proverbios en la enseñanza de ELE*. Durante um ano, tive a oportunidade de participar do projeto Termisul, junto ao pré-projeto *Identificação e descrição das combinatórias léxicas especializadas da gestão ambiental em língua portuguesa e em língua espanhola*<sup>3</sup>, que tinha como objetivo a busca, descrição e análise de unidades fraseológicas especializadas.

Depois que efetivamente entrei em contato com o ensino e aprendizagem do espanhol, ao ministrar aulas de língua espanhola, deparei-me com questionamentos dos alunos do tipo: *Como se diz pão duro; caiu a ficha; sem pé nem cabeça; de cabelo em pé; às escondidas; onde o diabo perdeu as botas, etc., em espanhol?* Frente a esses questionamentos tão legítimos, me vi completamente envolvida pelo fenômeno fraseológico das línguas e diante de uma tarefa árdua: compreender a faceta idiomática da língua espanhola e motivar os alunos a entender e a produzir expressões típicas da língua.

Naturalmente, recorri a dicionários e a livros didáticos, com a certeza de que essas obras poderiam ajudar-nos a compreender e produzir expressões idiomáticas da língua espanhola. O que verifiquei é que, na maioria das vezes, essas obras deixam a desejar ao tratar de fraseologias. Muitas vezes, tive dificuldades de entender o uso de alguma unidade e, até mesmo, evidenciei a falta de registro de unidades corriqueiras nas línguas.

Diante da dificuldade de se denominar e se delimitar as fraseologias de uma língua e da decorrente incoerência no tratamento dado às combinações de palavras dentro de obras lexicográficas, surgiu a ideia de elaborarem-se parâmetros para construção de um dicionário fraseológico. Com este trabalho, portanto, esperamos (minha orientadora, Cleci Bevilacqua, e eu) contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, na medida em que nosso objetivo principal é apresentar uma macro e microestrutura de um dicionário de locuções verbais – português/espanhol que procura dar conta das particularidades dos fraseologismos e busca auxiliar o aprendiz do espanhol

---

<sup>2</sup> Coordenado pela professora Maria Lúcia Machado de Lorenci.

<sup>3</sup> Coordenado pela professora Cleci Bevilacqua.

na sua produção linguística, além de fornecer subsídios ao professor de língua estrangeira na sua prática docente.

No intento de alcançarmos nossos objetivos, estruturamos este trabalho de modo que pudéssemos construir, ao longo dos estudos, uma fundamentação teórica, além de estratégias e critérios, para elaboração de uma obra realmente eficaz. O trabalho divide-se conforme expomos a seguir.

No primeiro capítulo, tendo em vista os diferentes tratamentos dado ao fenômeno fraseológico e à diversidade de denominações que existem, apresentamos uma revisão das contribuições acerca da fraseologia da Língua Comum feita por diferentes autores ao longo dos estudos lexicológicos, a fim de identificar os aspectos que caracterizam ditas combinações. Nesse capítulo, são estudados autores como Saussure, Bally, Casares, Corpas Pastor, entre outros. Por meio das contribuições dos autores, foi possível traçar nossa concepção de locução verbal, que serviu para cumprirmos os objetivos dos próximos capítulos.

No segundo capítulo, por meio de abordagens teóricas, métodos e enfoques acerca do processo de aquisição de línguas, evidenciamos a importância das expressões idiomáticas no cenário de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, considerando que, mediante o estudo das expressões típicas de uma língua, expõe-se o aluno a um ambiente de aprendizagem repleto de questões socioculturais decorrentes da carga cultural atrelada às expressões, além de propiciar atividades que envolvam um estudo ao mesmo tempo linguístico e cultural do idioma.

No terceiro capítulo, apresentamos um breve panorama das duas disciplinas que fundamentam nossos parâmetros para a elaboração de um dicionário - a Lexicografia e a Metalexigrafia, incluindo-se o seu enfoque pedagógico. Nesse capítulo, estudamos a classificação de obras lexicográficas, conforme a bibliografia especializada, a fim de detalhar as características de um dicionário bilíngue e seus elementos constituintes presentes na macroestrutura e na microestrutura.

No quarto capítulo, após verificarmos as propriedades gerais de um dicionário bilíngue e os problemas comumente encontrados nessa obra, identificamos os critérios

geralmente utilizados para inserção de fraseologias em dicionários, e o tratamento dado a essas estruturas complexas da língua na Lexicografia. Destacamos aspectos relativos à delimitação e lematização dos fraseologismos, bem como a informações microestruturais, a fim de estabelecer, posteriormente, nossos próprios critérios.

Dedicamos o quinto capítulo à análise do tratamento dado às locuções verbais das línguas portuguesa e espanhola no dicionário bilíngue *Santillana* (2008). Primeiramente, verificamos como é feita a delimitação das unidades que compõem a macroestrutura e analisamos os critérios de inserção das expressões, e, logo após, evidenciamos o tratamento dado aos equivalentes e às informações na microestrutura do dicionário. Esse capítulo destina-se a uma reflexão do fazer lexicográfico para que possamos, no capítulo seguinte, elaborar os nossos critérios de construção de um dicionário bilíngue de fraseologias.

No sexto capítulo, após termos delimitado e definido nosso objeto de estudo (as locuções verbais) e com base nas discussões lexicográficas apresentadas ao longo do trabalho, apresentamos nossos parâmetros para elaboração de uma macro e microestrutura de um dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais – português/espanhol, que busca realmente cumprir com sua função de auxiliar na produção de espanhol como língua estrangeira, mais especificamente, na produção de expressões idiomáticas da língua.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, com a esperança de haver colaborado para o processo de ensino e aprendizagem da língua espanhola.

## 1 REVISÃO DA LITERATURA: A FRASEOLOGIA DA LÍNGUA COMUM

A fraseologia é ainda objeto de poucos estudos no Brasil, sendo que os primeiros estudos realizados nessa área foram feitos em relação à Língua Comum (LC)<sup>4</sup>. De modo geral, pode-se entender por unidade fraseológica as combinações de mais de uma palavra, de caráter estável e típicas de uma determinada língua ou área especializada (*pão duro; reciclar resíduos*). No entanto, diversos autores tratam desse fenômeno linguístico evidenciando diferentes posições com relação ao seu critério de formação e a suas características. Por essa razão, este capítulo apresenta, num primeiro momento, algumas contribuições de diversos autores sobre a fraseologia; em seguida, busca-se caracterizar as locuções verbais de acordo com autores como Casares e Corpas Pastor, visto que essas expressões são o foco desta pesquisa. Posteriormente, apresentamos uma proposta de definição de locução verbal.

### 1.1 Contribuições de diferentes autores a respeito da fraseologia

Tendo em vista os diferentes tratamentos dado às combinações de palavras de uma língua e a diversidade de denominações que existem, será apresentado, a seguir, um estudo das contribuições acerca da fraseologia da LC feita por diferentes autores ao longo dos estudos lexicológicos a fim de identificar os aspectos que caracterizam ditas combinações. O leitor encontrará, nesta seção, autores como Saussure (1988; 2006), Bally (1951); Zuluaga (1975), Casares (1992). Corpas Pastor (1996), Tagnin (2005) e Beneduzi (2008). Esses autores serão retomados, ao longo deste trabalho, pois servem de

---

<sup>4</sup>Língua Comum diferencia-se da Língua Especializada (LEsp) devido à situação em que é utilizada. Apesar de ambas fazerem uso do mesmo sistema fonológico, morfológico e sintático, a primeira “*é utilizada para o intercâmbio de índole geral, sem orientação específica dada por algum campo do saber. Seus usuários são os falantes de uma comunidade linguística e a situação comunicacional é informal*” (BEVILACQUA, p.18, 1996), enquanto que a LE é típica de uma determinada área especializada, como por exemplo: *proteger o meio ambiente, politicamente correto*, etc. e é utilizada por especialistas, geralmente em situações formais.

subsídio teórico para identificarmos e compreendermos o fenômeno fraseológico. A presença dos dois primeiros se explica devido à sua importância para os estudos linguísticos e fraseológicos e por serem os primeiros pesquisadores a tratarem efetivamente da fraseologia. São desses autores que resgatamos as principais características desse fenômeno, como a noção sintagmática observada por Saussure já nos primórdios do século XX, e a existência de graus de fixação reconhecida por Bally; características essas que são retomadas por autores posteriores: Zuluaga e Corpas Pastor. Esses, por sua vez, são importantes autores para a fraseologia espanhola, por isso tornam-se importantes para este trabalho. Além disso, esses pesquisadores apresentam características das unidades fraseológicas do espanhol que nos ajudam a entender as locuções que são analisadas aqui.

Por outro lado, Tagnin e Beneduzi são autoras modernas, que tratam do fenômeno fraseológico de maneira didática e por meio de uma classificação que permite diferenciarmos os tipos de fraseologia existentes, como faz Tagnin (2005) ao explicar a fraseologia através de três níveis: o *sintático*, o *pragmático* e o *semântico*. As autoras são importantes, ainda, pois realizaram pesquisas que dialogam com a proposta deste trabalho; ambas analisam o fenômeno fraseológico e seu tratamento em obras lexicográficas. Por fim, Casares é o autor que norteia este trabalho, uma vez que apresenta uma definição clara e completa das locuções verbais, considerando as principais classes de palavras para identificá-las, fato que torna esse autor didático e compreensível. Além disso, esse autor estuda, mais especificamente, as expressões da língua espanhola, unidades para as quais o nosso dicionário foi pensado.

### 1.1.1 Saussure (1988; 2006)

Apesar de Saussure não ser frequentemente citado nos estudos fraseológicos, não podemos deixar de considerar que ele foi um dos primeiros linguistas que refletiu acerca do caráter sintagmático da língua: “o sintagma se compõe sempre de duas ou mais

unidades consecutivas (por exemplo: *re-ler, contra todos; a vida humana; se fizer bom tempo, sairemos etc.*)” (SAUSSURE, 2006, p. 142).

Qualquer frase, para esse autor, é uma sequência de signos, na qual a soma de todos os signos colabora para o significado do todo. Os signos, portanto, estão ordenados de uma determinada maneira a fim de ocasionar significação específica. Fica claro perceber, que Saussure já trazia a ideia de que as palavras se juntam para formar um significado global específico, diferente da soma do significado de cada palavra.

Saussure (1988) afirma que existe um grande número de *frases feitas* pertencentes à língua, as quais o uso impede qualquer modificação, como exemplo, o autor cita *de que adianta; estar de lua* (p. 144), entre outros. Segundo o autor, essas expressões são fornecidas pela tradição e, portanto, não podem ser improvisadas, de onde podemos depreender o caráter estável e cultural dessas unidades.

Embora Saussure trate, mais precisamente, da formação morfológica das palavras simples, ou compostas, seu princípio também pode ser aplicado a unidades maiores, assim como afirma Bevilacqua (1996), ao analisar a proposta de Saussure:

Embora possamos considerar sua proposta como um princípio constitutivo dos sintagmas e que, portanto, vale para unidades mínimas, também pode ser aplicado às unidades maiores; ela representa, de certa forma, uma restrição para a análise dos agrupamentos, pois limita-se às regras da língua e desconsidera a liberdade expressiva que ocorre na fala ou em determinado discurso. (BEVILACQUA, 1996, p. 21).

Saussure reconhece que a língua apresenta unidades que não estão em uma relação sintagmática, como podemos ver em *sim; não; obrigado* (p.149); no entanto, de acordo com o autor esse fato não é suficiente para compreender o princípio geral:

Via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua tudo se reduz a agrupamentos. Esse mecanismo que consiste num jogo de termos sucessivos, se assemelha ao funcionamento de uma máquina cujas peças tenham todas uma

ação recíproca, se bem que estejam dispostas numa só dimensão. (SAUSSURE, 1988, p.149).

Essa noção de agrupamento, de relação sintagmática, de que não falamos por palavras isoladas, aparecerá nas abordagens de outros autores que tratam, mais diretamente, de fraseologia. Podemos perceber, portanto, que, apesar de Saussure não ser muito citado na bibliografia especializada, ele foi um dos primeiros linguistas que tratou de questões que serão retomadas por outros autores ao se referirem às características e definições das unidades fraseológicas (UFs)<sup>5</sup>.

### 1.1.2 Bally (1951)

Bally, discípulo de Saussure, afirmou que a assimilação dos fatos de linguagem se faz por associações e agrupamentos, assim como já havia constatado Saussure. Bally tenta deixar claro que nossa memória retém muito melhor as palavras em grupos do que as palavras isoladas, pois “nunca poderíamos conservar, nem empregar todas as palavras que sabemos da língua materna, se tivéssemos de aprendê-las separadamente”<sup>6</sup> (ibid., p. 67). Desse modo, para este autor, a associação de palavras é o principal motivo da rápida assimilação do idioma materno. Logo, se as combinações de palavras de uma língua são importantes para assimilarmos a língua materna, podemos depreender que, sem dúvida alguma, elas também são importantes para o aprendizado de uma língua estrangeira e, por isso, torna-se tão importante estudá-las.

Segundo Bally, os agrupamentos podem ser passageiros, nesse caso, eles se separam logo após serem formados; ou, devido à repetição, podem ter mais fixidez, receber um caráter usual e formar unidades indissolúveis, tornando-se mais estáveis:

---

<sup>5</sup> Esse termo, *unidade fraseológica*, é utilizado por Corpas Pastor e será utilizado neste trabalho para se referir a fenômenos fraseológicos de todos os tipos, por ser um termo genérico e bastante utilizado na Europa continental, a antiga URSS e os demais países do Leste, conforme Corpas Pastor, 1996, p. 18.

<sup>6</sup> Original: “jamais nous ne pourrions conserver ni employer tous les mots que nous savons de la langue maternelle, si nous devions les apprendre séparément”.

Pode-se, portanto, dizer que a combinação das palavras entre elas varia de aspecto nos limites formados por dois casos extremos: 1) a associação se desintegra imediatamente após sua formação, e as palavras que a compunham recobrem sua inteira liberdade de se agrupar de outra maneira; 2) as palavras, à força de serem empregadas em conjunto para a expressão de uma mesma idéia, perdem toda a autonomia, não podem mais se separar e só têm sentido pela sua união.<sup>7</sup> (BALLY, 1951, p. 68).

No entanto, de acordo com o autor, há, ainda, outros grupos intermediários situados entre esses dois casos extremos, os quais são chamados de:

- *séries fraseológicas* ou *agrupamentos usuais*: há série ou agrupamento usual quando os componentes do grupo, isoladamente, conservam sua autonomia, mas sempre mostrando no conjunto uma afinidade que os aproxima; como exemplo o autor cita as palavras *malade* (doente) e *gravement* (gravemente), que são palavras independentes no seu emprego, mas que, para indicar a intensidade da doença, se agrupam, formando uma série fraseológica. Dessa forma, o uso consagrou um certo número de advérbios para combinar-se com *malade*: *sérieusement* (seriamente), *gravement* (gravemente), *dangereusement* (perigosamente), todos significando na combinação “gravemente doente”. Nesse caso, o grau de coesão é relativo;

- *unidades fraseológicas* (UFs): as palavras que compõem a unidade perdem totalmente sua significação quando separadas do conjunto; é somente através do conjunto, portanto, que se obtém uma significação e não pela soma de seus constituintes, “o sentido se impõe com mais força e o grupo se reproduz tal qual a cada repetição”<sup>8</sup> (ibid., p. 75). São exemplos desse tipo as locuções verbais e adverbiais, como *sem cessar*; *mais ou menos*, etc. Nesse caso, o grau de coesão é absoluto.

As UFs, segundo Bally, são identificadas por:

<sup>7</sup> Original: “On peut donc dire que la combinaison des mots entre eux varie d’aspect dans les limites formées par deux cas extrêmes: 1) l’association se désagrège aussitôt après sa formation, et les mots qui la composaient recouvrent leur entière liberté de se grouper autrement; 2) les mots à force d’être employés ensemble pour l’expression d’une même idée, perdent toute autonomie, ne peuvent plus se séparer et n’ont de sens que par leur réunion”.

<sup>8</sup> Original: “le sens total s’impose avec plus de force et le groupe se reproduit tel quel à chaque répétition”.

- a) **Índices exteriores** (relacionados à forma dos agrupamentos): a unidade é formada por várias palavras separadas pela escrita; a ordem das palavras é invariável e não podem ser separadas por outras; impossibilidade de substituição de alguma palavra do grupo.

O autor adverte, no entanto, que essas condições podem não ser suficientes para caracterizar uma UF e que há locuções perfeitamente caracterizadas, mas que não respondem a essas condições (*toujours* – sempre –, por exemplo, é escrita em uma só palavra). Assim, para Bally, os verdadeiros índices para se reconhecer um agrupamento fraseológico não são os índices exteriores, mas sim os que vêm a seguir:

- b) **Índices interiores:** relacionados ao modo como os falantes entendem os agrupamentos. Equivalência da “locução” a uma palavra única; o esquecimento do sentido dos elementos (o falante não pensa nas palavras isoladas); presença, na “locução”, de arcaísmos (apesar de não serem mais utilizados na linguagem corrente os arcaísmos são “retomados” em algumas unidades), e de elipse.

Enfim, segundo Bally, temos na língua unidades na qual a coesão dos termos é absoluta, enquanto em outras a coesão é relativa. Assim, a relação entre o fato do pensamento e o fato de linguagem fica gravada na memória e tende a ser reproduzida na linguagem; quando a associação alcança o seu mais alto grau de coesão, o grupo é consagrado pelo uso. Bally chama esses grupos consagrados pelo uso de *locuções fraseológicas*.

Considerando a complexidade do fenômeno fraseológico e a escassez de estudos nessa área na época em que Bally trouxe suas ponderações acerca das unidades fraseológicas, podemos considerá-lo um autor importante para o estudo da fraseologia, posto que ele foi o primeiro estudioso a falar em graus de fixação dos grupos de palavras – ou seja, ele se deu conta de que algumas palavras tendem a se combinar mais “intimamente” do que outras –, além de propor de forma precursora índices para

reconhecimento dessas unidades, os quais serão retomados por outros autores ao longo dos estudos fraseológicos, como veremos.

### 1.1.3 Zuluaga (1975)

Zuluaga trata da fraseologia a partir da linguística funcional, a qual, segundo ele, apresenta duas distinções fundamentais: a **técnica do discurso**, que abarca as unidades linguísticas, os elementos e as regras que são necessárias para a sua combinação no falar; e o **texto repetido** constituído pelas unidades “formadas por combinação fixa de duas ou mais palavras” (1975, p.1). Segundo o autor, essas expressões fixas podem ser chamadas de “ditos”, “modismos”, “fórmulas”, “frases feitas”, “refrões”, etc.

Zuluaga afirma que as regras que formam ditas expressões, por serem fixas, não são as mesmas que formam as unidades livres. Dessa forma, a característica fundamental das expressões fraseológicas para o autor é a estabilidade, decorrente da fixação. Essas unidades são reproduzidas pelos falantes que as utilizam, sem alterá-las ou suprimir algum componente, de modo que essas expressões são repetidas sempre da mesma forma, por isso, são unidades de texto repetido.

Zuluaga analisa as características dessas unidades que ele chama de *expressões fixas*. Primeiramente o autor divide a fixação em quatro tipos:

1. Inalterabilidade da ordem dos componentes (*común y corriente* / *\*corriente y común*)<sup>9</sup>.
2. Invariabilidade de alguma categoria gramatical (*pagar los platos rotos* / *\*pagar el plato roto*)<sup>10</sup>.
3. Não admissão da operação de inserção (*poner pies en polvorosa* / *\*poner ambos pies en polvorosa*)<sup>11</sup>.
4. Impossibilidade de substituição dos componentes da unidade (*a brazo partido* / *\*a brazo quebrado*)<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Habitual – “comum e corrente”.

<sup>10</sup> Ser castigado injustamente por um ato que não cometeu – “pagar o pato”.

<sup>11</sup> Fugir, escapar – “dar no pé”.

Para Zuluaga, as expressões fixas pertencem à fala: “são produtos de ‘instâncias de discurso’ – no sentido de Benveniste<sup>13</sup> –, que logo se repetem sem ser alterados” (Zuluaga, 1975, p.5)<sup>14</sup>. O autor afirma que a fixação é arbitrária, já que não há nenhuma explicação semântica ou sintática que justifique, por exemplo, o fato de a expressão *buenas noches* ser fixada no plural, enquanto em português está fixada no singular (boa noite). Essas expressões, portanto, têm uma determinada forma devido ao uso repetido dos falantes.

Assim como Bally, Zuluaga também faz algumas observações acerca dos graus de fixação. Segundo o autor, há várias escalas de fixação dentro de uma língua; no entanto, o importante é distinguir as combinações fixas das que não são fixas e determinar os tipos de fixação que apresentam. Dessa forma, apresenta casos em que o grau de fixação da expressão não é absoluto:

- intercalação na expressão fraseológica de elementos que não pertencem a ela (*todo queda en familia; todo queda, como quien dice, en familia*)<sup>15</sup>. A intercalação permite identificar certa autonomia dos componentes dentro da unidade. Esse tipo de expressão não apresenta coesão absoluta entre seus constituintes, mas deve apresentar outro tipo de fixação (como impossibilidade de substituição dos componentes, por exemplo), caso contrário, não será uma expressão fraseológica;
- alteração da ordem dos elementos componentes: como ocorre com a expressão *caer gordo* para *qué gordo me caen los gringos*<sup>16</sup>;
- transferência real de toda expressão fraseológica: *afirmación falsa* → *la falsedad de la afirmación*; *tomar el pelo* → *tomador de pelo*<sup>17</sup>.

---

<sup>12</sup> Com muita força, garra, perseverança – “com todas as forças”.

<sup>13</sup> Segundo Benveniste (1988), *instâncias dos discursos* são “os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em forma de palavra pelo locutor” (p. 277). Para Benveniste, o indivíduo, ao colocar a língua em funcionamento, a transforma em discurso, e esse discurso é considerado pelo autor como uma instância inteiramente histórica e social.

<sup>14</sup> Original: “son productos de ‘instancias de discurso’ - en el sentido de Benveniste - , que luego se repiten sin ser alterados”.

<sup>15</sup> Tudo fica entre pouca gente e entre pessoas próximas, de confiança, íntimas – “tudo fica em família”.

<sup>16</sup> Resultar desagradável, antipático; “não simpatizar com alguém”.

<sup>17</sup> “informação falsa” → “a falsidade da informação”; “tirar sarro” → “tirador de sarro”.

Ao tratar dos graus de fixação, Zuluaga reconhece, ainda, que há casos de expressões *variantes*, fenômeno que ocorre quando uma expressão permite substituir um elemento por outro, sem alterar o significado. No entanto, o autor adverte que é importante saber diferenciar uma expressão variante de uma *pseudovariante*. As expressões *pseudovariantes* são as que, em comparação, apresentam uma mudança de significado, ou uma mudança categorial, como no caso de *tomar el pelo – tomadura del pelo*<sup>18</sup>; ou, ainda, que apresentam estruturas e componentes totalmente diferentes, mesmo que tenham o mesmo significado, como *tomar las de Villadiego – poner pies en polvorosa*, devendo ser consideradas sinônimas. Tampouco devemos considerar como variantes expressões como *pasar varias noches en vela – pasar dos noches en vela*, pois estamos diante de variações livres, as quais são necessárias para a adaptação às necessidades do discurso. Expressões comumente chamadas de “variantes regionais” e “variantes socioculturais” são, também, pseudovariantes, já que temos, no primeiro caso, duas línguas funcionais diferentes e, no segundo caso, temos níveis de linguagem distintos – *me importa un chorizo* na Colômbia, por exemplo, é uma variante popular de *me importa un bledo*<sup>19</sup>.

Diante das transformações que as expressões fraseológicas costumam sofrer, Zuluaga define algumas características que *expressões variantes* devem apresentar para que sejam autênticas:

- devem ser consideradas dentro de uma mesma língua funcional;
- não podem apresentar diferenças de sentido;
- não dependem do contexto;
- a substituição é parcial, uma vez que se substitui apenas uma parte, ou um elemento da expressão;
- a própria substituição deverá ser fixa, já que o elemento substituído e o substituinte estão previamente estabelecidos, assim em *todo queda en casa*, apenas o elemento *casa* pode ser substituído, e *casa* só pode ser substituído por *família* e não por *hogar*, por exemplo. Desse modo, a substituição quando é permitida já está fixada.

---

<sup>18</sup> “tirar sarro” (loc. verbal) – “tirada de sarro” (loc. nominal).

<sup>19</sup> No sentido de “não me importo nem um pouco”.

Verificamos que algumas expressões fraseológicas podem apresentar variação formal e semântica sem perder seu caráter de fixa; sem que haja uma variação semântica de toda a expressão, ou a decomposição do significado. Zuluaga retoma, portanto, a ideia de variação de graus de fixação das unidades já apresentada por Bally. Além disso, a noção de *variante* apresentada pelo autor, que será retomada por Corpas Pastor, pode nos ajudar ao pensarmos na composição de um dicionário, no momento de selecionarmos as expressões consideradas “sinônimas” em uma mesma língua funcional.

#### 1.1.4 Corpas Pastor (1996)

Buscando amenizar a imprecisão de termos utilizados para definir os diferentes tipos de combinações de palavras de uma língua e no intento de encontrar uma denominação que contivesse as características mais sobressalentes de ditas unidades, Corpas Pastor (1996) opta pela denominação *unidade fraseológica*<sup>20</sup>, por considerá-lo um termo genérico e bem aceito nos lugares onde mais se tem pesquisado sobre os sistemas fraseológicos das línguas<sup>21</sup>.

A partir de trabalhos já escritos sobre o tema<sup>22</sup>, a autora identifica as principais características das unidades fraseológicas e conclui:

As unidades fraseológicas – objeto de estudo da fraseologia – são unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Ditas unidades se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de coaparição de seus elementos integrantes; por sua institucionalização, entendidas em termos de fixação e especialização semântica; por sua idiomatidade e variação potenciais; assim como pelo grau no qual se dão todos esses aspectos nos diferentes tipos. (ibid., p. 20)<sup>23</sup>.

<sup>20</sup> *unidad fraseológica* em espanhol.

<sup>21</sup> Estes lugares são a Europa continental, a antiga URSS e os demais países do Leste.

<sup>22</sup> De autores como Casares, 1992; Cowie, 1995; Gläser, 1986b; Braasch, 1988; Gross, 1988; entre outros.

<sup>23</sup> Original: “Las unidades fraseológicas – objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en

Corpas Pastor apresenta brevemente esses aspectos, propondo, assim, as características da combinatória léxica:

- a) *Frequência*: apresenta duas vertentes. A primeira chamada de *frequência de coaparição* (os elementos constituintes de uma UF's apresentam uma frequência de aparição conjunta maior do que a frequência de aparição de cada palavra sozinha) e a segunda chamada de *frequência de uso* (alta frequência de aparição das expressões fixas em geral). A frequência torna-se uma característica sobressalente, posto que quanto mais usada for uma combinação, mais chances terá de se consolidar como expressão fixa.
- b) *Institucionalização*: o uso frequente das UF's pode culminar em sua institucionalização, ou convencionalidade. Nesse caso, a repetição conduz à fixação da expressão, ficando excluídas outras formas que também poderiam ser usadas, segundo o sistema linguístico. De acordo com Copras Pastor, a institucionalização caracteriza as produções linguísticas dos falantes, uma vez que eles, de modo geral, não criam suas próprias combinações de palavras, mas utilizam combinações pré-fabricadas, ou seja, já criadas e reproduzidas no discurso. Isso justifica a importância de essas combinações serem registradas em dicionários, uma vez que funcionam como “unidades do léxico mental, ou seja, armazenam-se e usam-se como entidades completas em maior ou menor grau”<sup>24</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 22).
- c) *Estabilidade*: essa característica abarca fenômenos de institucionalização e de lexicalização. A institucionalização compreende duas características essenciais:
- a fixação/estabilidade formal: trata-se de uma estabilidade arbitrária, estabelecida pelo uso. A fixação pode ser interna ou externa. A fixação interna pode ser de dois tipos: **material**, como a impossibilidade de reordenação, de inserção, supressão, etc.; e **de conteúdo**, o qual abarca as peculiaridades semânticas. A fixação externa compreende vários subtipos, que abarcam desde unidades linguísticas utilizadas em determinadas situações sociais (como *Encantado en conocerle*) até

---

términos de fijación y especialización semántica; por su idiomaticidad y variación potenciales; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos”.

<sup>24</sup> Original: “unidades del lexicón mental, es decir, se almacenan y se usan como entidades completas en mayor o menor grado”.

unidades usadas em determinadas posições na formação de textos (como despedidas de cartas, por exemplo).

- especialização semântica/lexicalização: A comunidade falante ao estabelecer uma associação direta e homogênea entre a UF e a interpretação de seu conteúdo semântico, possibilita que a unidade esteja pronta para sofrer uma mudança semântica. A especialização semântica compreende duas vertentes. A primeira se adquire como resultado da soma do significado<sup>25</sup>, e a segunda é o resultado da supressão de significado<sup>26</sup>. Segundo Corpas Pastor, primeiro ocorre a fixação e, posteriormente, pode haver uma mudança semântica.

d) *Idiomaticidade*: essa característica traz consigo a ideia de que o sentido unitário da unidade não se justifica pelo significado individual de cada constituinte. De acordo com Corpas Pastor, o termo *idiomático* foi empregado tanto no sentido etimológico de ser peculiar a uma língua, quanto no sentido de característica própria de certas combinações fixas (opacidade semântica). As UFs podem apresentar dois tipos de significado denotativo – o **literal** – e o **figurativo** (idiomático). O significado denotativo figurativo é resultado de processos metafóricos e/ou metonímicos. De onde podemos depreender que algumas fraseologias são produtos de metáforas e metonímias utilizadas pelos falantes.

e) *Variación*: essa característica está relacionada com a ideia de que a fixação das UFs é relativa<sup>27</sup>:

A variação fraseológica constitui um universal lingüístico (Dobrovolski, 1988:159), a partir do qual se pode medir o grau de regularidade de um sistema fraseológico dado: quantas mais variações, transformações e modificações apresentem os

---

<sup>25</sup> Corpas Pastor cita como exemplo a expressão *poner el dedo en la llaga* (acertar com a verdadeira origem do mal, com aquilo que mais afeta a uma determinada pessoa, DILE – Diccionario Ilustrado de la Lengua Española). Podemos pensar na expressão *por o dedo na ferida* em português.

<sup>26</sup> Corpas Pastor cita como exemplo a expressão *hacer alusión* = “aludir”. Podemos pensar em *levar em consideração* = “considerar” em português.

<sup>27</sup> A autora cita como exemplo a expressão *alzarse/cargar con el santo y la limona* (apropriar-se do que pertence a alguém, e, ademais, ao alheio, LDPL (Larrousse Diccionario Práctico de Locuciones). Ao falarmos em fixação relativa podemos pensar em português na unidade *colocar/pôr lenha na fogueira*.

fraseologismos de uma língua, mais regular é seu sistema fraseológico (CORPAS PASTOR, 1996, p.28).<sup>28</sup>

- f) *Variantes*: Carpos Pastor retoma as reflexões sobre variantes de Zuluaga. A autora concorda com Zuluaga quando ele afirma que as UFs podem ser consideradas variantes quando: fizerem parte de uma mesma língua funcional; não apresentarem significados diferentes; serem independentes dos contextos onde aparecem; serem parecidas em sua estrutura e em seus componentes; e serem fixas no sentido de serem estáveis<sup>29</sup>. A autora chama atenção para o fato de que as variantes se diferem das variações por derivação (*ser un culo/culillo de mal asiento* – “pessoa que muda muito de emprego, residência”, *Diccionario de uso del Español* – DUE), e das transformações (*metedura de pata* a partir de *meter la pata* – “intervir em alguma coisa com ditos ou feitos inoportunos”, *Diccionario de la Real Academia* – DRAE).
- g) *Modificações*: não devem confundir-se com variantes. Segundo Corpas Pastor, quanto maior for o grau de fixação de uma UF, maiores são as suas chances de sofrer uma modificação no discurso, e de essa modificação ser reconhecida pelos falantes. A autora explica esse fato mediante o conceito de *palavra potencial* das autoras russas Alexandrova e Ter-Minasova, as quais acreditam que os constituintes das UFs funcionam como palavras potenciais que obtêm um novo significado devido ao significado global da unidade, como por exemplo, *ter um ar de*, em que o significado potencial de “ar” passa a ser “aparência”.
- h) *Gradação*: essa característica se refere ao fato de as UFs apresentarem várias das características anteriores em graus diferentes. Há, portanto, uma escala gradual que se dá tanto na estrutura semântica, como em outras características (institucionalização, variação e fixação). Essa característica é considerada muito importante entre os

---

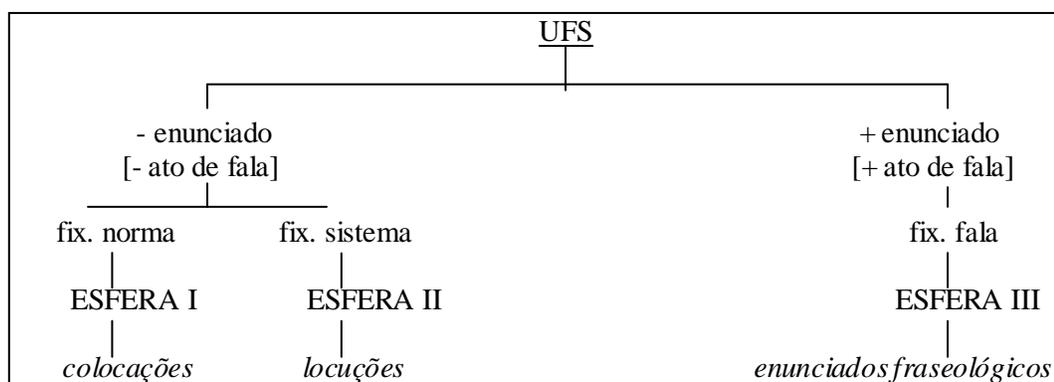
<sup>28</sup> Original: “La variación fraseológica constituye un universal lingüístico (Dobrovolski, 1988:159), a partir del cual se puede medir el grado de regularidad de un sistema fraseológico dado: cuantas más variaciones, transformaciones y modificaciones presenten los fraseologismos de una lengua, más regular es su sistema fraseológico.”.

<sup>29</sup> Como exemplo a autora cita as variantes *todo queda en casa* e *todo queda en familia* (resolver um assunto sem que transcenda do âmbito familiar, LDPL). Adverte ainda que a unidade *\*todo queda en hogar* não é usada. Em português podemos pensar nas variantes *soltar o verbo* e *soltar os cachorros*, mas não em *\*soltar o substantivo* ou *\*soltar os gatos*.

estudiosos de fraseologias, servindo, até mesmo, como parâmetro para classificação das unidades.

A partir do levantamento dessas características e de estudos sobre concepções de fraseologia de diversos autores, Corpas Pastor apresenta sua proposta de classificação das unidades fraseológicas em espanhol. Sua classificação pode nos ajudar a entender o lugar que as locuções do espanhol ocupam para essa autora.

Ela estabelece dois grupos de UFs: as que não constituem enunciados completos, e as que são enunciados completos (oração simples ou composta). O primeiro grupo abarca unidades que precisam se combinar com outros signos linguísticos, já que não constituem ato de fala, nem enunciado. Divide-se esse grupo em duas **esferas** – esfera I (UFs fixadas pela norma<sup>30</sup>) e esfera II (compreende UFs do sistema). De acordo com Corpas Pastor, as locuções se encaixam na esfera II do sistema; portanto, são consideradas livres, formadas por regras, mas apresentam uma fixação demarcada pelo uso. O segundo grupo (enunciados completos), por outro lado, compreende as UFs que “pertencem exclusivamente ao acervo sócio-cultural da comunidade falante (ou seja, são unidades da fala)<sup>31</sup>” (Corpas Pastor, 1996, p.51).



Esquema 1: Proposta de classificação das UFs por Corpas Pastor (1996, p. 52).

<sup>30</sup> Os conceitos já estabelecidos por Saussure entre *língua* – sistema abstrato – e *fala* – realização concreta desse sistema – são aprofundados por Coseriu (1980) que estuda a língua a partir de três níveis: *o sistema* (conjunto de todas as possibilidades de uma língua), *a norma* (é um subconjunto de realizações que o sistema possibilita; modelos abstratos de como deve funcionar; são imposições sociais que favorecem o uso de determinadas possibilidades do sistema em detrimento de outras); *a fala* (a realização dessas possibilidades do sistema da língua; manifestações concretas, variadas e variáveis, dos fatos linguísticos).

<sup>31</sup> Original: “pertenecen exclusivamente al acervo sócio-cultural de la comunidad hablante (es decir, son unidades del habla)”.

Nota-se que Corpas Pastor busca definir o que são unidades fraseológicas e apresenta o lugar que elas ocupam na língua, amenizando sua imprecisão, já que identifica suas principais características. Para tanto, retoma ideias de outros autores, como a noção de variação, que está associada à ideia de fixação já apresentada por Bally, ou a noção de variantes, já tratada anteriormente por Zuluaga. O fato é que, sintetizando o que há de mais importante no que os autores dizem sobre fraseologia, Corpas Pastor chega a uma definição mais ampla e clara de unidade fraseológica, apresentando características que nos auxiliam na hora de identificar essas expressões.

#### 1.1.5 Tagnin (2005)

Tagnin se refere às unidades fraseológicas da língua como “o jeito que se diz” e usa o termo *expressões idiomáticas* para denominar essas unidades. Ao falar em expressões idiomáticas a autora fala de convenção, daquilo que é aceito por todos:

As convenções linguísticas são os ‘jeitos’ aceitos pela comunidade que fala determinada língua. Assim, podemos chamar de convencionalidade o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística. (TAGNIN, 2005, p. 14).

Tagnin explica o fenômeno fraseológico mediante o conceito de convencionalidade<sup>32</sup>: “a mesma noção de convenção pode se aplicar à língua, tanto no nível social, isto é, deve-se saber *quando* dizer algo, quanto no nível linguístico, ou seja, saber *como* dizê-lo” (ibid, p. 15).

Segundo a autora, existem expressões que são convencionais por estarem relacionadas a um fato social; por outro lado, há outras expressões em que o que é convencional é a sua forma. Tagnin exemplifica o primeiro caso com a expressão *Feliz Natal*, que é convencional por estar relacionada à celebração do Natal. Como exemplo do segundo caso, cita a unidade *mundos e fundos* que se consolidou como expressão, pois se

---

<sup>32</sup> A autora entende por convencionalidade “aquilo que é de uso ou de praxe; consolidado pelo uso ou pela prática” ou “que obedece a padrões aceitos; não original, comum” (HOUAISS)

convencionou combinar as palavras *mundos* e *fundos* e não *universos* e *profundidades*, por exemplo. Além disso, conforme explica a autora, a ordem na qual as palavras aparecem também foi convencionada; não se diz, por exemplo, *fundos e mundos*. Fica claro perceber que Tagnin, embora não use os mesmos termos dos outros autores citados nesse trabalho, ao tratar de fenômenos fraseológicos, também apresenta características que revelam a fixação, a estabilidade e a institucionalização dessas unidades.

A convenção também pode estar no nível do significado, e, neste caso, estamos no campo da *idiomaticidade*:

Dizemos que uma expressão é idiomática apenas quando seu significado não é transparente, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos. Assim, bater as botas não significa ‘dar pancadas com calçado que envolve o pé e parte da perna’, mas quer dizer ‘morrer’. (TAGNIN, 2005, p. 16).

Assim, Tagnin chega à conclusão de que a expressão idiomática é sempre convencional, mas que nem toda a expressão convencional é sempre idiomática, já que existem expressões que são convencionais e transparentes, portanto, não idiomáticas (como é o caso de *Feliz Natal*).

A convencionalidade das expressões idiomáticas pode realizar-se em diversos níveis da língua: no nível sintático, semântico e pragmático. O nível sintático se refere à “combinabilidade dos elementos, sua ordem e sua gramaticalidade” (ibid., p. 17):

- combinabilidade: diz respeito ao fato de algumas palavras se combinarem com determinadas palavras de forma tão natural. Como exemplo, temos o caso do *coroca* que co-ocorre preferencialmente com *velha*, formando a expressão idiomática *velha coroca*. A única explicação possível para fenômenos como esse é a de que essa associação seja consequência do uso;

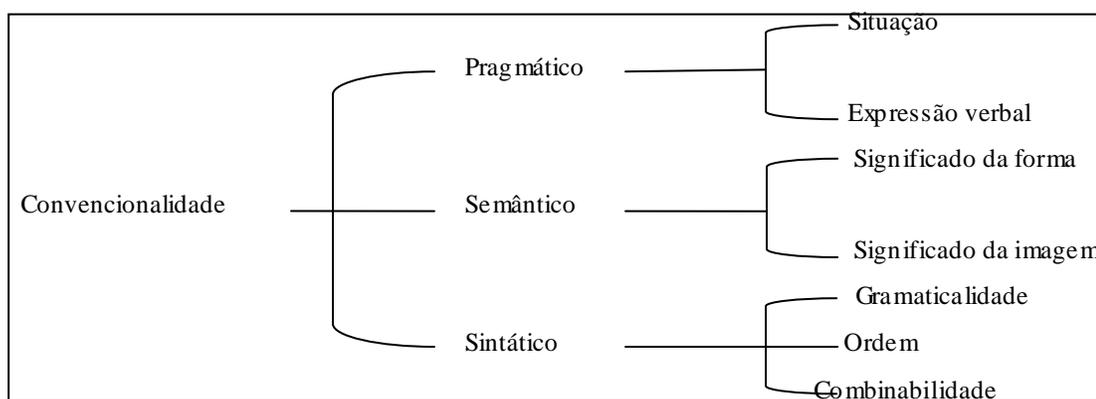
- ordem: a ordem dos elementos constituintes de uma expressão idiomática também pode ser resultado de convenção. Sempre dizemos, por exemplo, *cama, mesa e banho*, nessa ordem;

- gramaticalidade: há expressões que não estão de acordo com padrões gramaticais, mas que são aceitas pelos falantes, é o caso da expressão em inglês *by and large*<sup>33</sup>, que combina uma expressão com um adjetivo, sendo que, em estruturas com *and*, as unidades linguísticas devem ser da mesma classe gramatical. Em português podemos pensar na expressão *que nem*, usada no sentido de comparação, no lugar do “como” (*causar alvoroço que nem mata-mosquito em convento*).

No nível semântico “observa-se a convencionalidade na relação não motivada entre uma expressão e seu significado” (TAGNIN, 2005, p.19), como o caso de *bater as botas* significando “morrer”. O significado de uma imagem também pode ser convencionalizado, como na cultura ocidental, na qual tudo que é “para cima” é considerado bom e o que é “para baixo” é considerado ruim.

Já o nível pragmático compreende o uso da língua em diferentes situações comunicativas. Nesse caso, a situação exige um determinado comportamento social e a expressão que deve ser empregada na ocasião, como por exemplo, quando se recebe algo de alguém, a situação exige um agradecimento como *muito obrigado* ou simplesmente *obrigado*.

Para resumir os níveis de convencionalidade, Tagnin apresenta o seguinte esquema:



Esquema 2: Níveis de convencionalidade de acordo com Tagnin (2005)

<sup>33</sup> O mesmo que “em geral”, “geralmente”.

Consideramos Tagnin uma autora importante para o entendimento do que é a Fraseologia, uma vez que apresenta de maneira didática os diferentes tipos de unidades, denominadas por ela de “expressões idiomáticas”, por serem específicas de um idioma e não transparentes. A relevância desse tema já está explícita no título de sua obra: *O jeito que a gente diz*. Se quisermos aprender um idioma, nos expressar nessa língua e entender o interlocutor, temos de saber *o jeito como se diz*, ou seja, conhecer e entender como se comunicam os falantes dessa língua.

A autora evidencia uma característica importante dessas expressões: a convencionalidade, que pode se dar no nível pragmático, semântico, ou sintático. Sendo assim, a forma como utilizamos a língua, sua estrutura e o sentido que damos a ela e as suas expressões são frutos de uma convenção. Consegue, desse modo, explicar de forma clara os tipos de fraseologias da língua e os seus usos.

#### 1.1.7 Beneduzi (2008)

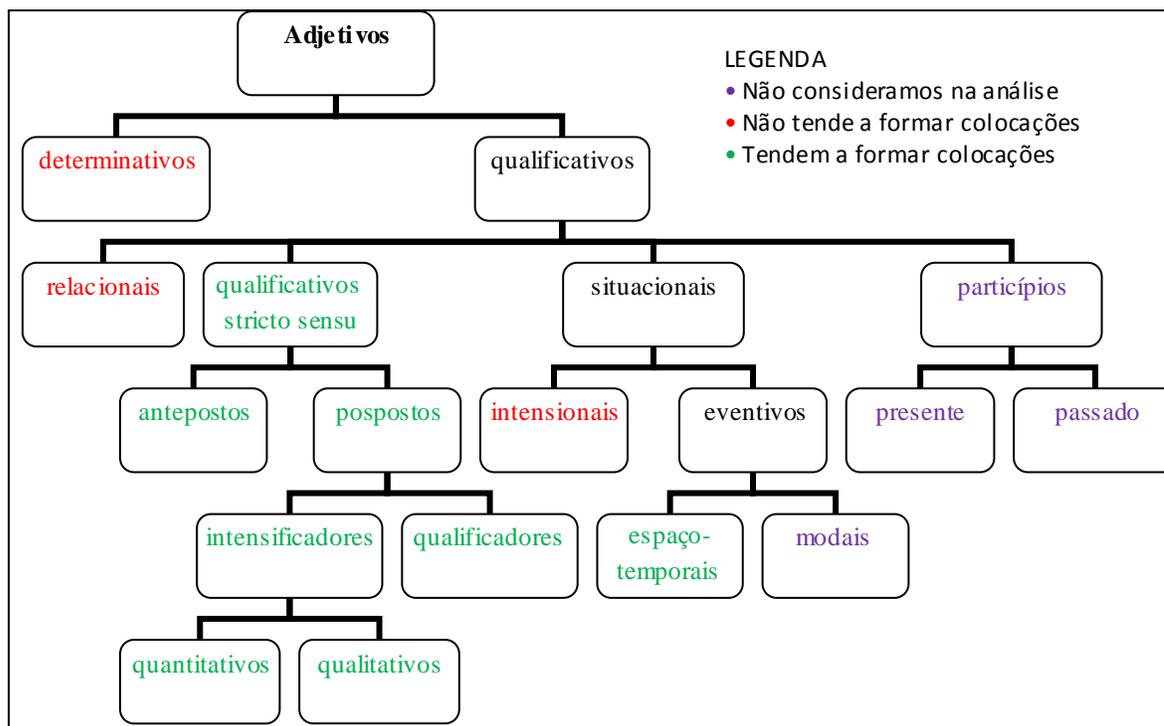
Em seu trabalho de dissertação de mestrado, Beneduzi (2008) trata de questões fraseológicas, mais especificamente das colocações. A autora busca apresentar uma definição mais abrangente para o fenômeno léxico das colocações, identificando os principais elementos que o caracterizam, já que acredita que não há na bibliografia especializada uma delimitação unívoca para essas combinações. Destaca, ainda, a falta de materiais que auxiliam no ensino-aprendizagem dessas unidades e apresenta estratégias para a representação lexicográfica das fraseologias.

As combinações léxicas, as quais Beneduzi analisa quantitativa, qualitativa e constrativamente, são formadas a partir de substantivos e adjetivos. Primeiramente, a autora seleciona os candidatos à colocação por meio de um *corpus*, pela frequência de coaparição; posteriormente, o seu reconhecimento é feito a partir do contraste das unidades nas línguas portuguesa e espanhola. Em seguida, elabora propostas para o tratamento lexicográfico dessas combinações.

Tendo em vista a bibliografia especializada, Beneduzi (2008, p. 57) identifica cinco características das colocações recorrentes nas teorias apresentadas:

- a) são unidades da norma, correspondem a estruturas pré-fabricadas que aparecem entre combinações livres (situadas na fala) e fixas (situadas na norma);
- b) possuem uma restrição variável, já que em alguns casos permitem a substituição de um elemento por um grupo restrito de elementos;
- c) são frequentes;
- d) apresentam diferença de *status* entre os elementos, uma vez que um determina a ocorrência do outro;
- e) possuem significado transparente.

Como as características arroladas pela autora são resultado de diferentes teorias, ela se baseou em diferentes abordagens para o reconhecimento das colocações. Além de uma análise quantitativa, por meio de estudo de frequência de co-ocorrência das combinações em *corpus*, a autora, mediante estudo linguístico, realizou uma análise qualitativa das unidades, identificando as relações estabelecidas entre o adjetivo e o substantivo a fim de delimitar os tipos de adjetivos que tendem a formar colocações. Para isso, a autora apresentou uma proposta de classificação dos adjetivos, tendo em vista a relação semântica entre os vocábulos, que pode ser sintetizada pelo esquema apresentado por ela, na página 104:



Esquema 3: Taxonomia de adjetivos proposta por Beneduzi (2008)

Por último, Beneduzi analisou as combinações por meio de um estudo contrastivo entre as línguas espanhola e portuguesa, levando em conta suas diferenças e semelhanças. Segundo a autora, quando as combinações apresentam divergência constituem-se em exemplos de colocação entre duas línguas. Mediante um modelo de análise contrastivo, a autora buscou identificar as combinações do português e do espanhol, tendo em vista que não há uma equivalência absoluta, e chegou às seguintes constatações:

- a maioria das combinações apresenta “uma conformação léxica semelhante entre as línguas portuguesa e espanhola” (p. 130). Como exemplo cita, entre outros: *mayoría aplastante – maioria esmagadora / crítica feroz – crítica feroz*;

- algumas apresentam divergência na ordem: *año próximo – próximo ano*;

- há casos de seleção idiosincrática do colocado: *error mayúsculo – erro gritante* (mesmo que as duas línguas possuam o mesmo adjetivo, ambas selecionam um diferente para se combinar ao substantivo);

- algumas apresentam diferenças morfológicas em sua estrutura: *exitoso plan* – *plano de sucesso* (o português seleciona outro adjetivo precedido de preposição);
- há casos particulares ao idioma, em que não há uma combinação correspondente na outra língua: *amistad entrañable* – *amizade [muito profunda]*.

Apesar de Beneduzi tratar de um tipo de fraseologia diferente da que será tratada neste trabalho (trabalha com combinações transparentes da língua), é interessante conhecer a sua pesquisa, uma vez que traz questionamentos na área da lexicografia, mais especificamente sobre o tratamento de fraseologia em obras lexicográficas, visando um público aprendiz de espanhol como língua estrangeira. Seus questionamentos vêm, portanto, ao encontro do objetivo deste trabalho, que é, justamente, apresentar uma proposta de tratamento de locuções verbais do espanhol em um dicionário para aprendizes de espanhol LE. Em função disso, consideramos Beneduzi uma autora importante para a presente pesquisa.

Diante da bibliografia especializada acerca do fenômeno fraseológico, é possível identificar características que são comuns a todos os autores, e outras que são específicas de cada pesquisador. No entanto, as concepções apresentadas até o momento nos ajudam a compreender, distinguir e identificar fraseologias de uma língua; as características arroladas pelos autores apoiarão nossa pesquisa pela busca de expressões idiomáticas do português e do espanhol.

Assim, julgamos importante sintetizar os autores estudados neste capítulo, a fim de estabelecer o que há de comum e de peculiar entre eles, e evidenciar as características apresentadas por eles:

AUTOR	DENOMINAÇÃO	CONCEITO	CARACTERÍSTICAS
Saussure	Sintagma	Combinação de elementos solidários, que só tem valor pela sua ação recíproca em uma unidade superior.	- fornecidas pela tradição; - estão em relação sintagmática; - o uso impede qualquer modificação.

Bally	Unidades fraseológicas	Expressões em que as palavras que as compõem perdem totalmente sua significação quando separadas do todo; é somente pelo conjunto, que se obtém uma significação e não pela soma de seus constituintes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- são estáveis;</li> <li>- possuem diferentes graus de fixação;</li> <li>- equivale a uma única palavra;</li> </ul>
Zuluaga	Expressões fixas	Expressões formadas por combinação fixa de duas ou mais palavras; que pertencem à fala, produtos de instâncias do discurso, que se repetem sem serem alterados.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estabilidade;</li> <li>- inalterabilidade da ordem dos componentes;</li> <li>- invariabilidade de alguma categoria gramatical;</li> <li>- não admissão da operação de inserção;</li> <li>- impossibilidade de substituição.</li> </ul>
Corpas Pastor	Unidade fraseológica	Unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- alta frequência de uso e de coaparição;</li> <li>- institucionalização (fixação e especialização semântica);</li> <li>- idiomaticidade;</li> <li>- estabilidade;</li> <li>- gradação (graus de fixação).</li> </ul>
Tagnin	Expressões idiomáticas	Convenções linguísticas de duas ou mais palavras, aceitas pela comunidade de determinada língua.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- são convencionais;</li> <li>- são idiomáticas;</li> <li>- estão relacionadas a um fato social.</li> </ul>
Beneduzzi	Colocação	Combinações estáveis que apresentam divergências de ordem sintática ou morfológica com relação a outra língua.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- restrição variável;</li> <li>- são frequentes;</li> <li>- apresentam diferença de <i>status</i> entre os elementos, pois um determina a ocorrência do outro;</li> <li>- possuem significado transparente.</li> </ul>

Quadro 1: Síntese das concepções de fraseologia dos autores revisados

Como podemos perceber, os autores trazem muitos pontos em comum, fato que evidencia características importantes da unidade fraseológica. Todos estão de acordo que a UF é uma combinação de palavras (duas ou mais), que só ganha sentido no todo e que, quando separadas do conjunto, perdem seu sentido global. Outro ponto em comum entre as considerações dos autores é o fato de elas serem estáveis, aparecerem sempre na mesma coaparição e possuírem pouca autonomia com relação a sua ordem, substituição ou inserção, fato que as torna mais ou menos fixas, configurando-lhes graus de fixação diversos. Alguns deles, como Tagnin, mencionam, ainda, o caráter idiomático de ditas expressões, característica essencial para este trabalho, uma vez que temos por objetivo analisar e trabalhar com as locuções verbais, que, como veremos adiante, possuem significado não-transparente.

## **1.2 As Locuções**

Dentre os diferentes tipos de fraseologias existentes em uma língua, tratamos mais especificamente das locuções, pois são exemplos típicos de combinação estável, de duas ou mais palavras, com sentido não literal e com certo grau de fixação, além de serem combinações muito recorrentes em uma língua. Dentro dessas expressões, temos como foco analisar as locuções do tipo verbal, que, como veremos, se difere das nominais, das adjetivas, das pronominais, etc. Optamos por esse tipo de locução por serem expressões muito produtivas de uma língua, já que são as que mais aparecem em um texto oral, ou escrito. Colado (2004) em seus estudos, ao definir e classificar as locuções da língua espanhola, observa que as verbais resultam no tipo mais recorrente de locuções, como bem afirma: “as locuções verbais constituem o grupo mais numeroso e refletem todas as possibilidades que a gramática permite”. Ademais, o registro em obras lexicográficas desse tipo de expressão é mais frequente do que o das demais locuções – adverbiais, adjetivas, nominais, etc., como exemplifica o estudo quantitativo, feito por nós, dessas expressões no dicionário *Santillana* (2008).

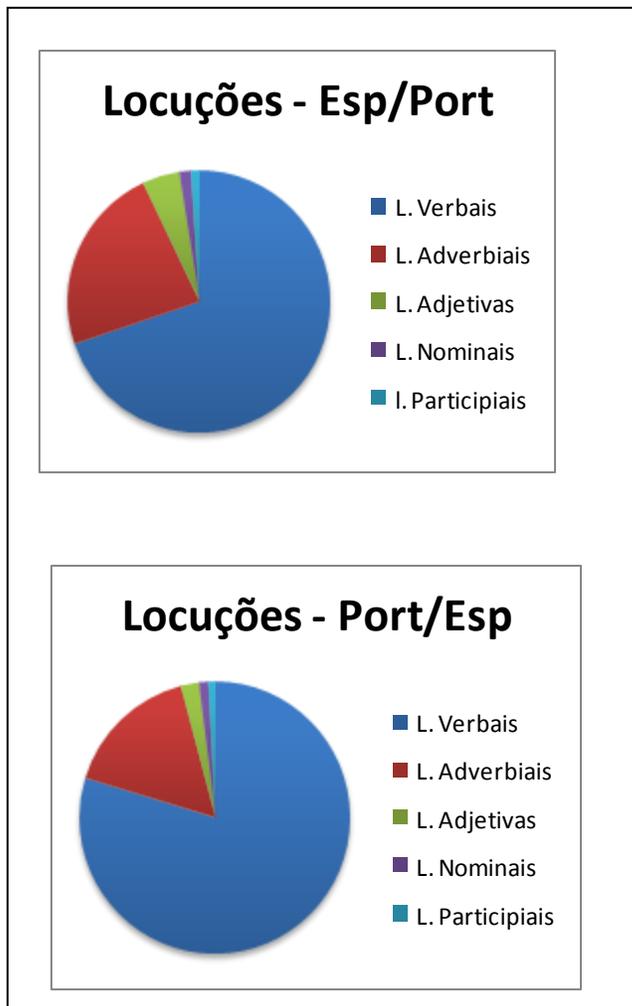


Gráfico 1: Análise quantitativa do registro de locuções no *Santillana*

Na obra analisada, verificamos que o registro de locuções verbais é muito maior do que o das demais locuções, somando na direção Esp/Port um total de 69,7% de locuções verbais registradas e 30,3% dos outros tipos e 79,7% de locuções verbais e 20,3% das demais na direção Port/Esp. Diante desses dados, fica evidente que o registro de locuções verbais em dicionários da LC é muito maior do que o dos demais tipos, indício de que esse tipo de expressão é mais frequente na língua e, por isso, constitui-se para nós como objeto mais produtivo para estudo. Noimann (2007) já havia feito uma análise quantitativa e qualitativa do registro dessas unidades no *Santillana*, chegando a resultados similares ao da nossa pesquisa.

A partir de agora, apresentaremos as contribuições acerca das locuções feitas por dois autores, Corpas Pastor e Casares. Consideramos esses autores essenciais para o entendimento desse tipo de UFs, pois apresentam uma definição clara e completa de locução verbal, além de darem conta dos diferentes tipos de locuções, considerando as principais classes de palavras que as constituem. Ademais, no âmbito da Linguística Espanhola, a primeira tipologia classificatória de locuções foi proposta por Casares já em 1950 e continua sendo de grande importância para os estudos de UFs, razão pela qual estudiosos como Zuluaga (1980), Tristán (1985), entre outros o tomam como ponto de partida para suas classificações.

Posteriormente, com base em Casares e Corpas Pastor, apresentamos a nossa definição de locução.

### 1.2.1 Concepção de Casares (1992)

Casares utiliza o termo *locução* para designar as “combinações de vocábulos que oferecem sentido unitário e uma disposição formal inalterável”<sup>34</sup> (CASARES, 1992, p. 167). Define locução da seguinte maneira:

Combinación estável de dois ou mais termos, que funciona como elemento oracional e cujo sentido unitário consabido não se justifica, sem mais nem menos, como uma soma do significado normal dos componentes. [...] **Noche toledana** é locução, porque o fato de conectar a ‘noche’ com ‘Toledo’ não justifica que com ambos vocábulos se designe uma ‘noite na qual não é possível dormir’. (ibid., p. 170).<sup>35</sup>

Segundo o autor, uma expressão é definida como locução quando não se pode trocar nenhuma das palavras da unidade por outra, nem se pode trocar a ordem dos elementos sem destruir o sentido, o qual se resume em um só conceito, a exemplo: *alcancerros tapados* = “disimuladamente”<sup>36</sup>.

<sup>34</sup> Original: “combinaciones de vocablos que ofrecen sentido unitario y una disposición formal inalterable”.

<sup>35</sup> Original: “Combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes. [...] **Noche toledana** es locución, porque el hecho de conectar la ‘noche’ con ‘Toledo’ no justifica que con ambos vocablos se designe una ‘noche en la que no es posible dormir’”.

<sup>36</sup> “disimuladamente” em português.

Casares acrescenta às características comumente aceitas entre fraseólogos (inalterabilidade e unidade de sentido) a ideia de que as palavras da locução podem formar oração (*nomeovides*<sup>37</sup> – nome de uma planta). Assim, ao contrário do que se costuma pensar sobre locuções, o autor acredita que apenas as locuções adverbiais não formam oração cabal, pois equivalem a advérbios e não têm função independente; por outro lado, existem locuções isoladas que são verdadeiras orações, como *correvedile* (*corre, ve y dile*)<sup>38</sup> que serve para despachar um mensageiro.

Casares classifica os tipos de locução segundo critérios morfológicos e funcionais, distinguindo as locuções *significantes*, que são formadas por um ou mais elemento significante, ou seja, por palavras as quais corresponde uma representação mental, ideia ou conceito (como “noche”, “oscura”, “gato”, etc.) das locuções *conexivas*, formadas por partículas “vazias de conteúdo semântico” (*con tal que*<sup>39</sup>). Assim, dentro das *conexivas* se enquadram as locuções *conjuntivas y prepositivas*, e a classe de locuções, chamada de *significantes*, compreende as seguintes locuções (p. 172-181):

1. Nominais - equivalem a um nome:

- a) locuções denominativas – nomeiam uma pessoa, coisa ou animal (*ave del Paraíso*<sup>40</sup>). Admitem artigo definido ou indefinido; podem ser usadas no singular ou plural e funcionam na oração como sujeito ou como objeto direto (OD) e/ou indireto (OI) (“[...] la vecina desprecia *al niño gótico*” – OD<sup>41</sup>).
- b) as locuções singulares – se parecem mais ao nome próprio do que ao substantivo comum (*el huevo de Colón*<sup>42</sup>). Diferentemente das denominativas, este tipo de locução admite apenas o artigo definido com função individualizante e, por ser uma representação específica, o plural será inusitado (*el cuento de nunca acabar*<sup>43</sup>). Funcionam na

<sup>37</sup> “no me olvides” = “não me esquece”.

<sup>38</sup> “corre, vê e diz a ele/ela” em português.

<sup>39</sup> “contanto que” em português.

<sup>40</sup> “ave do Paraíso” em português.

<sup>41</sup> Tradução: “a vizinha despreza o menino gótico”.

<sup>42</sup> Coisa que aparenta ter muita dificuldade, mas resulta fácil ao conhecer seu artifício – cf DRAE.

<sup>43</sup> Ser “uma história” – cf. *wordreference*.

oração como predicados nominais, limitando-se ao papel de um termo de comparação (“el invento de Lucas es *la carabina de Ambrosio*”<sup>44</sup>).

- c) as locuções infinitivas: nesse caso, os substantivos são nomes infinitivos; assim, os verbos que as compõem não recebem forma pessoal, o que as diferencia das locuções verbais (*coser y cantar* – expressa a facilidade do ato ou situação). Essas expressões podem aparecer nas orações como complementos verbais (“todo el tiempo lo gasta en *tejer y destejer*”<sup>45</sup>)
2. Adjetivas: possuem valor de adjetivo e geralmente não admitem modificações (de uma *região polar* não se pode dizer que é mais ou menos polar que outra, ou que é muito polar). Sua função principal é servir de complemento ao nome (“uma empresa *de altos vuelos*”<sup>46</sup>)
  3. Verbais: são constituídas por um verbo e têm valor de uma oração, que pode ser transitiva, intransitiva ou predicativa (*hacer aguas* = urinar)
  4. Participiais: começam com o particípio *hecho/a* e servem como complemento nominal (“*hecho una sopa*, pidió pasada para pasar la noche”<sup>47</sup>).
  5. Adverbiais: correspondem a um advérbio e podem dividir-se em tantos tipos quanto essa classe gramatical:
    - a) tempo – *de mañana* (“de manhã”); *en un santiamén* (“em um instante”);
    - b) lugar – *a dos pasos* (“a dois passos”); *en derredor* (“ao redor”);
    - c) quantidade – *con cuentagotas* (“a conta-gotas”);
    - d) afirmação e negação – *en efecto* (“efetivamente”) ; *no en mis días* (“não nos meus dias”);
    - e) interrogação - *¿Qué tal?* (“Como vai?”)
  6. Pronominais: são constituídas por pronomes – *alguno que otro* (“um que outro”).
  7. Exclamativas: equivale a uma interjeição – ¡Santo cielo! (Santo céu!)

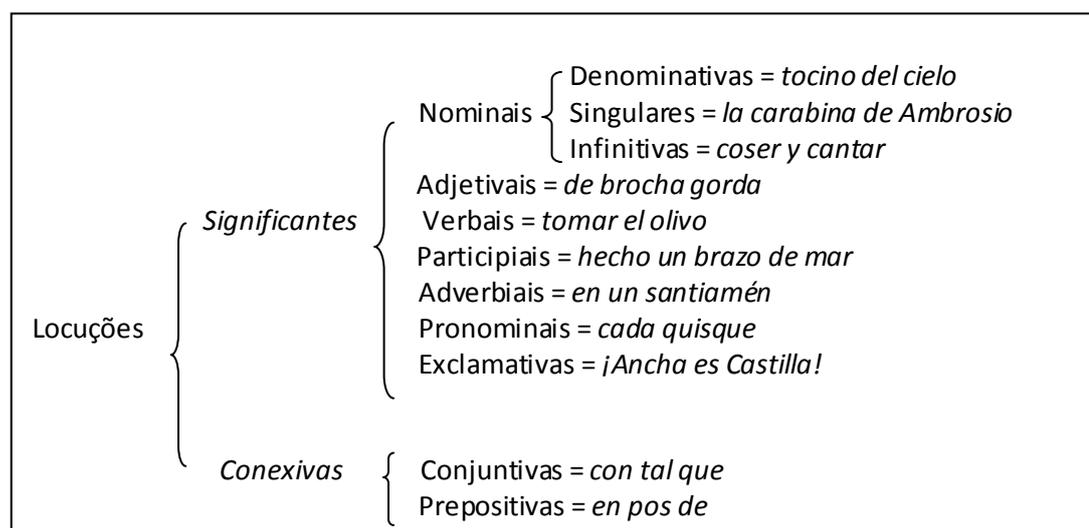
<sup>44</sup> Essa locução significa que o invento é a *carabina de Ambrosio*, ou seja, não serve para nada.

<sup>45</sup> Significa que perde todo o tempo em “fazer e desfazer”.

<sup>46</sup> “uma empresa *de muita importância*” – cf. *wordreference*.

<sup>47</sup> Significa que “todo molhado” o caminhante pediu abrigo para passar a noite.

Podemos sintetizar toda a classificação feita por Casares por meio do esquema que o autor apresenta na página 183:



Esquema 4: Classificação de Locuções proposta por Casares<sup>48</sup>

Apesar de nos parecer muito importante a classificação feita por Casares acerca de sete tipos de locuções diferentes, até mesmo para diferenciá-las do nosso objeto de estudo, o que mais nos interessa são as locuções verbais e, por isso, as descreveremos com mais detalhe a seguir.

### As locuções verbais

Casares chama de locução verbal as expressões constituídas por um verbo que, ao assimilar seu complemento direto ou preposicional, forma um predicado complexo. Como exemplo, o autor cita a locução *ponerla de vuelta y media* que significa “insultar”. Conforme o autor, essa classe de locuções abrange diversos tipos que se caracterizam por sua estrutura ou funções. O elemento em comum entre todos os tipos é que eles apresentam o aspecto de uma oração, que pode ser transitiva (*beber los*

<sup>48</sup> Significado das expressões, cf DRAE: *de brocha gorda* = se diz do pintor e da pintura de portas e janelas; *tomar el olivo* = fugir, escapar; *hecho un brazo de mar* = dito de uma pessoa arrumada com muito luxo; *¡Ancha es Castilla!* = dito para animar outras pessoas a agir livre e com desembaraço; *con tal que* = com a condição de que; *en pos de* = atrás de; *cada quisque* = cada um, todos.

*vientos por una cosa*<sup>49</sup>), intransitiva (*ir a gusto en el machito*<sup>50</sup>) ou predicativa (*eso es harina de otro costal*<sup>51</sup>).

Julio Casares distingue, em especial, as locuções verbais das nominais e infinitivas, já que as primeiras admitem modificação pessoal, temporal e modal. De acordo com o autor, a coesão dessas locuções é diferente em alguns casos, posto que algumas admitem a interpolação de outros elementos, enquanto outras não. Nesse caso, o autor considera que a fixação das locuções é relativa, uma vez que elas podem permitir ou não a interferência de outros elementos; reconhece, assim como os autores já estudados, que existe uma gradação da fixação das unidades fraseológicas, mais precisamente, das locuções.

### 1.2.2 Concepção de Corpas Pastor (1996)

De acordo com a autora, as locuções se parecem em alguns pontos com as combinações livres da língua e com unidades complexas. O que diferencia a locução de uma combinação livre é sua institucionalização, estabilidade sintático-semântica e sua função denotativa.

Um dos aspectos característicos das locuções é a coesão semântica e morfossintática. A coesão semântica se refere ao caráter de unidade de significação da locução e a coesão morfossintática é resultado da estabilidade formal de ditas unidades, a qual é comprovada a partir de provas e operações formais. Essas provas de que fala Corpas Pastor confirma o que Zuluaga já havia apresentado ao subdividir a fixação em quatro tipos. As principais provas aplicadas, conforme cita Corpas Pastor, são:

- a) de **substituição**: consiste em substituir um dos componentes da unidade por um sinônimo, hipônimo ou hiperônimo; o resultado será a obtenção de uma sequência gramaticalmente correta, mas a coesão semântica será perdida<sup>52</sup>;

<sup>49</sup> Desejá-lo com ânsia e fazer o quanto é possível para consegui-lo – cf. DRAE.

<sup>50</sup> Recusar abandonar uma situação cômoda ou proveitosa – cf. DRAE.

<sup>51</sup> Ser muito alheio ou diferente de outra coisa com que é comparado – cf. DRAE.

- b) de **eliminação**: com a supressão, ou até mesmo com a adição, apesar de se formar uma sequência gramatical, não se mantém o significado da UF<sup>53</sup>;
- c) de **deficiências deformativas**: aplicada, principalmente, às locuções verbais e se refere à ordem das palavras. Nesse caso, há a impossibilidade de reordenar os constituintes da unidade, o que é permitido nas combinações livres<sup>54</sup>.

Certamente as provas aplicadas às locuções descritas por Corpas Pastor e expostas aqui são úteis na identificação das locuções, por isso é interessante fazer o teste da substituição e de deficiências deformativas (reordenação) para identificar-se uma locução; no entanto, é preciso estar atento ao fato de existirem outros tipos de UFs que também não permitem a substituição ou a reordenação dos constituintes, mas que não se configuram locução, como é o caso das colocações (*visita relâmpago* e não *\*relâmpago visita*) e dos provérbios (*água mole, pedra dura, tanto bate até que fura* e não *\*água mole, madeira dura, tanto bate até que fura*). Podemos pensar, então, que as locuções, de modo geral, não permitem a substituição e a reordenação, no entanto, nem toda a unidade que não permita essas modificações será uma locução.

Com relação à impossibilidade de adição mencionada por Pastor, acreditamos que, em alguns casos, é possível adicionar algum constituinte que não costuma fazer parte da expressão, de modo que o sentido se mantenha o mesmo, como por exemplo, a locução *pôr lenha na fogueira* admite uma adição: *pôr mais lenha na fogueira*.

Os testes de substituição, eliminação e de deficiências deformativas nos auxiliam a selecionar e identificar as locuções; entretanto, é sabido que, por vezes, eles podem falhar ou identificar outras combinatórias que não são locuções. Portanto, devem ser considerados sempre em conjunto.

---

<sup>52</sup> Como exemplo a autora cita a seguinte substituição: de *mírame y no me toques* (frágil, fraco, débil; muito vistoso, FEESC - *Fraseología española en su contexto*, por J. M. Domínguez.) para *\*obsérvame y no me toques*. Em português podemos pensar em um exemplo como *lavar a alma* e *\*lavar o espírito*.

<sup>53</sup> O exemplo citada por Corpas Pastor é *matar dos pájaros de un tiro* (fazer ou conseguir duas coisas com a mesma diligência DRAE), com uma eliminação poderíamos ter *\*matar pájaros de un tiro*. Em português podemos comparar com a expressão *matar dois coelhos de uma cajadada* para *\*matar coelhos de uma cajadada*.

<sup>54</sup> Como exemplo a autora cita a expressão *\*dar liebre por gato* no lugar de *dar gato por liebre*. Em português *\*vender lebre por gato* no lugar de *vender gato por lebre*.

Corpas Pastor distingue os tipos de locuções existentes e explora cada um deles – locuções nominais, adjetivas, adverbiais e verbais:

Trata-se de construções endocêntricas cujo núcleo ou elemento principal do sintagma poderia substituir, desde um ponto de vista estritamente formal (que não semântico), a estrutura inteira e desempenhar suas mesmas funções (CORPAS PASTOR, 1996, p. 94).<sup>55</sup>

Segundo a autora as locuções foram divididas tradicionalmente de acordo com sua função na oração, e, por isso, considera o critério que se baseia no núcleo do sintagma para caracterizá-las.

Distinguimos locuções nominais, adjetivas, adverbiais e verbais, que podem constituir o núcleo de sintagmas nominais, adjetivos, adverbiais ou verbais, respectivamente (ibid., p. 94).<sup>56</sup>

Desse modo, Corpas Pastor dá conta de uma ampla classificação de sintagmas diferenciando-os conforme sua função oracional, seu núcleo e sua complexidade. A partir de seus estudos sobre esses sintagmas complexos, podemos identificar os diferentes tipos de locuções, o que nos permite caracterizar melhor as locuções verbais e diferenciá-las das demais.

O quadro a seguir sintetiza as características arroladas pela autora para cada tipo de locução e nos permite diferenciá-las do nosso objeto de estudo. Suas contribuições quanto às locuções verbais serão apresentadas logo em seguida, em uma seção específica a esse fim, para que possamos dar mais atenção a essas unidades, já que se constitui no nosso maior interesse.

---

<sup>55</sup> Original: “Se trata de construcciones endocéntricas cuyo núcleo o elemento principal del sintagma podría sustituir, desde un punto de vista estrictamente formal (que no semántico), a la estructura entera y desempeñar sus mismas funciones”.

<sup>56</sup> Original: “Distinguimos locuciones nominales, adjetivas, adverbiales y verbales, que pueden constituir el núcleo de sintagmas nominales, adjetivos, adverbiales o verbales, respectivamente”.

TIPO DE LOCUÇÃO	FORMAÇÃO SINTÁTICA <sup>57</sup>	FUNÇÕES QUE DESEMPENHAM
<p><b>Locuções Nominais</b></p> <p>Locuções infinitivas<sup>58</sup></p>	<p><b>Sintagmas nominais de diversas complexidades</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• SUBST+ADJ (<i>vacas flacas</i>)</li> <li>• SUBST+PREP+SUBST (<i>lágrimas de cocodrilo</i>)</li> <li>• SUBST+PREP+SUBST (<i>tira y afloja</i>)</li> </ul> <p>• constituintes verbais sem formas pessoais (<i>coser y cantar</i>)</p> <p>• cláusulas substantivadas (<i>el qué dirán</i>)</p> <p>• expressões dêiticas (<i>ni dios</i>)</p>	<p>Podem desempenhar as mesmas funções que um substantivo ou um sintagma nominal</p> <p>Ex.: FUNÇÃO DE OBJETO DIRETO:</p> <p><u>Hacer borrón y cuenta nueva.</u><sup>59</sup></p> <p>OBJ DIR</p>
<p><b>Locuções Adjetivas</b></p> <p>Comparações estereotipadas<sup>60</sup></p>	<p><b>Sintagmas adjetivos compostos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• ADJ/PARTICÍPIO+PREP+SUBST (<i>listo de manos</i>)</li> <li>• ADJ+COMO+SUBST (<i>fuerte como un toro</i>)</li> <li>• MÁS+ADJ+QUE (<i>más fuerte que un toro</i>)</li> </ul> <p><b>Sintagmas prepositivos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• DE/PARA+termo correspondente (<i>de perros</i>)</li> </ul>	<p>Desempenham a função básica de atribuição (<i>mondo y lirondo</i>) e predicação (<i>sano y salvo</i>).</p> <p>Modificam o núcleo do sintagma nominal, ou cumprem a função de atributo.</p>
<p><b>Locuções Adverbiais</b></p>	<p><b>Sintagmas de distintas complexidades sintáticas, geralmente prepositivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>de</u> <i>improviso</i></li> <li>• <u>a</u> <i>la vez</i></li> <li>• <u>con</u> <i>la boca abierta</i></li> <li>• <u>a</u> <i>todas luces</i></li> <li>• <u>con</u> <i>pelos y señales</i></li> <li>• <u>con</u> <i>el corazón en la mano</i></li> <li>• <u>de</u> <i>par en par</i></li> </ul> <p><b>Sintagmas cujo núcleo é um advérbio</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>muy</i> <u>cerca</u> <i>de aquí</i></li> <li>• <u>aquí</u> <i>mismo</i></li> </ul> <p><b>Sintagmas substantivos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>patas arriba</i></li> <li>• <i>boca con boca</i></li> </ul>	<p>Costumam cumprir a função de complementos circunstanciais, ou modificam substantivos, advérbios e orações. Expressam distintos valores referenciais, especialmente modo (<i>de tapadillo</i>), tempo (<i>a rato</i>), espaço (<i>al lado</i>).</p>

<sup>57</sup> As formações estão dispostas em ordem de padrões sintáticos mais produtivos.

<sup>58</sup> Dentro das locuções nominais se incluem as locuções infinitivas de Casares.

<sup>59</sup> Usa-se para expressar a decisão de esquecer dívidas, erros, aborrecimentos, etc., e continuar como se nunca tivesse acontecido, cf. DRAE. Corresponde às expressões do português “passar uma borracha”; “virar a página”.

<sup>60</sup> Dentro das locuções adjetivas se incluem muitas das comparações estereotipadas.

<b>Locuções Prepositivas</b>	<b>Sintagmas prepositivos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• formados por ADV (<i>encima de</i>)</li> <li>• precisam de adjacente especificador (<i>con vistas a</i>)</li> </ul>	Podem exercer função de advérbio ( <i>delante de</i> ) e de especificador ( <i>gracias a</i> )
<b>Locuções Conjuntivas<sup>61</sup></b>	<b>Coordenativas</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>ora...ora; ya...ya;</i></li> <li>• <i>antes bien</i></li> </ul> <b>Subordinativas</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>para que</i></li> <li>• <i>mientras tanto</i></li> </ul>	Cumprim função distributiva ou adversativa.  Introduzem cláusulas finitas.

Quadro 2: Síntese da classificação das locuções por Corpas Pastor (1996)

### As locuções verbais para Corpas Pastor

Depois de compreendermos a noção de locução apresentada por Corpas Pastor e sua diferenciação dos diversos tipos, cabe-nos, a partir de agora, entender o que essa autora diz a respeito das locuções verbais, a fim de distingui-las das demais e compreender o seu funcionamento sintático e semântico. Trataremos aqui somente desse tipo de locução por ser o objetivo de nossa pesquisa. Assim será feito também quando apresentarmos a concepção de Casares.

De acordo com Corpas Pastor (1996, p. 102), as locuções verbais “expressam processos, formando os predicados, com ou sem complementos<sup>62</sup>”. A autora considera que esse tipo de locução apresenta grande variedade morfossintática. A fim de explicitar essa variedade morfossintática, organizamos um quadro que resume a classificação feita por Corpas Pastor das locuções verbais (p. 102 e 103):

<sup>61</sup> Estas locuções se diferem das demais pelo fato de não formarem sintagmas por si mesmas e por não serem o núcleo dos mesmos.

<sup>62</sup> Original: “expresan procesos, formando los predicados, con o sin complementos”.

Tipo de locução	Formação	Exemplos
Binômios	formados por dois núcleos <b>verbais</b> , unidos por <b>conjunção</b> , que podem receber <b>complemento</b>	<i>ir y venir [en]</i> (insistir em alguma coisa, dando voltas na imaginação, DRAE) <sup>63</sup>
	compostos por <b>verbo</b> e <b>pronome</b>	<i>diñarla</i> (morrer, GDLE)
	<b>verbo</b> , <b>pronome</b> e <b>partícula</b>	<i>tormarla con (alguien/algo)</i> (professar antipatia a alguém, buscar continuamente a ocasião para repreender, prejudicar, etc., LDPL) <sup>64</sup>
	<b>verbo</b> , mais <b>partícula</b> associada à reação verbal, com ou sem complemento	<i>dar sobre (alguien)</i> (acometer com fúria, DRAE) <sup>65</sup>
Padrões sintáticos complexos	<b>verbo copulativo</b> + <b>atributo</b>	<i>ser el vivo retrato de alguien</i> (parecer-se muito com alguém, DRAE) <sup>66</sup>
	<b>verbo</b> + <b>complemento circunstancial</b>	<i>dormir como un tronco</i> (dormir profundamente, sem que nada perturbe o sono, LDPL) <sup>67</sup>
	<b>verbo</b> + <b>suplemento</b>	<i>oler a cuerno quemado</i> (cheirar mal, sentar mal; ficar nervoso; ser suspeito, FEESC) <sup>68</sup>
	<b>verbo</b> + <b>objeto direto</b> com complementação opcional	<i>dar cien vueltas a alguien</i> (avantajar-lhe muito, DILE) <sup>69</sup>

Quadro 3: Síntese da classificação das locuções verbais por Corpas Pastor (1996)

Uma questão importante, destacada pela autora, é o fato de que essas locuções costumam aparecer em negativas: *no tener vuelta de hoja* (ser clara e indiscutível [uma coisa], DUE); *no tener dos dedos de frente* (ser de pouco entendimento, LDPL); *no tener un pelo de tonto* (ser esperto, DFEM), etc.

As contribuições de Corpas Pastor nos ajudam na identificação de locuções do espanhol, posto que, além de apontar características dessas unidades, a autora apresenta, ainda, o seu processo de formação, o que nos ajuda a reconhecê-las.

<sup>63</sup> Original: “Insistir en ello, dándole vueltas en la imaginación”.

<sup>64</sup> Original: “Profesarle antipatia, buscar continuamente la ocasión de reñir, reprender, perjudicar”.

<sup>65</sup> Original: “Acometerle con fúria”.

<sup>66</sup> Original: “Parecersele mucho”.

<sup>67</sup> Original: “Dormir profundamente, sin que nada perturbe el sueño”.

<sup>68</sup> Original: “Oler mal, sentar mal; poner nervioso, ser sospechoso”.

<sup>69</sup> Original: “Aventajarle mucho”

### 1.3 Uma concepção de locução verbal

Como foi visto, a fraseologia é ainda um assunto bastante complexo, devido à diversidade conceitual acerca dos fenômenos fraseológicos e da dificuldade em reconhecê-los. No entanto, ao estudarmos a bibliografia especializada é possível perceber que há também pontos convergentes entre os autores. A estabilidade formal e a ideia de que o significado da unidade é apreendido pelo conjunto e não pelos elementos constituintes individualmente são características tratadas pela maioria dos autores. Embora eles usem termos diferentes para explicar esses fenômenos, todos, desde Bally até Tagnin, admitem que as unidades fraseológicas possuem graus de fixação diferentes, os quais determinam a estabilidade da unidade e permitem, aos autores, classificar e denominar os fenômenos fraseológicos desde *frases feitas*, *unidades sintagmáticas* (Saussure); *agrupamentos fraseológicos*, *séries*, *unidades e locuções fraseológicas* (Bally); *expressões fraseológicas*, constitutivas do **texto repetido** (Zuluaga); *unidades fraseológicas* categorizadas em *colocações*, *locuções e enunciados fraseológicos* (Corpas Pastor); até *expressões idiomáticas* (Tagnin).

A partir das contribuições desses autores, considerando os diferentes conceitos e características propostas, e tendo em vista, mais especificamente, as afirmações acerca das locuções feitas por Corpas Pastor e Casares, foi possível propor uma concepção mais ampla de locução verbal:

**Conceito:** são expressões de uma língua constituídas por uma combinação estável de duas ou mais palavras que apresentam um sentido não literal, e por isso metafórico, compreendido pelo significado global da combinação e não pelas suas partes, pois as palavras que fazem parte da expressão perdem a sua independência lexical como palavras e ganham um novo sentido no conjunto. São expressões formadas por um ou mais núcleos verbais que podem receber um complemento e/ou vir acompanhadas de pronomes (ver quadro 3, página 29), além de serem expressões que costumam aparecer em sentenças negativas (como em *não ter papas na língua / no tener pelos en la lengua*).

### Características:

a) **são idiomáticas:** porque são peculiares a uma língua e porque são combinações de duas ou mais palavras, que funcionam como elemento oracional, cujo sentido unitário não se justifica pelo significado individual de cada constituinte, mas sim pelo conjunto. Assim, as locuções apresentam uma função conotativa ou “figurada”, já que não podemos deduzir o significado da expressão pelo seu sentido literal. São, portanto, opacas, ou não-transparentes.

b) **são estáveis e possuem graus de fixação:** possuem uma estabilidade formal, uma coesão sintático-semântica, podendo ser mais ou menos fixas, conforme a possibilidade, ou não, de inserção de elementos – *colocar (mais) lenha na fogueira*. São muito raros os casos de substituição de elementos; em raras ocasiões, podemos substituir o verbo da locução por outro de igual valor (*pôr/colocar lenha na fogueira*), mas dificilmente poderemos substituir o substantivo, ou o outro elemento que vem junto ao verbo (não se diz, por exemplo *\*pôr carvão na fogueira*, uma vez que é esse elemento que fornece a maior parte do significado conotativo da expressão. Podemos dizer, então, que é mais característico das locuções a não permissão de substituição. Elas não permitem, ainda, a reordenação dos constituintes da unidade (*\*o pau da barraca chutar*);

c) **freqüência:** a unidade é consagrada pelo uso, quanto mais alta for sua freqüência de coaparição e o seu uso, mais chances há de ela se consagrar como uma locução;

d) **convencionalidade:** a repetição faz com que a expressão se torne uma convenção entre os falantes e, conseqüentemente, se fixe mais e mais. Os falantes não criam suas próprias locuções, mas usam combinações já produzidas diversas vezes no discurso, ou seja, já convencionadas;

e) **modificação:** podem admitir modificação pessoal, temporal e modal (*a vaca foi/irá/ pro brejo*).

É, enfim, de suma importância identificar e conhecer os fenômenos fraseológicos de uma língua, pois, assim como afirmou Saussure, nós não falamos por palavras isoladas, pelo contrário, a todo momento, usamos combinações “pré-fabricadas” na língua para nos comunicarmos. Por isso, ao se estudar uma língua

estrangeira, essas combinações resultam em um fator essencial para o pleno domínio do idioma. Ao saber usá-las adequadamente ou entendê-las ao serem produzidas por alguém em uma situação comunicativa determinada, o falante demonstra um desenvolvimento linguístico fluente.

Como consequência da importância dessas expressões no ensino de línguas, resulta importante, ainda, que se faça um estudo mais aprofundado do registro dessas unidades em dicionários bilíngues, posto que a maior parte das pessoas que estudam um idioma recorrem a esse tipo de obra lexicográfica para entender ou produzir uma fraseologia na língua estrangeira. No entanto, sabemos que o tratamento dado às fraseologias nos dicionários deixa a desejar, devido à falta de metodologia para selecionar as unidades, falta de critério para marcar o elemento lematizado, falta de critério estatístico, etc. É por isso que, antes de mais nada, deve-se fazer um estudo que permita ao lexicógrafo identificar as características das unidades fraseológicas para poder reconhecê-las, entender o seu funcionamento e, assim, tratá-las com eficiência, satisfazendo as necessidades do consulente que busca informações acerca dessas unidades tão complexas da língua.

O objetivo deste capítulo foi, portanto, apresentar um panorama da fraseologia da LC e, mais especificamente, identificar as características das locuções verbais, partindo-se do pressuposto de que o primeiro passo ao se trabalhar com fraseologia – seja em relação ao seu tratamento em obras lexicográficas, seja no ensino de línguas estrangeiras – é conhecer sua definição, suas características, seu funcionamento e a sua constituição para saber identificá-las e tratá-las adequadamente nos dicionários e, por extensão, na sala de aula, em um contexto de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Considerando essa perspectiva, no próximo capítulo, apresentamos uma revisão sobre discussões a respeito da inclusão da fraseologia no ensino de língua estrangeira (LE).

## **2 A FRASEOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

No capítulo anterior recorremos à bibliografia especializada para definir características e comportamentos sintático-semânticos capazes de delimitar os fraseologismos de uma língua. Por meio desse estudo, ficou evidente que a fraseologia é um fenômeno bastante complexo, que merece ser estudado, analisado e tratado com atenção, assim como as unidades simples.

O objetivo do presente capítulo é evidenciar a importância do papel da fraseologia no processo de ensino e aprendizagem de LE. Para tanto, apresentaremos alguns estudos e metodologias acerca do ensino e aprendizagem de língua estrangeira para, posteriormente, justificarmos a importância das expressões idiomáticas no ensino de um idioma.

### **2.1 Métodos e enfoques para o ensino de língua estrangeira**

A aprendizagem de uma LE não costuma ser um processo natural, assim como é a aquisição de uma língua materna. Em função disso, muitos estudiosos vêm, ao longo da história, tentando encontrar métodos e estratégias que auxiliem o aprendiz na sua tarefa de decodificar e codificar uma língua diferente da sua. Soma-se a isso, a dificuldade de se transformar um ambiente de aprendizagem não natural, como é a aprendizagem institucional de LE, em um ambiente que envolva necessidade real de comunicação.

A fim de sanar todo o artificialismo do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, e com o intuito de aproximar o aprendiz a um contexto mais natural de comunicação, fala-se em métodos de ensino de LE, desde métodos tradicionais até os mais inovadores.

Ao aprendermos uma língua estrangeira almejamos alcançar um nível de fluência que nos permita compreender e produzir na língua alvo. Há muitos estudos que refletem acerca do processo de ensino e aprendizagem de um idioma. A partir destes estudos surgem teorias que buscam entender e explicar este processo, como o Modelo Interacionista de Long, que considera que a necessidade de comunicação cria

um ambiente que facilita o processo de aquisição. Por outro lado, há outras orientações metodológicas que nos ajudam a entender, ainda que de forma sintética, o processo de ensino e aprendizagem de uma língua.

A partir de agora, portanto, faremos uma breve retomada da evolução desses métodos ao longo dos anos, por meio de considerações feitas por Gargallo (1999, p.58-67):

- Método tradicional

Esse método predominou por vários séculos na Europa a partir do século XIX. Consiste na aprendizagem de uma língua estrangeira por meio da interiorização de sua gramática, da memorização de regras. Para essa metodologia, o importante é saber decodificar e produzir textos que seguem as regras linguísticas, e, ainda, saber a gramática da língua.

- Método de base estrutural

A partir dos anos 30, há uma mudança com relação ao modo de pensar sobre os métodos de aprendizagem de um idioma, e surgem correntes metodológicas como o *método audio-oral*, *método estruturo-global-audio-visual* e *método situacional*. O método de base estrutural entende que os elementos linguísticos estão relacionados a uma situação. Dentro da teoria psicolinguística, esse método pensa na aprendizagem como resultado de repetições por meio da formação de hábitos mediante estímulos-respostas. Ademais, o método estrutural tem como objetivo principal a gramática da língua.

A chave da aprendizagem, quando se refere a conteúdos, é de índole gramatical: a gramática é, junto ao vocabulário e ao sistema fonético-fonológico, o elemento central, objeto de aprendizagem e exercitação; o uso da língua se reduz ao conhecimento e emprego, desde o ponto de vista formal, das estruturas gramaticais do sistema linguístico (GARGALLO, 1999, p.64).<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Original: “La clave del aprendizaje, en cuanto a contenidos se refiere, es de índole gramatical: la gramática es, junto al vocabulario y el sistema fonético-fonológico, el elemento central objeto de aprendizaje y ejercitación; el uso de la lengua se reduce al conocimiento y manejo, desde un punto de vista formal, de las estructuras gramaticales del sistema linguístico”.

- Enfoque nocional-funcional

A partir dos anos 60, com as críticas feitas ao estruturalismo, surge o modelo nocional-funcional com o objetivo de superar as deficiências do método estrutural, principalmente sua incapacidade de pôr em prática o aprendido em um contexto comunicativo. Assim, com o método nocional-funcional, já se percebe a necessidade da comunicação e se considera o aluno um personagem importante do processo de aprendizagem.

Com esse método, fica evidente que, ao se aprender uma língua estrangeira, o significado se transmite a partir de uma situação e um contexto específico, por isso, se pensa em aprendizagem a partir de uma *função linguística*, ou seja, do que implica sua situação de uso.

O conceito vertebrador das aprendizagens é o de função linguística, entendida como as coisas que fazemos com a língua: cumprimentar, desculpar, expressar tristeza, manifestar surpresa, felicidade, etc. (ibid., p.65).<sup>71</sup>

Para esse método, enfim, o importante é saber se comunicar na língua meta em determinadas situações.

- Método comunicativo

Esta orientação metodológica surgiu durante os anos 70 e se aplica durante os anos 80. O método comunicativo considera importante o caráter funcional da língua para a comunicação. Amplia-se o conceito de aprendizagem, a qual passa a englobar conhecimentos socioculturais, discursivos e estratégicos.

O objetivo desse método é a interação comunicativa e, ao contrário do método tradicional, o método comunicativo preocupa-se mais com o conteúdo do que com a forma.

A partir da síntese dos métodos e dos enfoques apresentados por Gargallo acerca do processo de ensino aprendizagem de uma língua estrangeira, é possível

---

<sup>71</sup> Original: “El concepto vertebrador de los aprendizajes es el de función lingüística, entendida como las cosas que hacemos con la lengua: saludamos, disculpamos, expresar tristeza, manifestar sorpresa, felicidad, etc”.

perceber que houve uma evolução nos estudos sobre aquisição de um idioma, uma vez que hoje já se pensa em interação comunicativa, em conhecimentos discursivos e culturais ao se falar em aprendizagem de língua estrangeira. Os métodos *tradicional* e *estrutural*, apresentados acima, deixam a desejar na medida em que ser fluente em uma língua estrangeira não significa saber repetir palavras isoladas, nem decorar regras ou uma lista de verbos com suas conjugações; é, na verdade, muito mais do que isso: é saber se comunicar em diferentes situações; é compreender o que o falante nativo nos diz, do “jeito que ele diz”. Isso implica compreender o significado de estruturas sintagmáticas não transparentes, decifrar o idiomático, é ir além da pura gramática, é entender o sentido figurado dos discursos, é compreender que *tomarle el pelo a alguien* não significa “pegar o cabelo de alguém”, pois se trata de uma expressão figurada. O falante deve se dar conta de que para ilustrar a mesma ideia também usamos uma expressão na nossa língua: “pegar no pé de alguém”. Desse modo, conhecer uma língua é também familiarizar-se com o seu aspecto metafórico, com suas imagens convencionadas e aceitas pela comunidade linguística.

Temos como paradigma de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, portanto, **o método comunicativo**, que tem como enfoque a interação social e o desenvolvimento da competência comunicativa. Nesse contexto, os aspectos socioculturais ganham força e, com isso, o ensino de fraseologia na aprendizagem de uma língua estrangeira torna-se indispensável, uma vez que os fraseologismos permitem que os alunos se aproximem, ao mesmo tempo, de questões linguísticas e da cultura do povo, conhecendo, além da gramática, suas tradições por meio de expressões que trazem consigo os costumes e as crenças de um povo. No Brasil, por exemplo, utilizamos a expressão *cada macaco no seu galho*, já em espanhol usa-se o mesmo conceito, mas com uma expressão que seleciona outro animal de referência: *cada oveja con su pareja*.

Como acreditamos, então, que a fraseologia da língua deve ser estudada ao aprender-se LE, dedicaremos as próximas páginas à importância do ensino e aprendizagem do fenômeno fraseológico.

## **2.2 A importância da fraseologia no ensino e aprendizagem de LE**

Por trazer consigo questões culturais, o ensino de fraseologismos na aula de língua estrangeira aproxima os alunos ao mundo real, motivando-os com exemplos concretos de uso da língua alvo. Portanto, se temos como objetivo levar o aluno a produzir e a compreender o uso real da língua estrangeira que se estuda, devemos expô-lo a dados autênticos do idioma, de modo que ele tenha contato com as mais diversas situações comunicativas.

Não restam dúvidas de que para compreender e produzir em LE é preciso conhecer o léxico do idioma, e isso apenas reforça a ideia de que não podemos deixar de considerar importante o estudo de sua fraseologia, visto que o conjunto de expressões de um idioma faz parte do léxico da língua, inclusive devido a suas características; isto é, entender que uma fraseologia se comporta como uma palavra na medida em que a soma de suas partes formam um único conceito, significa que essas unidades têm as mesmas propriedades de uma unidade simples (como percebemos por meio da comparação de *bateu as botas* = “morreu”).

A fraseologia, portanto, faz parte do vocabulário da língua e é tão importante para o idioma quanto uma palavra qualquer. Leffa (2000) acredita que o vocabulário é o elemento mais importante na aprendizagem de uma língua, seja ela nativa ou estrangeira, “língua não é só léxico, mas o léxico é o elemento que melhor a caracteriza e a distingue das outras” (ibid, p. 3), conseqüentemente, a fraseologia torna-se também importante, já que constitui parte do vocabulário do idioma. Para o autor, quando precisamos ler um texto em língua estrangeira certamente recorreremos a um dicionário para nos auxiliar (e não a uma gramática). No caso das expressões idiomáticas, certamente a obra lexicográfica é mais necessária ainda para o entendimento do texto.

Leffa adverte-nos, ainda, para o fato de que a aprendizagem lexical deve ser feita por meio de suas relações dentro do texto, incluindo suas restrições e preferências colocacionais, através de um enfoque contextual. Ora, considerar as relações das palavras dentro de um texto, suas restrições e preferências colocacionais nada mais é do que enxergar as palavras em suas combinações e não isoladamente; é perceber que a maioria das palavras não existem sozinhas, mas sim associadas a outras; é perceber, ainda, que elas costumam aparecer nas mesmas combinações. Saber associar as palavras corretamente, saber usar o adjetivo que a língua dispõe para

combinar com determinado substantivo, ou entender o sentido de uma expressão não literal, por exemplo, é o que eleva a proficiência de um aprendiz de LE. Não basta saber de cor o léxico de uma língua e não saber usá-lo dentro de situações comunicativas.

Leffa procura resumir as pesquisas e os estudos que têm sido feitos sobre a aprendizagem do vocabulário, tanto na língua materna, como na língua estrangeira e, por essa razão, é importante que o mencionemos neste trabalho. O autor tem como um dos objetivos mostrar a evolução dos estudos sobre a aprendizagem lexical que, segundo ele, dialeticamente, passaram de uma ênfase externa para uma ênfase interna e, com a evolução da informática, chegou-se a uma síntese das duas ênfases.

Entende-se aqui por ênfase externa, do ponto de vista histórico, a ideia de que o sucesso na aprendizagem dependia da modificação do input oferecido ao aluno: controle do vocabulário nos textos didáticos, gradação de exercícios por nível de dificuldade, etc. Dentro dos aspectos internos, há também uma oposição que se criou entre aquisição e aprendizagem. Exemplo típico de aquisição é o que acontece na língua materna, onde o desenvolvimento do léxico é mais espontâneo, relacionado à formação da própria identidade da pessoa e menos dependente da ação da escola, enquanto que (SIC) na língua estrangeira o desenvolvimento é mais refletido, precisando normalmente de indução para se realizar. (LEFFA, 2000, p. 1)

Ao tratar de ensino de vocabulário na língua materna e estrangeira, esse autor fala de ensino interno e externo. O externo seria o ensino que dá ênfase ao material preparado e oferecido ao aluno e valoriza o input. Segundo o autor, temos nessa área os dicionários de aprendizagem, estudos sobre frequência, linguística de *corpus*, etc. Já os aspectos internos dão ênfase ao que o aluno deve fazer para adquirir ou ampliar o vocabulário e valoriza as estratégias:

- **aspectos externos:** o estudo de frequência de ocorrência de palavras em textos teve início nas pesquisas de Thorndike, nos anos 20, e é importante porque comprova que algumas palavras são muito mais frequentes do que outras. Por meio do estudo de frequência em *corpora*, é possível adquirir-se uma lista das palavras mais comuns em

uma língua, o que pode ser muito útil na hora de se produzir livros didáticos ou dicionários;

- **aspectos internos:** para um ensino adequado do vocabulário da língua é necessário “saber o que significa conhecer uma palavra” e “saber como evolui esse conhecimento”. Há uma série de conhecimentos que o aluno deve ter quando se fala em aquisição lexical, como saber as relações paradigmáticas da palavra (pedra: diamante/rubi/esmeralda...); conhecer seu valor denotativo (*coração de pedra*), seus colocados, derivações e flexões.

Leffa considera ainda que a questão da co-ocorrência merece ser destacada, pois, segundo ele, saber quais palavras podem acompanhar outras é um dos aspectos de maior dificuldade quando se adquire o vocabulário de uma língua.

O autor propõe analisar o processo do desenvolvimento lexical através de três dimensões:

1. **Dimensão da quantidade:** a competência lexical de um falante é resultado do número de palavras conhecidas por ele, que será pequeno no princípio da aprendizagem, mas que aumentará ao longo dela. De acordo com o autor, para o primeiro patamar de competência comunicativa temos 1.000 palavras e 5.000 para a leitura de textos.

2. **Dimensão da profundidade:** considera a evolução do conhecimento na língua. No início o aprendiz é capaz de reconhecer as palavras que fazem ou não parte da língua; posteriormente, com o desenvolvimento de sua competência lexical, ele é capaz de estabelecer relações paradigmáticas e sintagmáticas, reconhecendo, portanto, quais palavras podem ocorrer com outras.

3. **Dimensão da produtividade:** considera a oposição **conhecimento receptivo** do léxico versus **conhecimento produtivo** do léxico. Essa dimensão traz a ideia de que somos capazes de reconhecer muito mais palavras ao ouvir ou ler um texto, do que produzi-las por meio da fala ou da escrita. É por essa razão que este trabalho pretende propor uma obra para aprendizes de espanhol visando sua produção, por ser uma atividade na qual o aprendiz de uma língua encontra maior dificuldade, principalmente em se tratando de expressões idiomáticas.

Leffa apresenta, ainda, dois tipos de aprendizagem lexical: a *incidental*, entendida como aquisição natural, e a *intencional*, definida como aprendizagem formal e planejada. Geralmente, a primeira é o tipo de aprendizagem que acontece no desenvolvimento da língua materna, e a segunda no da LE ou L2<sup>72</sup>.

Segundo o autor, os pesquisadores têm se interessado pela aprendizagem incidental do léxico, já que acreditam ser uma aprendizagem contextualizada, que envolve sentido e o uso da palavra, além de possibilitar que haja, ao mesmo tempo, a compreensão do léxico e de leitura. No entanto, o autor adverte que esse tipo de aprendizagem apresenta limitações.

No caso da L2, há muitos aspectos que não se desenvolvem espontaneamente, como parece ser o caso das expressões idiomáticas e das coligações. Diferentes investigações (ex.: Bahns e Eldaw, 1993; Arnaud e Savignon, 1997), têm demonstrado que falantes não-nativo de inglês, mesmo possuindo um excelente domínio da língua inglesa, deixam a desejar no que se refere às expressões idiomáticas. O desenvolvimento pleno das expressões próprias de uma língua parece estar vinculado ao ensino explícito e direto. (LEFFA, 2000, p. 19).

O processo de ensino e aprendizagem lexical deve priorizar tanto a aprendizagem incidental quanto a intencional, até porque, como já foi visto, é importante conhecer e entender as expressões idiomáticas da língua que se aprende. Se elas só são apreendidas intencionalmente, pois não se desenvolvem espontaneamente, devemos priorizar também a aprendizagem que favoreça o seu estudo.

Leffa afirma, ainda, que, no caso da aprendizagem intencional, quanto mais profundo for o processamento da palavra que está sendo adquirida, maior será sua retenção. Por isso, há muitas estratégias que buscam facilitar o investimento cognitivo do aluno para a aprendizagem intencional do vocabulário, como:

---

<sup>72</sup> L2 refere-se à aprendizagem de uma segunda língua depois da nativa.

- **usar o contexto:** o aluno deve aprender as palavras novas dentro de um contexto, onde o sentido da palavra possa ser inferido do próprio texto, tornando a aprendizagem mais autêntica e comunicativa:

O encontro com a palavra desconhecida dentro de um texto onde se pode perceber suas relações com outro segmento serve para contextualizar e tornar significativa a aprendizagem, mostrando matizes, restrições e preferências entre as palavras em uso – o que não seria percebido num estudo descontextualizado, com simples listas de palavras. (LEFFA, 2000, p. 21)

- **menos é mais:** é mais produtivo conhecer bem poucas palavras do que conhecer muitas superficialmente. Para selecionar as mais importantes existem critérios, como selecioná-las de um tema, ou área de conhecimento. Dentro de cada disciplina, é importante eleger as que envolvem *conceitos críticos*, ou conceitos chaves. Além disso, mediante um estudo de frequência, devemos priorizar as palavras mais usuais em detrimento daquelas que raramente encontramos em textos.

- **estratégias de fixação:** para fixar uma palavra na memória, é importante reter tanto a forma quanto o conteúdo da palavra, mas não só isso; é importante também ir além da palavra, decompô-la, brincar com ela, estabelecer vínculos dentro e fora do texto, etc.

Conhecer uma palavra não é apenas estabelecer a conexão rígida entre forma e conteúdo, como se fossem dois monólitos que se encaixassem um no outro, impossíveis de serem analisados. Conhecer uma palavra é despi-la de sua embalagem, descobrir as partes que a compõem e ver como cada uma dessas partes tem repercussões lá fora, com elementos internos de outras palavras - só permitindo a criação de textos onde os equilíbrios internos e externo, em seus inúmeros aspectos, possam ser mantidos. (LEFFA, 2000, p. 24).

Fica evidente que Leffa traz ponderações importantíssimas acerca da aprendizagem de uma língua estrangeira, mais especificamente sobre aprendizagem lexical. Entendemos aqui como aquisição lexical não só a aquisição de palavras simples, mas sim de todo o vocabulário da língua, abarcando suas expressões fixas,

pois consideramos que uma fraseologia é uma unidade linguística, assim como a palavra simples.

Ortiz Alvarez (2009), estudiosa da fraseologia, trata justamente da questão do componente fraseológico no ensino de línguas próximas. Essa autora acredita que a fraseologia ganha espaço nas aulas de língua estrangeira, a partir do momento em que se dá ênfase ao desenvolvimento da competência comunicativa, à interação social e aos aspectos sócio-culturais. A fraseologia, para ela, oferece ao aluno uma carga cultural que o aproxima das especificidades da língua e da cultura do povo. Assim, reconhece a importância de se trabalhar com as expressões idiomáticas no contexto de ensino de línguas, devido a sua força comunicativa e cultural.

A autora parte do pressuposto de que a linguagem reflete as crenças e os costumes de um povo: “as palavras, como pecinhas de um jogo de ar mar se prestam para formar estruturas das mais diversas e as frases, além de matéria-prima do discurso, são unidades que melhor espelham as relações entre linguagem e pensamento.” (ORTIZ ALVAREZ, 2009, p. 2). As palavras produzidas pelos falantes, portanto, refletem suas posições ideológicas, sociais e culturais. Para evidenciar o efeito ideológico que as expressões podem conter, a autora exemplifica:

As expressões idiomáticas bater a caçoleta, vestir o pijama de madeira, bater as botas, abotoar o paletó, esticar as canelas, ir dessa para melhor, ir para o Céu, se foi, são frases que têm o mesmo sentido (morrer), mas cada uma delas é utilizada de acordo com o contexto” (ORTIZ ALVAREZ, 2009, p. 2).

Ortiz Alvarez, assim como Leffa, observou que no ensino de línguas se tem priorizado o ensino do léxico e acrescenta, ainda, que isso inclui as unidades fraseológicas. Para a autora, o uso das expressões idiomáticas quebra a formalidade e favorece a interação entre os interlocutores; contudo, são de difícil compreensão para os que não conhecem os hábitos e dialetos dos lugares de onde elas são originadas:

Só o povo com o seu agudo espírito de observação poderia construir frases e ditos de uma forma tão original. Essas palavras e expressões populares convencionizadas pela tradição e automatismo serviram desde sempre a

determinados grupos sociais ou profissionais para simplificar o seu falar ou, às vezes, o tornar imperceptível a estranhos. (ibid., p. 3).

A autora considera a expressão idiomática um dos componentes mais versáteis e ricos da linguagem humana. Concordando com sua opinião, e por acreditarmos que a fraseologia é um dos bens mais ricos de que a língua dispõe, nós entendemos que elas devem ser trabalhadas na aula de LE, seja para resgatar o aspecto cultural do povo que as profere, seja para trabalhar com questões linguísticas, pragmáticas, morfológicas, comunicativas, etc., porque, por meio do seu estudo, podemos abarcar todas essas questões.

O contato com a fraseologia aproxima os aprendizes de uma LE ao mundo real, motivando-os a usar a língua ou a estudá-la. Dessa forma, podemos aproveitar o caráter motivador dessas expressões e preparar atividades significativas para os alunos que envolvam fraseologias, apresentando a eles problemas que os façam refletir sobre a língua:

...inserir conteúdo cultural no ensino de LE além de retirar a língua do vazio significa lhe restituir vida, lhe emprestar o papel catalisador de crescimento pessoal ao aluno promovendo um interesse crescente pela cultura que se desestrangeiriza, além da tolerância e respeito pela identidade e pelos valores de seu povo. (ORTIZ, 2009, p. 13)

Entretanto, a autora reconhece que é difícil ensinar essas expressões nas aulas de LE, não apenas por seu caráter idiomático ou por sua fixação formal, mas também por haver uma escassez de pesquisas que auxiliem o professor a trabalhar com esse tipo de assunto, como dicionários, livros didáticos, recursos didáticos, etc. Assim, apesar de a fraseologia ser uma questão que merece ser estudada nas aulas de língua estrangeira, ao trabalharmos com esse fenômeno dentro da sala de aula, nos deparamos com alguns problemas.

Muitas vezes, tanto os alunos quanto os professores não compreendem a fraseologia de outro idioma, e as obras lexicográficas ou os livros didáticos, que deveriam nos orientar, deixam a desejar: os livros didáticos poucas vezes trazem o equivalente na língua do aluno, ou explicações esclarecedoras, e os dicionários trazem problemas com relação à apresentação dessas unidades fraseológicas. Percebe-se uma

falta de metodologia para detectar expressões idiomáticas, falta de critério para marcar o elemento lematizado e falta de critério estatístico para identificá-lo.

Luque Durán e Pamies Bertrán (1998) também reconhecem o papel da cultura e dos elementos transculturais na criação de fraseologismos. Segundo os autores, muitas unidades fraseológicas resultam de fenômenos naturais, ou de feitos históricos, de mitos nacionais, de crenças, de esportes, etc. Reconhecendo o caráter cultural dessas expressões, é possível perceber o quanto elas podem enriquecer o ensino de língua estrangeira, favorecendo não só a aprendizagem linguística, como também a reflexão cultural e o estudo dos costumes e do modo como o povo enxerga o mundo.

Para comprovar a origem histórica e cultural que as expressões de uma língua podem conter, os autores trazem muitos exemplos que merecem ser citados aqui. Eles dividem as expressões em quatro blocos:

a) As que se referem a questões bíblicas, aludindo à cultura cristã: *más viejo que Matusalén; arrojar la primera piedra*<sup>73</sup>, etc.

b) As que aludem a tópicos clássicos, procedentes da tradição greco-latina ou da cultura europeia: *el talón de Aquiles; los trabajos de Hércules*<sup>74</sup>; *una golondrina no hace verano*<sup>75</sup>, etc.

c) As que refletem o contexto nacional das criações expressivas, abrangendo uma temática ampla – instituições, jogos, tradições, etc. Como exemplo no espanhol, temos as expressões que fazem alusão ao mundo das corridas, dos touros, etc.:  *echar un capote*<sup>76</sup>; *ver los toros desde la bandera*<sup>77</sup>; *estar para el arrastre*<sup>78</sup>, etc. Nesse caso, é provável que não haja uma expressão equivalente em outras línguas, até porque essas expressões são reflexos de aspectos culturais próprios de um povo.

d) As que representam aspectos raciais, preconceitos relacionados a minorias étnicas, grupos marginais, mulheres, etc.: *trabajar como un negro; ser engañado*

<sup>73</sup> Significam respectivamente: “mais velho que Matusalém”; “jogar a primeira pedra” em português.

<sup>74</sup> Significam respectivamente: “o calcanhar de Aquiles”; “os trabalhos de Hércules” em português.

<sup>75</sup> Significa “uma andorinha não faz verão” em português. A frase se remonta a Aristóteles e a Esopo.

<sup>76</sup> “Capote” é a capa usada pelos toureiros ao lidarem com os touros. A expressão significa “interceder em uma conversação ou disputa para desviar ser curso ou evitar conflito entre duas pessoas” – cf DRAE.

<sup>77</sup> Presenciar algo ou tratar dele sem correr o perigo ao qual se expõem quem nele intervêm – cf DRAE.

<sup>78</sup> “Arrastre” é o ato de retirar da arena o touro morto, e a expressão significa “achar-se em extremo decaimento físico ou moral – cf DRAE. Corresponde a *estar um lixo/em farrapos* em português.

*como un chino; estar/venir como un gitano*<sup>79</sup>. Entretanto, para os autores, as comparações feitas nesse tipo de expressões não são necessariamente motivadas, mas são, muitas vezes, “caprichosamente escolhidas” e, para os espanhóis, estas combinações são superficiais e não revelam a verdadeira valorização do espanhol sobre estes povos:

...tais expressões não necessariamente surgem como uma expressão de preconceito ou desprezo, mas sim em muitas ocasiões surgem por uma necessidade de reforçar a intensidade expressiva, isto é, de superlativizar uma mensagem. (LUQUE DURÁN, PAMIES BERTRÁN 1998, p. 150).<sup>80</sup>

Diante da relevância que as expressões idiomáticas de uma língua têm para o ensino e aprendizagem de um idioma, a fraseologia cumpre um papel importante dentro da linguística, pois representa e preserva crenças, tradições e a cultura de um povo. Em função disso, seu estudo torna-se tão importante para o linguista, para o professor, para o tradutor, para qualquer aprendiz de uma língua. Luque Durán e Pamies Bertrán (1998, p. 152) admitem que “o que aprende uma língua estrangeira [...] se verá obrigado a aprender também os componentes culturais e psicológicos que permitem a compreensão profunda de uma língua”<sup>81</sup>. Essa afirmação reafirma a importância do ensino de fraseologia em LE. Fica evidente, portanto, que a fraseologia de uma língua nos ajuda a explorar o contexto histórico e cultural de um povo e, por essa razão, deve fazer parte do currículo escolar e, mais do que isso, deve receber tratamento especial dentro de dicionários.

Reconhecemos, entretanto, que é difícil ensinar essas expressões nas aulas de LE, não apenas por seu caráter idiomático ou por sua fixação formal, mas sim por haver uma escassez de pesquisas que auxiliem o professor a trabalhar com esse tipo de assunto, como dicionários, livros didáticos, etc. Assim, apesar de a fraseologia ser uma questão que merece ser estudada nas aulas de língua estrangeira, ao trabalharmos

<sup>79</sup> Significam respectivamente: “trabalhar como um negro”; “ser enganado como um chinês”; “estar/vir como um cigano”.

<sup>80</sup> Original: “tales expresiones no necesariamente surgen como una expresión de prejuicio o desprecio sino que en muchas ocasiones surgen por una necesidad de reforzar la intensidad expresiva, es decir, de superlativizar um mensaje”.

<sup>81</sup> Original: “el que aprende una lengua extranjera [...] se verá obligado a aprender también los componentes culturales y psicológicos que permiten la comprensión profunda de una lengua”.

com esse fenômeno dentro da sala de aula, nos deparamos com alguns problemas. Muitas vezes, nem os alunos, nem os professores compreendem a fraseologia de um outro idioma, e as obras lexicográficas ou os livros didáticos, ao invés de nos orientar, deixam mais dúvidas: os livros didáticos poucas vezes trazem o equivalente na língua do aluno, ou explicações esclarecedoras, e os dicionários trazem problemas com relação à apresentação dessas unidades fraseológicas.

Contudo, é por acreditarmos que os alunos devem conhecer a fraseologia da língua que estudam e que “as expressões idiomáticas poderão oferecer-lhes um colorido mais popular, cotidiano, espontâneo e mais próximo de todos nós, onde as palavras ao se juntarem constroem sentidos e valores criados no âmago da alma do povo” (ibid., p. 13), e por reconhecermos as dificuldades de se trabalhar com esse assunto, devido ao pouco conhecimento que se tem sobre ele ou aos problemas apresentados pelas obras lexicográficas que deveriam nos orientar, que, a partir de agora, será feito um estudo da Lexicografia, por meio da Metalexigrafia; em seguida será feita uma análise do tratamento dado às fraseologias em um dicionário bilíngue. Assim, teremos as bases para apresentar uma proposta de obra lexicográfica que, acreditamos, possa realmente nos auxiliar no momento de trabalharmos com a fraseologia do espanhol como língua estrangeira.

### **3 LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E METALEXICOGRAFIA**

No capítulo 1, apresentamos uma revisão teórica dos estudos feitos sobre *Fraseologia*, visando caracterizar o nosso objeto de estudo: as locuções verbais. Desse modo, apresentamos nossa definição de *locução verbal* – amparadas nas contribuições de Corpas Pastor e Casares, que facilitou a identificação e o estudo dessas unidades e que nos permitirá garantir um tratamento adequado das locuções dentro de obras lexicográficas, sobretudo de dicionários bilíngues pedagógicos, tendo em vista a necessidade de ensino/aprendizagem das unidades fraseológicas e o caráter didático do dicionário destinado à aprendizagem de um idioma.

Para que possamos apresentar nossa proposta de tratamento de locuções verbais em dicionários bilíngues, é necessário, ainda, entender como essas obras lexicográficas são pensadas e confeccionadas – quais são os tipos que existem, como comumente se estruturam de acordo com a sua finalidade e como vêm sendo estudadas ao longo da história do fazer lexicográfico. Seguramente, a bibliografia existente sobre essa prática poderá nos auxiliar a identificar as informações macro e microestruturais que um dicionário bilíngue de locuções verbais exige – de acordo com o público alvo e com sua finalidade – para ser uma obra adequada e eficaz.

Portanto, este capítulo tem por objetivo identificar as características de um dicionário bilíngue, diferenciando-o das demais obras, e apresentar as técnicas e métodos desenvolvidos pela Lexicografia para a elaboração de obras lexicográficas. Para tanto, buscamos caracterizar a disciplina que desenvolve a prática de compor dicionários – a Lexicografia – e identificar, ainda, a disciplina que fornece fundamentação teórica ao fazer lexicográfico – a Metalexigrafia. Essas duas disciplinas se relacionam com outra – a Lexicologia –, já que antes de pensar-se em uma teoria que auxilie no fazer lexicográfico é necessário conhecer o léxico que se pretende registrar.

Este trabalho, portanto, além de privilegiar questões fraseológicas, insere-se nos estudos Lexicológicos, Lexicográficos e Metalexicográficos. Por isso, neste capítulo, após compreendermos o papel dessas disciplinas tão fundamentais para o desenvolvimento de um dicionário, apresentaremos uma classificação de obras

lexicográficas proposta a partir de critérios de identificação, a fim de definir as necessidades e os componentes de um dicionário bilíngue. Critérios esses que serão definidos nos próximos capítulos.

A seguir apresentaremos um breve panorama sobre a Lexicografia, Metalexicografia, Lexicografia Pedagógica e Metalexicografia Pedagógica.

### 3.1 A interface entre Lexicologia, Lexicografia e Metalexicografia

A Lexicologia – estudo do léxico – é a disciplina que estuda a origem, a forma e o significado das palavras a partir de um ponto de vista geral e científico, diferenciando-se da Lexicografia que se define como “a arte de compor dicionários” (CASARES, 1992, p.11). A própria terminação dos termos, como afirma Casares, já pressupõe essa diferenciação: *-logia* significa “ciência ou estudo de algum objeto”; e *-grafia* remete a uma atividade prática.

No entanto, embora possamos diferenciar Lexicologia de Lexicografia, elas estão diretamente ligadas, uma vez que para elaborar um dicionário antes é preciso estudar e conhecer o léxico da língua ou das línguas envolvidas. Como bem afirma Polguère (2003, p. 193), “os dicionários são, de certa forma, produtos derivados da lexicologia” e, portanto, a Lexicografia é resultado do estudo do léxico.

A Lexicologia contribui muito para a tarefa lexicográfica, que não é pequena e tampouco se reduz a uma atividade compilatória. Ao contrário, é um empreendimento imenso, devendo o dicionarista realizar uma intensa pesquisa para constituir a nomenclatura geral da obra, bem como chegar à estruturação dos verbetes. (KRIEGER et al, 2004, p. 48)

Por sua vez, como a Lexicologia ocupa-se do estudo do léxico e procura conhecer as propriedades e características dos itens lexicais de um idioma, podemos entender que a Fraseologia – que compreende o estudo das unidades fraseológicas de uma língua – é um ramo da Lexicologia, tanto quanto da Lexicografia, visto que se ocupa de um componente lexical específico: as unidades léxicas complexas.

Diante da diferenciação e da aproximação feita entre Lexicografia e Lexicologia, podemos depreender que a Lexicologia estuda o léxico de uma língua por meio de critérios científicos (semânticos, fonológicos, fonéticos, sintáticos, sintagmáticos...); e a Lexicografia, de modo geral, busca organizar esse léxico com o objetivo de registrá-lo em obras que funcionam como instrumentos de referência.

A Lexicografia, embora seja conhecida como a técnica de compor dicionários, além de apresentar um caráter prático (coleta e seleção do léxico, confecção do dicionário), possui também um caráter teórico (formulação de uma teoria geral para orientar na definição de unidades lexicais, na construção da nomenclatura geral da obra e em todo trabalho prático; pesquisa da história da lexicografia, entre outros). Essa disciplina teórica é conhecida na prática lexicográfica como Metalexigrafia. Voltaremos aos estudos dessa disciplina posteriormente.

Para Barros (2006, p. 3), a Lexicografia é a “ciência mais antiga responsável pela produção de dicionários, sobretudo de língua geral”. A autora reconhece, também, a possibilidade de produzirem-se os chamados dicionários especiais, os quais registram somente um tipo de unidade lexical ou fraseológica, como exemplo, cita os dicionários de expressões idiomáticas, de provérbios, de ditados, de gírias, de sinônimos, de antônimos e outros. Quando falamos em Lexicografia, podemos diferenciar a Lexicografia Monolíngue – trabalha com obras que registram um idioma apenas e que, portanto, deveriam destinar-se a um tipo de usuário apenas, o que nem sempre acontece – e a Lexicografia Bilíngue, que se ocupa de obras que contenham dois idiomas distintos, por isso costumam dedicar-se a mais de um usuário ao mesmo tempo. Tanto os estudos sobre a Lexicografia Bilíngue como os estudos sobre a Lexicografia Monolíngue são recentes – embora o estudo da primeira seja mais atual ainda. Além disso, o objeto de estudo preferido pela Metalexigrafia permanece sendo a Lexicografia Monolíngue. Welker (2008, p. 193) afirma que “a pesquisa em lexicografia tem uma história muito breve considerando-se a longa história desses dicionários socialmente tão importantes”.

Dentro da Lexicografia há, ainda, outro tipo de fazer lexicográfico: a Lexicografia Pedagógica (LP), que assume grande importância para este trabalho, já que trata de dicionários usados no ensino e aprendizagem de uma língua – materna ou estrangeira. Segundo Welker, o termo *lexicografia pedagógica* não é muito utilizado

e, na maioria das vezes, é empregado no sentido de construção de *learner's dictionary*, ou “dicionários para aprendizes” e para estudantes de língua estrangeira. Para o autor, os dicionários pedagógicos (DPs) se diferem dos demais pela preocupação com o usuário e pela tentativa de ser o mais claro possível, facilitando a leitura e oferecendo informações das quais o consulente realmente necessita.

Xatara e Durán (2007, p. 02) também evidenciam o caráter didático desse tipo de obra, ao considerar que o dicionário pedagógico é concebido “com a preocupação de simplificar a busca; exibir as informações de forma clara, minimizando a possibilidade de incompreensão e de conclusões ambíguas”. Para as autoras, esse tipo de obra preocupa-se até mesmo com o *layout*, já que o tipo de fonte e as cores serviriam para facilitar o entendimento das informações. As referidas autoras diferenciam a Lexicografia Tradicional da LP, devido ao fato de que na primeira, muitas vezes, se julga um dicionário pela quantidade de suas entradas, enquanto a pedagógica se preocupa muito mais com a qualidade de suas informações, uma vez que o que interessa é a satisfação do consulente ao utilizar o dicionário. No entanto, as autoras criticam a falta de estudo destinada à LP no Brasil e alertam para a necessidade de essa prática ser divulgada e tratada no país.

Até onde conhecemos, os dicionários verdadeiramente pedagógicos disponíveis no Brasil são obras trazidas ou adaptadas de empreendimentos lexicográficos estrangeiros e, por isso, nem sempre apresentam a melhor adequação aos brasileiros. Para que se desenvolva um mercado nacional de dicionários pedagógicos projetados especialmente para atender as necessidades de aprendizes brasileiros, é preciso que a LP passe a ser divulgada e discutida no país. (DURÁN et al, 2007, p. 02).

Podemos distinguir dois tipos de dicionários que fazem parte da LP: os *dicionários escolares* (para falantes nativos) e os *dicionários para aprendizes* (para não nativos). Ditos dicionários tem como objetivo auxiliar os estudantes de uma língua, bem como os professores na sua prática docente.

Os dicionários escolares ou para aprendizes diferenciam-se dos demais devido a seu caráter didático, tendo em vista que os dicionários gerais, diferentemente dos dicionários pedagógicos, buscam informar e não auxiliar no ensino de línguas:

Obras didáticas são usadas no ensino, devem ensinar, e isso, de preferência, de maneira didática. Os dicionários, em geral, não ensinam, eles **informam**. Um livro de receitas – que, de fato, ensina (a fazer certos pratos) – é uma obra didática? Uma lista telefônica, que informa, é uma obra didática? Jornais, revistas etc. são didáticos? A própria Rey-Debove reconhece (ibid.) [1969] que um dicionário é uma obra “que traz informações sobre a palavra-entrada”. Como se sabe, isso é feito, muitíssimas vezes, de forma pouco didática. É justamente nesse aspecto que os DPs [Dicionários Pedagógicos] pretendem ser diferentes dos dicionários comuns <sup>83</sup>. (WELKER, In NUT [Núcleo de Tradução] 2008, p. 14).

Welker (ibid. p. 15), por outro lado, adverte para o fato de que DPs não ensinam línguas, já que “muito dos fatos linguísticos que se precisa aprender para dominar um idioma não se encontram nos dicionários: a sintaxe geral, a morfologia, declinações e conjugações, etc.”. Podemos dizer, no entanto, que os DPs auxiliam no processo de ensino e aprendizagem das línguas – estrangeiras ou maternas.

A Lexicografia, portanto, pode ser estudada por um viés pedagógico, de onde resulta a Lexicografia Pedagógica, que, por sua vez, se subdivide em duas categorias: a LP teórica e a LP prática:

**LP teórica** estuda todos os assuntos relativos a DPs, e a **LP prática** produz tais dicionários. Essas obras, por sua vez, se destacam de dicionários comuns pela preocupação com o aprendiz, seja de língua materna ou estrangeira, levando em conta suas necessidades e habilidades (WELKER, In NUT 2008, p. 15).

O surgimento recente da Lexicografia Teórica é importante para os estudos lexicográficos; a chamada Metalexicografia se ocupa dos princípios teóricos em que

---

<sup>83</sup> Welker cita Rey-Debove . *O dicionário como discurso sobre a coisa e como discurso sobre o signo* (1969).

se baseia a construção de dicionários. Conforme Welker (2006, p. 11), a Metalexigrafia compreende “o estudo dos problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários e ainda a tipologia”. A Metalexigrafia, portanto, constitui-se em uma disciplina teórica importantíssima para a Lexicografia, visto que tem como objetivo melhorar o fazer lexicográfico e pretende pesquisar o uso e as tipologias dos dicionários, por meio de reflexões e críticas que aperfeiçoam a prática lexicográfica.

De modo geral, as reflexões sobre o fazer lexicográfico ressaltam que este ganha em qualidade ao deixar de ser somente compilador, e ao se orientar por um paradigma teórico-metodológico pertinente aos propósitos desse fazer [...] (KRIEGER et al, 2004, p. 48).

De acordo com as autoras (ibid.), a existência da faceta teórica da lexicografia, além de conferir um caráter descritivo à disciplina, a caracteriza como teoria lexicográfica autônoma, já que cumpre uma importante função, que antes era conferida apenas à Lexicologia: “define seu objeto, postula princípios e descreve os problemas e métodos envolvidos nas aplicações lexicográficas” (ibid. p. 48).

No entanto, a Metalexigrafia ainda deixa a desejar, já que não responde a muitas questões referentes ao seu objeto de estudo, como, por exemplo, a tipologia de dicionários:

Por um lado, não foi possível até agora desenvolver uma taxonomia que dê conta de maneira completamente coerente de todos os tipos possíveis de dicionários. Por outro lado, para a maioria dos dicionários (para quase todos, em verdade) não existe tampouco um feixe de traços que permita opor de maneira clara uns aos outros. (BUGUÑO 2007, p 1).

Devido ao recente aparecimento dessa disciplina, a Lexicografia aqui no Brasil ainda apresenta problemas, uma vez que não há críticas eficientes referentes ao fazer lexicográfico, nem estudos lexicográficos que possam, efetivamente, orientar o lexicógrafo na hora de elaborar um dicionário. Xatara (1998) confirma essa idéia ao considerar a pesquisa sobre Lexicografia no Brasil um campo de pesquisa pouco investigado.

Por outro lado, Krieger et al definem o século XX como o marco histórico na Lexicografia Brasileira, já que nesse período surgem os primeiros dicionários monolíngues referentes ao português do Brasil.

É, pois, somente nesse período, ainda recente, que é interrompido um vazio de quatro séculos com o efetivo nascimento da lexicografia nacional, definida mais pelos registros do Português do Brasil (PB) do que pelo lugar geográfico de publicação” (KRIEGER et al, 2006, p. 2).

Essas autoras acreditam que, apesar da produção lexicográfica brasileira ser muito recente, a prática de elaborar dicionários avança de maneira gradativa, o que contribui para determinar a identidade do português do Brasil e da própria lexicografia brasileira. Podemos depreender daí que, em consequência do avanço da lexicografia no que se refere à dicionarização de obras monolíngues, há um crescimento da lexicografia brasileira em geral, o que resulta em melhoramentos na área da lexicografia bilíngue, uma vez que se passa a conhecer e estabelecer as características do léxico brasileiro.

Como nosso objetivo não é nos aprofundarmos nas questões que envolvem a Lexicologia, a Lexicografia e a Metalexigrafia, nos limitamos a caracterizá-las, de modo geral. Consideramos que nosso trabalho está inserido nos estudos lexicológicos, lexicográfico, tanto quanto fraseológicos. É por meio dessas disciplinas que se torna possível propormos critérios para a elaboração de um dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais.

Após limitarmos Lexicologia, Lexicografia e Metalexigrafia, fica claro perceber que nosso trabalho está diretamente vinculado a essas três disciplinas, sobretudo aos estudos metalexigráficos, uma vez que pretendemos, primeiramente, conhecer como se estruturam e classificam obras lexicográficas; analisar uma obra lexicográfica específica (Dicionário *Santillana*, 2008), para, posteriormente, conhecido o funcionamento de uma obra lexicográfica, propor soluções para o tratamento de locuções verbais em dicionários bilíngues.

Para tratarmos da fraseologia da LC e de sua inserção em dicionários bilíngues, é necessário abordarmos algumas questões metalexigráficas (tipologia dos dicionários, distinção de função passiva e ativa em dicionários bilíngues, análise

acerca do tratamento de unidades fraseológicas em dicionários bilíngues, a microestrutura, a macroestrutura, etc.). Por isso, como pretendemos propor parâmetros para a elaboração de um dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais, e considerando que para toda prática lexicográfica existe a Lexicografia Teórica (Metalexicografia), a partir de agora apresentaremos uma revisão dos estudos metalexicográficos, incluindo a classificação das obras lexicográficas, que orientará a posterior elaboração de critérios para a composição de um dicionário bilíngue.

### **3.2 Classificação das obras lexicográficas**

Compreendido o papel da Lexicografia e da Metalexicografia e sua importância para este trabalho, destinamos agora nossos estudos às técnicas para composição de dicionários e às teorias que viabilizam a sua elaboração e classificação. A revisão metalexicográfica que apresentaremos a seguir nos ajudará a situar o lugar onde se insere a obra que proporemos nesta dissertação, bem como as informações que o dicionário deverá conter considerando as necessidades do usuário específico e as particularidades do léxico envolvido. Assim, apresentaremos, inicialmente, um panorama amplo da tipologia de dicionários a partir de Haensch (1982) e, em seguida, trataremos mais especificamente dos Dicionários Pedagógicos, por privilegiarem exatamente o público que pretendemos alcançar com nossa proposta – os aprendizes de um idioma, no nosso caso, brasileiros aprendizes de espanhol.

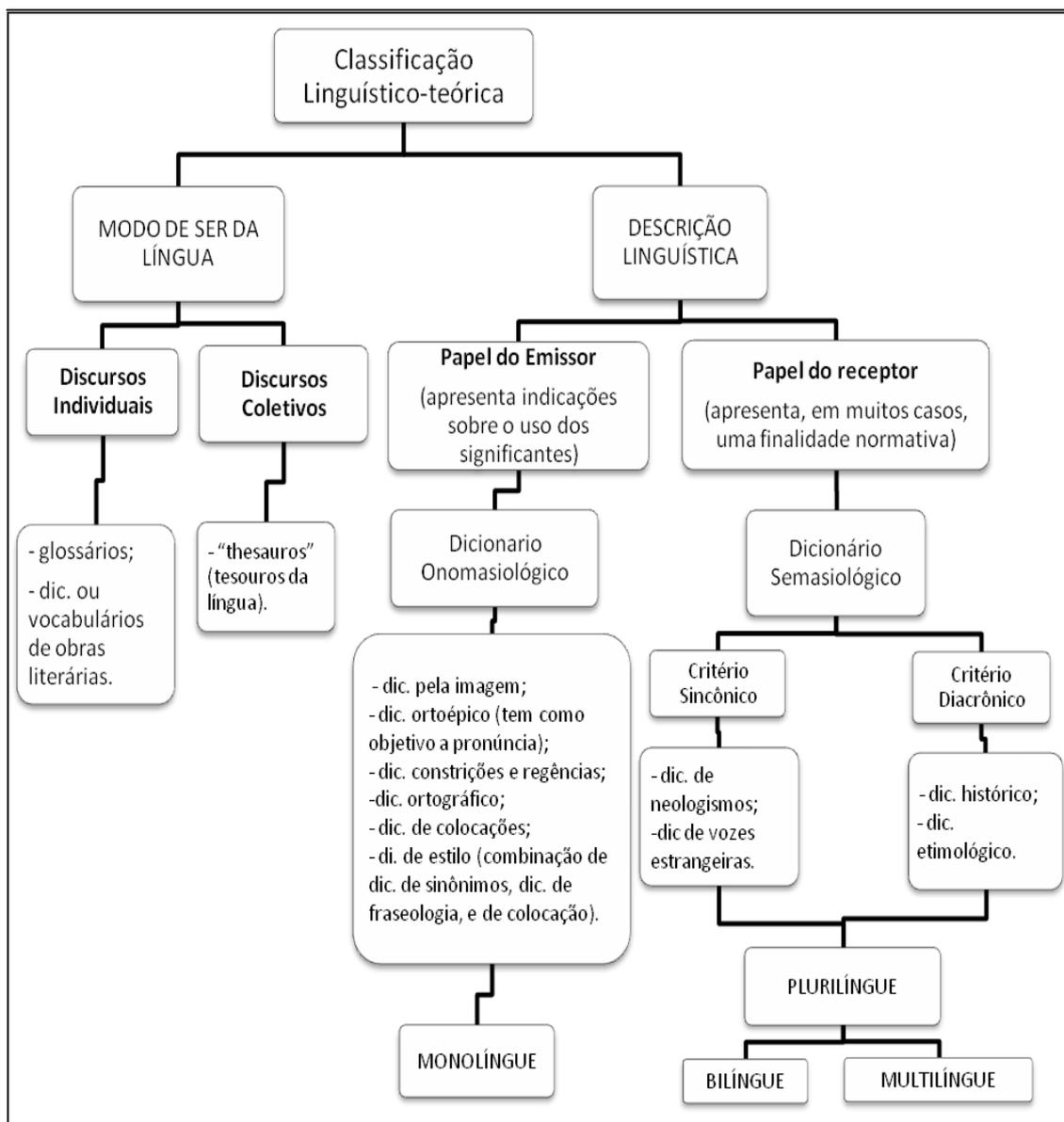
Haensch (1982) considera a classificação de obras lexicográficas uma tarefa difícil, sujeita a muitos problemas práticos e teórico-linguísticos. Prova disso, é o fato de que muitos autores tentaram estabelecer uma classificação dos diferentes tipos de obras lexicográficas existentes, sem conseguir, no entanto, dar conta, de forma satisfatória, de toda a variedade, tipologia e características peculiares de cada obra, já que não só critérios linguísticos, mas também fatores históricos e culturais influenciaram no surgimento e desenvolvimento dessas obras. No entanto, antes de propor-se a elaboração de informações macro e microestruturais para a feitura de uma obra lexicográfica, é necessário definir o seu público alvo, a sua finalidade, as línguas envolvidas, entre outras questões que, conseqüentemente, dão à obra características que a insere em uma tipologia específica. É por isso que, a partir de agora,

apresentaremos o ponto de vista de Haensch (1982) para a classificação de obras lexicográficas, a fim de chegarmos ao nosso principal interesse: o dicionário bilíngue pedagógico.

### 3.2.1 O ponto de vista da Linguística Teórica

Apesar de Haensch acreditar que a distinção dos diferentes tipos de obras lexicográficas deva partir da história da lexicografia e dos trabalhos lexicográficos existentes, ele considera os critérios teórico-linguísticos importantes no reconhecimento de ditas obras, ainda que em menor grau.

Haensch adota alguns critérios para que a classificação linguístico-teórica seja possível. Apresentamos esses critérios e a classificação do autor resumidos no esquema a seguir:



Esquema 5: Síntese da Classificação Linguística Teórica de dicionários de Haensch (1982)

Assim, o critério que se baseia nos diferentes **modo de ser da língua** pode ter como objeto os *discursos individuais* (resultando em obras como glossários, dicionários, ou vocabulários de obras literárias, ou de outros textos técnicos); ou os *discursos coletivos*, de onde surgem os chamados *thesauros*, representativos da língua ou de todos os textos conhecidos de uma coletividade humana em uma época determinada.

Segundo o autor, “a maior parte das codificações lexicográficas tem por objeto o léxico de todo um sistema linguístico coletivo, que se representa, em geral, mediante um método de descrição idealizante” (HAENSCH 1982, p. 97)<sup>84</sup>. Muitas vezes, codificam-se os elementos que, dentro de um sistema, são característicos de um subsistema, e, assim, surgem os *dicionários de regionalismos* e os de *gírias*, por exemplo.

Por outro lado, segundo o enfoque da descrição linguística, o autor afirma que poderíamos distinguir muitos tipos de codificações lexicográficas, porém, geralmente, considera-se o papel do emissor e o papel do receptor linguístico ao se construir um dicionário. O primeiro leva-se em conta, de forma mais explícita, nos chamados dicionários *onomasiológicos*, nos quais se parte de conceitos ou matérias em busca dos significantes linguísticos correspondentes<sup>85</sup>. De acordo com Haensch, os dicionários que se orientam mediante o papel do emissor buscam oferecer indicações sobre o **uso** de significantes léxicos dentro de um sistema linguístico (sobre pronúncia, grafia, etc.). Já, no segundo, encontraríamos os dicionários *semasiológicos*, partindo-se do significante para conteúdos realizados (discurso individual e coletivo), ou virtuais (sistema individual ou coletivo).

Haensch acrescenta, ainda, que se considera a palavra como unidade de descrição do dicionário semasiológico por razões históricas e práticas. No entanto, o autor reconhece que há, em muitas línguas, os *dicionários especiais*, os quais abarcam os dicionários de fraseologia, modismos refrães, etc. A seleção de entrada dos dicionários semasiológicos pode ser feita por meio de um critério sincrônico (como é o caso dos *dicionários de neologismos*), ou diacrônico (no caso dos *dicionários históricos*). Na maioria dos dicionários semasiológicos, apresentam-se, além do conteúdo do significante, outras informações complementares como pronúncia, grafia, regência, etc., e dispõem-se os verbetes pela ordem alfabética.

De acordo com Haensch, os dicionários que se orientam segundo o papel do emissor (onomasiológicos) são, de modo geral, monolíngues. Já no dicionário semasiológico, o conteúdo do significante pode ser explicado em várias línguas,

---

<sup>84</sup> Original: “La mayor parte de las codificaciones lexicográficas tienen por objeto el léxico de todo un sistema lingüístico colectivo, que se representa, por lo general, mediante un método de descripción idealizante.”

<sup>85</sup> Entenda-se *significante* aqui nos termos de Saussure.

constituindo-se, assim, os *dicionários plurilíngues*, os quais pretendem explicar não somente os conteúdos dos significantes, mas também as possibilidades de tradução a outra língua. Esses dicionários subdividem-se em *bilíngue* ou *multilíngue*.

### 3.2.2 Critério histórico-cultural

Haensch considera importante analisar os tipos de obras lexicográficas e suas denominações por meio de uma perspectiva histórico-cultural, apesar de admitir que, por vezes, essas denominações podem ser arbitrárias.

O autor explica, primeiramente, que existem dois tipos de lexicografia: a lexicografia linguística e a lexicografia enciclopédica. A lexicografia linguística surgiu pela necessidade de se explicar o significado das palavras. Depois que os gregos, os romanos e os indianos já haviam se ocupado da lexicografia é que ela ressurge nos países latinos na Idade Média, momento em que a língua vulgar se distanciava do latim e era necessário explicar as palavras de difícil compreensão através de glosas. Assim, ainda na atualidade, usam-se, em muitos textos escolares escritos em LE, glosas destinadas a explicar ao aluno palavras e expressões difíceis. Quando as glosas aparecem no final no do texto, as chamamos de *glossário*. Haensch afirma que o termo *glossário* pode ser usado em dois sentidos:

1°. Como repertório de vocábulos que pretende explicar, por exemplo, um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, etc.

2°. Como repertório de palavras, muitas vezes de termos técnicos monolíngues ou plurilíngues, que não pretende ser exaustivo, como por exemplo, um glossário de termos ecológicos espanhol-ínglês.

Por outro lado, o dicionário bilíngue e o dicionário multilíngue tiveram grande reconhecimento no início da Idade Moderna. Tais dicionários foram os primeiros tipos de obra lexicográfica a ter grande repercussão, graças à cultura renascentista e à introdução da imprensa, com a publicação de obras como *Universal Vocabulario* (1490 de Alonso Palencia, dicionário latim com explicações em castelhano), *Vocabulario de Romance en Latin* (de Antonio de Nebrija, primeiro dicionário da língua castelhana).

A denominação *dicionário*, no sentido moderno, foi empregada, primeiramente, na Europa, fora da Espanha, como é o caso do *Dictionarium latino-gallicum* e o *Dictionnaire français-latin* de 1539 do lexicógrafo francês Robert Estienne. A partir desse momento, passa-se a usar, na Europa, os termos *vocabularium*, *dictionarium* e *lexicón*. Entretanto, Haensch chama atenção para o fato de essas denominações terem sido, erroneamente, aplicadas às obras de tipo muito diferentes, fazendo com que surgisse uma grande confusão denotativa, consequência do uso arbitrário das denominações por parte dos autores ou das editoras.

Na época renascentista, os dicionários que contemplavam uma língua se chamavam *thesaurus* (*Thesaurus linguae e latinae* – 1532 de Robert Estienne, por exemplo). Posteriormente, referiu-se a *thesaurus* como uma obra lexicográfica monolíngue muito extensa, baseada em citações de autores considerados exemplares com relação ao uso linguístico (sentido esse usado até os dias de hoje). Junto aos dicionários mono e plurilíngues, considerados gerais, surgiram, nos séculos XVI e XVII, os primeiros dicionários especializados: dicionários de modismos (como o *Vocabulario* de Gonzalo Correas); dicionários de arcaísmos (como o *Conde Lucanor* de Juan Manuel) e vocabulários sobre determinadas matérias (medicina, agricultura, etc.).

De acordo com Haensch, apesar de o objeto primário da lexicografia ter sido, desde sua origem, a explicação do significado de palavras pertencentes a uma fase de evolução mais antiga, ou de vocábulos de uso contemporâneo, também se desenvolveu outro tipo de lexicografia: a lexicografia enciclopédica, que teve sua origem na Antiguidade Clássica, mas que teve grande importância na Idade Média.

As obras de tipo enciclopédico são, primeiramente, grandes compilações que expõe os conhecimentos humanos de uma época, ou de uma disciplina científica ou artística, em forma sistemática. (HAENSCH, 1982, p. 110)<sup>86</sup>

No Renascimento, foram publicadas, na Itália, enciclopédias em vários tomos; no Barroco usa-se um índice alfabético em algumas dessas obras, e, posteriormente,

---

<sup>86</sup> Original: “Las obras de tipo enciclopédico son, primeramente, grandes compilaciones que exponen los conocimientos humanos de una época, o de una disciplina científica o artística, en forma sistemática”.

chega-se a enciclopédias do tipo moderno, na qual se apresentam os materiais em ordem alfabética e em língua moderna. Assim, desde o final do século XVII, muitas enciclopédias adotam a denominação de *dicionário* e apresentam seus materiais alfabeticamente, oferecendo, ainda, indicações de tipo linguístico, além de informação enciclopédica.

É evidente que, em todas estas obras, se explicam não só coisas, mas também palavras e conceitos; portanto, existe sempre certa relação entre a lexicografia enciclopédica e a linguística. (ibid., 1982, p. 111)<sup>87</sup>

No século XVIII, destacam-se os *dicionários normativos*, entre eles o *Vocabulario degli Academia della Crusca*, destinado à fixação de uma língua literária italiana, e o *Diccionario de autoridades*, publicado pela Real Academia Espanhola (RAE). Esses dicionários, em sua grande maioria, se propuseram a fixar o uso correto da língua. Hoje em dia, admite-se no *Diccionario de la Real Academia Española* novas acepções de palavras já registradas, suprime-se vocábulos arcaicos e reorganiza-se muitas entradas, apesar de haver uma certa prudência quanto ao registro de estrangeirismos, neologismos, tecnicismos, vulgarismos e vocábulos tabuizados.

Além dos dicionários citados até agora, Haensch menciona os *dicionários históricos* – os quais têm como finalidade apresentar a evolução das palavras ao longo dos séculos, por meio de citações de textos com as datas correspondentes e apresentando as diferentes grafias e as variações semânticas e morfológicas (como por exemplo, o *Diccionario histórico de la lengua española*, pela RAE) – e os *dicionários etimológicos*, que buscam aclarar etimologias, como o *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* de J. Corominas (1980).

Mais tarde, surgiram, em muitos países, os *dicionários históricos e etimológicos*, devido à necessidade de se dispor de instrumentos adequados que possibilitassem o conhecimento mais profundo das línguas estudadas. Haensch cita o *Diccionario semasiológico e histórico* de Wilhelm Grimm, iniciado em 1852 e publicado apenas em 1961, sob o título de *Deutsches Wörterbuch*.

---

<sup>87</sup> Original: “Es evidente que, en todas estas obras, se explican no sólo cosas , sino también palabras y conceptos, por lo tanto, existe siempre cierta relación entre la lexicografía enciclopédica y la lexicografía lingüística”.

A lexicografia dialetal teve um notável desenvolvimento no século XX, tendo como precursor F. M. Sarmiento (1692 – 1770) com seus estudos da língua galega. No século XIX, aparecem os *dicionários de americanismos*, os quais selecionam o vocabulário de um determinado país ou de uma área mais ampla, como o *Diccionario hispano-chileno* de A. Febres (1846). Há também os *dicionários de arcaísmos*, que surgem devido ao interesse pelo passado, ou pelos autores da idade média. Esses dicionários, muitas vezes, aparecem em forma de glossário de obras literárias, como o *Cantar de Mío Cid. Texto, gramática y vocabulario* de R. Menéndez Pidal.

No século XX, com a influência das novas orientações linguísticas (como da escola Funcional – Estruturalista), a lexicografia passa a estudar as palavras não mais isoladamente, mas sim junto a seus sinônimos e as palavras semanticamente relacionadas a elas. Dessa influencia, surgem os *dicionários por conceitos*, como o *Der deutsche wortschatz nach sachgruppen* de F. Dornseiff (1933). Na Espanha, Casares publicou em 1942 seu *Diccionario ideológico de la lengua española*.

Assim, as novas ideias suavizaram as tendências puristas da lexicografia tradicional e passou-se a considerar o uso da língua. Com o passar dos anos, as novas escolas linguísticas continuaram exercendo sua influência sobre a lexicografia e renovando os métodos lexicográficos. Assim, as criações e as denominações dos diferentes tipos de obras lexicográficas foram condicionadas, não apenas por critérios teóricos-linguísticos, mas também pela evolução sociocultural.

### 3.2.3 Critérios práticos

Haensch acredita que para diferenciarmos os distintos tipos de obras lexicográficas devemos observar quais as características que as mesmas possuem e aplicar alguns critérios de ordem prática em cada caso, ao invés de dar um nome estereotipado que não reflete as características de cada obra.

Os critérios selecionados por Haensch são:

1. Formato e extensão da obra.
2. Caráter linguístico, enciclopédico ou místico.
3. Sistema linguístico em que se baseia.
4. Número de línguas.

5. Seleção do léxico:
  - vocabulário geral ou parcial;
  - codificação exaustiva ou seletiva;
  - critérios cronológicos;
  - caráter prescritivo ou descritivo.
6. Ordenação de materiais.
7. Finalidades específicas de dicionários.
8. Dicionário tradicional ou dicionário eletrônico.

### **1. Formato e extensão**

Baseia-se em um critério externo de classificação, pelo número de entradas que a obra contém e pelo seu formato. Por meio desse critério, podemos obter denominações como *dicionário de bolso* (para aqueles que realmente cabem em um bolso normal). Podemos, ainda, verificar que a própria funcionalidade do dicionário pode implicar uma limitação com relação a sua extensão, é o caso do *dicionário escolar*, que costuma ser de extensão mais reduzida. Para se formar uma ideia exata de uma obra lexicográfica é necessário indicar o seu formato, o número de tomos/volumes, de páginas e de entradas registradas.

### **2. Caráter linguístico ou enciclopédico**

Segundo Haensch, é importante delimitar a lexicografia linguística frente à lexicografia enciclopédica. Ambas possuem tanto a ordenação alfabética dos materiais quanto a definição do lema. Além disso, as enciclopédias dão, muitas vezes, indicações sobre pronúncia, ortografia, gramática, etimologia, etc.

Haensch adverte, no entanto, que devemos reconhecer a existência de formas híbridas. Por outro lado, o consulente terá que consultar, muitas vezes, enciclopédias e dicionários da língua ao mesmo tempo, a fim de completar a informação de um com outro.

### 3. Sistema linguístico no qual a obra se baseia

Podemos distinguir as obras conforme a descrição semântica do vocabulário:

- aquelas que se baseiam em um sistema linguístico individual do autor ou de uma equipe de autores, como por exemplo, o *Dictionnaire de l'Academie Française* (1932 – 1935);

- aquelas que dependem das informações extraídas de um *corpus*<sup>88</sup>, independente do sistema linguístico individual do autor, como por exemplo, *Diccionario de autoridades*.

No primeiro caso, os autores podem aproveitar como fonte outros dicionários, glossários, manuais, revistas, textos orais, etc. No entanto, é importante deixar claro ao consulente em que sistema linguístico e em que fontes os dicionários se baseiam.

### 4. Número de línguas

Segundo o número de línguas podemos classificar as obras lexicográficas em:

- *dicionário monolíngue*
- *dicionário plurilíngue*  $\left\{ \begin{array}{l} \textit{bilíngue} \\ \textit{multilíngue} \text{ (mais de duas línguas)} \end{array} \right.$

Os dicionários plurilíngues dão, em geral, equivalentes das unidades léxicas em outras línguas, ao invés de uma descrição metalinguística, como fazem os dicionários monolíngues. Para melhor esclarecer a diferença entre esses dois dicionários, Haensch apresenta um quadro (p. 135), por meio do qual é possível delimitar e entender como se organiza cada um:

---

<sup>88</sup> Citações de textos os transcrições de gravações.

ARTIGO DE UM DICIONÁRIO (= MICROESTRUTURA)	
<i>Dicionário monolíngue</i>	<i>Dicionário bilíngue</i>
Enunciado do lema (ou voz-guia ou palavra-chave)	Enunciado do lema.
Indicações fonéticas, ortográficas, gramaticais e léxicas (localização geográfica, nível lingüístico, conotações, etc.).	Indicações fonéticas, ortográficas, gramaticais e léxicas.
Definição (e outras explicações) sobre o significado e as diferentes acepções.	Equivalente na língua de destino das diferentes acepções da palavra-chave.
Parte sintagmática: indicações sobre o uso da palavra em contextos com exemplos, indicações sobre colocação, construção e regência, modismos, frases feitas e refrães.	Parte sintagmática: exemplos de aplicação, colocação, construção, modismos, frases feitas, etc., porém sempre com o equivalente na língua de destino.

Quadro 4: Exemplo de verbete de *dicionário monolíngue* e de *dicionário bilíngue* segundo Haensch (1982)

## 5. Seleção do léxico que registram

### a) **Vocabulário:**

- geral: abrange o léxico de um sistema linguístico em sua totalidade. Os dicionários gerais buscam codificar o vocabulário geral de uma língua, o que, na verdade, não é possível, já que não se consegue registrar todo seu vocabulário. Assim, esses dicionários, na verdade, consideram o vocabulário usual da língua;

- parcial: abrange o léxico de um sistema linguístico que corresponde a uma região limitada (marcação diatópica), a uma área determinada (marcação diatécnica), a um grupo social (marcação diastrática), entre outros. Dessa forma, há vários critérios, relacionados por Haensch, para classificar os tipos de obras lexicográficas que registram vocabulários parciais, os quais tomam como referência a língua geral como diassistema (um conjunto de sistemas – “dialetos”, “níveis” e “estilo de língua” diversos, nos termos de Coseriu (2008)).

Os vocábulos de marcação diatópica, diastrática e diatécnica podem ser objetos de uma obra especializada, como por exemplo, de *dicionários técnicos*,

*dicionários de gírias, vocabulários dialetais, etc.* No entanto, esses vocábulos aparecem também em dicionários gerais, onde é necessário indicar sua marcação por meio de símbolos e abreviaturas. Temos de levar em consideração, ainda, que não existem obras lexicográficas que conseguem dar conta de todas as classes de vocabulários com marcação diassistêmica.

#### **b) Codificação exaustiva ou seletiva**

- dicionários exaustivos e seletivos: teoricamente, tanto os dicionários gerais quanto os parciais ou especializados podem ser exaustivos ou seletivos; no entanto, é mais difícil, ou quase impossível, que os dicionários gerais sejam exaustivos, já que seriam pouco manuseáveis, muito custosos e correriam grande risco de ficarem inadequados ou incompletos. Por outro lado, é mais fácil para os dicionários especiais serem exaustivos quando tratarem de um vocabulário parcial de um domínio reduzido, ainda que não seja possível abranger todo o vocabulário parcial em uma obra lexicográfica, devido à evolução da língua e suas variantes diatópicas;

- dicionário de uso e dicionário de aprendizagem: o *dicionário de uso* é um tipo especial do dicionário geral monolíngue. Esse dicionário seleciona as palavras mais correntes de acordo com seus usos em um contexto, desenvolvendo-as através de exemplos, construções e regência, fraseologia, modismos, etc. Assim, o *dicionário de uso* amplia a parte sintagmática das entradas e oferece, também, uma parte paradigmática, como por exemplo, o *Diccionario del lenguaje usual* de A. Ramos e F. Alonso (1969) e o *Dictionnaire Du français contemporain* (DFC) de J. Dubois et al. (1977). Ainda dentro dos dicionários de uso, podemos citar os dicionários destinados a pessoas que aprendem uma língua estrangeira, chamados em inglês de ‘learner’s dictionary’, ‘Lernwörterbuch’ em alemão, ‘dictionnaire didactique’ ou ‘dictionnaire d’apprentissage’ em francês.

### c) Critério Cronológico

O elemento cronológico é importante em qualquer obra lexicográfica. Dentro desse critério, podem-se distinguir os *dicionários diacrônicos* (estudam a evolução do vocabulário através dos séculos) e os *dicionários sincrônicos* (registram o vocabulário de uma língua em um determinado momento da história). Podemos dizer, no entanto, que não há um dicionário puramente sincrônico, prova disso, é que em um dicionário geral registra-se, junto às palavras usuais de uma determinada época, alguns neologismos, palavras obsoletas e estrangeirismos, que nada mais são do que resultados de um processo diacrônico. Além disso, um dicionário sincrônico, muitas vezes, necessita registrar palavras que não se usam mais quando elas fazem parte de uma fraseologia ainda frequente atualmente: *sangria desatada*<sup>89</sup> (traz a ideia de pressa). Os dois tipos de dicionários mais usuais com diferenciação cronológica são o *dicionário histórico* (estuda a trajetória da palavra com as mudanças de forma e significado através dos séculos) e o *dicionário etimológico* (se ocupa da origem das palavras e de sua suposta pré-história).

### d) Caráter prescritivo ou descritivo

- dicionário com função prescritiva (normativa): basicamente, todos os dicionários apresentam um efeito normativo pelo simples fato de codificar-se um determinado vocabulário e difundir-lo na imprensa. Entre os dicionários de função normativa temos: os *dicionários acadêmicos*; os *dicionários escolares* e os que registram vocabulário com marcação dianormativa ou diaintegrativa; os *dicionários de dúvidas e dificuldades*; *dicionários de pronúncia*; *dicionários ortográficos* e os *dicionários de norma*;

---

<sup>89</sup> “sangria”: bebida preparada com vinho, água, açúcar, suco de limão e pedaços de frutas, em especial laranja e maçã; “desatada” = termo arcaico que significa, nesse caso, “livre”. Quando a sangria era livre, ou seja, grátis, todo mundo ia rapidamente e insaciável até ela. Era comum dizer-se nos bailes do século passado: "Vai ter sangria desatada". Ou seja, boca livre. Bebia-se exageradamente, com pressa. Hoje em dia, quando queremos dizer que alguma coisa está sendo feita com pressa dizemos que é uma “sangria desatada”.

- dicionários com função descritiva: ao contrário dos dicionários com função prescritiva, os dicionários descritivos têm como finalidade recolher uma seleção representativa do léxico realmente usado pelos falantes, sem critério purista. É necessário salientar, no entanto, que a maioria dos dicionários gerais mono língues não faz uma separação entre sua função normativa e descritiva, o que resulta em conflito entre estas duas funções.

## 6. Ordenação dos materiais

Esse critério diz respeito à organização da macroestrutura<sup>90</sup> do dicionário:

- *dicionário semasiológico*: ordena seus materiais por significantes, os quais costumam aparecer em ordem alfabética. Dentro da classificação alfabética, entretanto, pode aparecer, em alguns casos, muitos vocábulos agrupados por família, sem se levar em consideração a classificação alfabética. É o caso de *entristecer* figurar junto à *triste*, por exemplo. O *dicionário de uso* de M. Moliner reagrupa, junto à classificação alfabética, palavras da mesma família;

- *dicionário onomasiológico*: ordena seus materiais por conceitos, dessa forma, parte-se dos significados; não significa, no entanto, que não se poderá seguir uma ordenação alfabética dos conceitos. Na verdade, nesse tipo de dicionário, levam-se em conta as associações que existem entre conteúdos, tanto do ponto de vista da língua quanto das coisas. Essas associações nunca terão o mesmo rigor que o sistema de ordenação alfabético, por isso, há, na maioria das vezes, um índice alfabético de todos os vocábulos registrados no final dos dicionários onomasiológicos.

## 7. Finalidades específicas de dicionários

Ao tratarmos dos diferentes critérios para classificação das obras lexicográficas, já foram citados muitos dicionários tipificados conforme suas

---

<sup>90</sup> Conjunto de entradas de um dicionário, e organização do corpo da obra.

finalidades (*dicionários terminológicos; dialetais, de americanismos, de gírias, de frequência, históricos, de estrangeirismos, etc.*). Há, ainda, outros tipos de dicionários com uma finalidade específica, são eles: *dicionários de abreviaturas; dicionários onomásticos* (explicam a origem dos nomes próprios, de pessoa – antropônimos, ou de lugar – topônimos); *dicionários paradigmáticos* (levam-se em conta as relações de uma palavra com outra); *dicionários ortoépicos* (também chamados de dicionários de pronúncia); *dicionários ortográficos* (indicam a grafia de vocábulos e suas possíveis variantes – por exemplo, *yerba* e *hierba*, “erva” em português); *dicionários sintagmáticos* (tratam das palavras em contextos, considerando a construção gramatical, colocações, fraseologias, modismos, frases feitas e refrões – é por esse tipo de dicionário que temos interesse nesse trabalho); *dicionários gramaticais; dicionários de dúvidas e dificuldades.*

## **8. Dicionário convencional e dicionário eletrônico**

Podemos diferenciar os *dicionários convencionais ou tradicionais*, que são aqueles impressos ou mimeografados, dos *dicionários eletrônicos*, divulgados através de um computador e/ou de um programa informatizado que armazena milhões de palavras.

Por fim, é claro que todos esses critérios para a classificação das obras lexicográficas explicados por Haensch nos ajudam a delimitar e diferenciar os tipos de dicionários e instrumentos lexicográficos existentes, e, conseqüentemente, auxiliam o lexicógrafo na hora de produzir sua obra. No entanto, a nomenclatura desses instrumentos não é unívoca, de modo que só se pode caracterizar uma obra lexicográfica mediante a descrição de todos os seus traços, sua função e finalidade. Deve-se levar em conta que, muitas vezes, as obras não se enquadram em um único tipo, mas sim apresentam várias características, podendo haver tipos híbridos, como por exemplo, um dicionário linguístico e enciclopédico ao mesmo tempo.

## 9. O Dicionário Pedagógico

Há outro tipo de dicionário – citado por Haensch (1982) como um tipo de *dicionário de aprendizagem*, mas não aprofundado – que incluo aqui, já que merece ser tratado e analisado devido a seu caráter didático, fato que o torna importante para este trabalho: são os *dicionários pedagógicos*, os quais, como o nome já diz, inserem-se nos estudos da Lexicografia Pedagógica.

Segundo Welker (In NUT<sup>91</sup>, 2008), além dos *dicionários gerais* (que registram todos os tipos de lexemas: substantivos, verbos, adjetivos, etc.), existem os *dicionários especiais da língua* (dicionários de sinônimos, de antônimos, de parônimos, de colocações, de verbos, de falsos amigos, onomasiológicos etc.), que pretendem, em alguns casos, auxiliar o aprendiz de uma língua.

Vai depender do tratamento que é dado às informações lexicográficas se esses dicionários podem ser considerados pedagógicos ou didáticos. Por exemplo, os dicionários de sinônimos, na sua maioria, certamente não são DPs, pois apenas arrolam diversos “sinônimos”, sem nenhuma explicação. Quanto, por exemplo, aos onomasiológicos, Tosqui-Lucks (neste volume) mostra alguns que são, de fato, pedagógicos. (WELKER, In NUT, 2008, p. 18)

Segundo Ezquerria (1993), todos os dicionários são pedagógicos e os mesmos cumprem com sua função didática a partir do momento em que o usuário se aproxima deles para ver como se escreve uma palavra, qual é o seu significado, se pode ou não ser utilizada em um sentido determinado, ou em uma construção determinada. Para o autor, portanto, poucas são as pessoas que utilizam essas obras para ver apenas a grafia ou a pronúncia, “o dicionário no ensino da língua deve ser algo mais que um objeto que instrui de maneira passiva” (ibid., p.167).

Apesar dessa afirmação de Ezquerria, há tipos específicos de dicionários que podem ser considerados pedagógicos em razão da função que cumprem, qual seja, a de auxiliar na aquisição de uma língua materna ou estrangeira. De acordo com Welker (2008), um *dicionário didático*, por exemplo, difere-se de um *dicionário pedagógico*

---

<sup>91</sup> NUT: Núcleo de Tradução.

devido à sua finalidade, enquanto o primeiro seleciona todos os tipos de lexemas, ou de lexemas especiais, a fim de arrolar sinônimos, ou equivalentes, sem nenhuma explicação, o segundo busca ser o mais claro possível e apresenta uma preocupação com as necessidades dos aprendizes de um idioma.

De acordo com Haensch, podem ser considerados DPs, ao dedicarem-se a aprendizes de um idioma, os seguintes dicionários:

- *dicionários escolares*: quando destinados ao ensino e aprendizagem da língua materna e não somente a critérios puristas;

- *dicionários monolíngues para aprendizes estrangeiros*;

- *dicionários bilíngues para aprendizes*: a grande maioria desses dicionários destina-se a usuários das duas línguas, o que implica certas desvantagens. O ideal seria dirigir-se a apenas um desses públicos;

- *dicionários semibilíngues*: são, na verdade, bilíngues, porém considerados dicionários principalmente monolíngues, ao qual foram acrescentados equivalentes; como exemplo, temos o *Dicionário Señas (Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños.)*, que dispõe de uma definição em espanhol do lema castelhano e, ao final, traz um equivalente em português.

Entre os tipos expostos acima, trataremos mais especificamente dos dicionários bilíngues, dado que pretendemos propor critérios para seleção e tratamento de fraseologias em dicionários que têm como finalidade auxiliar na aprendizagem de uma língua estrangeira; vale lembrar que tratamos da aprendizagem do espanhol por falantes brasileiros.

Muitas das peculiaridades dos dicionários pedagógicos vêm ao encontro das particularidades do dicionário bilíngue, como a distinção entre produção e recepção. Ambos os dicionários, portanto, distinguem essas duas funções, já que um dicionário pedagógico pode destinar-se à compreensão ou à produção de uma LE, assim como o

dicionário bilíngue, que ao equiparar duas línguas distintas tem de delimitar se o foco é na compreensão, ou na produção.

Como nosso objetivo está centrado no papel das fraseologias para o ensino/aprendizagem de uma LE, os DPs tornam-se importantes para o nosso trabalho, visto que eles destinam-se a auxiliar os aprendizes de um idioma na sua compreensão e na produção textual. Sendo assim, o dicionário que proporemos, neste trabalho, enquadra-se na tipologia de um dicionário pedagógico, que, embora considere duas línguas distintas – o português e o espanhol –, terá como público alvo um único usuário: o aprendiz brasileiro de espanhol como língua estrangeira (ELE), posto que, como veremos a seguir, para que um dicionário bilíngue cumpra sua função de forma adequada, ele deve destinar-se a apenas um dos usuários da língua, a fim de aprofundar-se nas necessidades do consulente e conseguir sanar todas as possíveis dúvidas, embora seja essa uma tarefa difícil, devido à assimetria e à complexidade das línguas.

Dedicaremos as próximas linhas, portanto, a um estudo mais detalhado de um tipo de dicionário que pode ser considerado pedagógico quando dedicado a aprendizes de uma língua: o dicionário bilíngue. As peculiaridades de um dicionário bilíngue pedagógico nortearão, posteriormente, nossas soluções para o registro de unidades fraseológicas em obras destinadas a aprendizes de ELE.

### **3.3 O Dicionário Bilíngue (DB)**

A classificação das diferentes obras lexicográficas nos auxilia a entender e a analisar o dicionário bilíngue, obra que tomamos como objeto de estudo neste trabalho. Após entendermos o funcionamento dessa obra, será possível dedicar um capítulo com propostas para registro de locuções verbais em dicionários bilíngues. Trataremos posteriormente, portanto, de soluções para a elaboração de uma obra ao mesmo tempo **bilíngue**, por tratar do léxico das línguas portuguesa e espanhola, **pedagógica**, por ter a função de auxiliar na produção oral e escrita de aprendizes de uma LE e **especial**, por dedicar-se a um tipo de fenômeno léxico apenas: as locuções verbais.

Trataremos agora, mais especificamente, do dicionário bilíngue dando ênfase à sua função no processo de ensino e aprendizagens de LE, buscando entender a sua organização e sua finalidade. Para tanto, apresentaremos, inicialmente, algumas concepções de DB e suas características, a fim de identificar cada elemento essencial para a sua elaboração.

Ao aprender ou utilizarmos uma língua não nativa, nos deparamos, por vezes, com a necessidade de recorrer a dicionários bilíngues, os quais apresentam equivalências léxicas de um idioma a outro. Ezquerria (1993) acredita que, se conhecêssemos com maior profundidade o conteúdo desses dicionários, tiraríamos dele um melhor proveito do que se costuma obter. Torna-se necessário entendermos a obra com a qual pretendemos lidar, para podermos aproveitar mais os conteúdos oferecidos por ele:

...o dicionário é uma obra didática. Como obra de tal caráter o acesso a ela é fácil, e a circulação por seu interior também simples, proporcionando-nos em cada incursão uma série nada desdenhável de informações, a não ser que o dicionário não tenha sido bem confeccionado e nos vejamos decepcionados em nossa busca. Para obter dele o máximo proveito temos de saber como é, e temos de saber utilizá-lo. (ibid., p. 145)<sup>92</sup>

Para Bugueño (2007), “o dicionário bilíngue é uma obra lexicográfica que almeja estabelecer relações de equivalência léxica (e semântica) entre duas línguas com o objetivo de possibilitar a transferência de material léxico de uma língua para a outra” (p.05).

Marello (1996) define DB como a obra na qual as expressões de uma língua são traduzidas para outra e são postas em contato, a fim de que haja a comunicação entre falantes de duas línguas distintas.

Hartmann (2001) afirma que o dicionário bilíngue associa o vocabulário de duas línguas por meio de equivalentes que possibilitam ao usuário ler e produzir na outra língua. Essas duas funções, ler e escrever, nos permitem distinguir a função

---

<sup>92</sup> Original: “...el diccionario es una obra didáctica. Como obra de tal carácter el acceso a ella es fácil, y la circulación por su interior también sencilla, proporcionándonos en cada incursión una serie nada desdeñable de informaciones, a no ser que el diccionario no haya sido bien confeccionado y nos veamos defraudados en nuestra búsqueda. Para obtener de él el máximo provecho hemos de saber como es, y hemos de saber utilizarlo”.

passiva (ler ou compreender na LE) da função ativa (escrever ou produzir um texto oral ou escrito na LE). Esses conceitos serão analisados neste capítulo, já que o objetivo deste trabalho é refletir sobre o tratamento dado a locuções verbais em dicionários bilíngues na função ativa.

A história dos dicionários bilíngues demonstra, portanto, que, desde o início, essas obras revelam um caráter pedagógico, já que seu principal motivo era auxiliar os aprendizes de uma LE. No entanto, esses dicionários podem apresentar uma desvantagem: a maioria destina-se a usuários das duas línguas, o que acaba prejudicando sua eficácia, já que cada usuário possui suas peculiaridades, que merecem ser tratadas isoladamente nessas obras.

O dicionário bilíngue tem, por outro lado, algumas vantagens perante um monolíngue: torna-se fácil de manusear-se, devido a seu tamanho; satisfaz, de modo geral, as necessidades do usuário e é prático. Diante disso, é evidente que as pessoas recorrem muito mais a esses tipos de obras lexicográficas, para sanar alguma dúvida na hora de compreender alguma palavra que desconhece, ou na hora de produzir em outra língua. Para entender ou utilizar uma fraseologia na língua estrangeira, não é diferente; o usuário recorre a esses tipos de dicionários. Portanto, o dicionário bilíngue deveria auxiliar no processo de compreensão e produção de uma fraseologia; no entanto, muitas vezes, esse tipo de obra lexicográfica não funciona de modo satisfatório, posto que não leva em consideração fatores que são essenciais na elaboração de um DB:

- a) O público alvo, ou o usuário específico, considerando-se sua língua materna.
- b) A função da obra.
- c) As línguas e a direcionalidade do dicionário: língua materna para língua estrangeira, ou língua estrangeira para a língua materna.
- d) Informações que devem ou não constar na macro e microestrutura.
- e) O anisomorfismo linguístico: não existe equivalência perfeita, mas sim aproximada. O dicionário deve considerar que as línguas são anisomórficas por natureza e tem de dar um subsídio para isso.

A seguir, apresentaremos cada um desses fatores.

### 3.3.1 O usuário

É extremamente importante levar em consideração as necessidades do usuário na hora de se elaborar uma obra lexicográfica. Um dicionário português/espanhol necessita de informações e estruturas específicas, dependendo se o público alvo for o falante nativo do espanhol, ou o do português. Especificando-se a língua alvo, o próximo passo é definir o tipo de falante para qual a obra destina-se: a um estudante, um profissional, um professor, crianças, adolescentes, adultos... Considerando-se o público alvo, podemos pensar, ainda, em um dicionário bilíngue com fins de tradução quando o usuário for um tradutor, ou com fins de ensino de uma língua estrangeira quando o usuário for um aprendiz de LE.

Não existe, no entanto, um dicionário ideal, que abranja, de modo satisfatório, todos os tipos de usuários, pois as necessidades de uma criança, de um jovem, ou de um adulto não são as mesmas. O dicionário terá de se adaptar às peculiaridades de seu usuário, tendo em vista a sua função e as peculiaridades do consulente.

Considerando a necessidade de se delimitar o usuário da obra lexicográfica que se propõe elaborar, nossa proposta de dicionário abrangerá o público brasileiro, aprendiz de espanhol, com necessidades de produção; a obra receberá, portanto, o sentido português-espanhol. Essas definições serão retomadas no capítulo destinado à apresentação da nossa proposta.

### 3.3.2 A função da obra

De acordo com o público alvo, o dicionário pode ter como função auxiliar no ensino de uma língua estrangeira ou no processo de tradução. Considerando a função de ensino e aprendizagem de um idioma, podemos ter dois tipos de dicionários: os que auxiliam na tarefa de decodificação, quando o objetivo é a compreensão de alguma unidade, e os que ajudam na codificação, quando o objetivo é produzir na língua estrangeira. Ao se elaborar um dicionário bilíngüe, é importante considerar se ele pretende apresentar uma função de decodificação ou codificação, pois os elementos necessários para cada uma delas nem sempre coincidem. Na nossa

proposta, o dicionário terá a função de produção, definindo-se, portanto, como um dicionário ativo, como veremos a seguir.

### 3.3.3 Direção do dicionário

Ao se confrontar duas línguas dentro de um dicionário, devemos considerar a sua direção, ou seja, qual idioma será o ponto de partida, e qual será o ponto de chegada. Quando o dicionário é pensado para satisfazer as necessidades do usuário que quer produzir na língua estrangeira, a direção deve ser da Língua Materna (LM) para a Língua Estrangeira (LE). Nesse caso, esse dicionário pode ser chamado de ativo. Quando o objetivo é a compreensão, o dicionário deve se movimentar da LE para a LM, sendo chamado de passivo.

- *Funções ativa e passiva:*

Os dicionários podem ser **monofuncionais**, quando servem para um tipo de falante de uma língua, e **bifuncionais**, quando servem para falantes de duas línguas. No entanto, o dicionário bifuncional apresenta muita informação e acaba se tornando uma obra cansativa. Além do mais, na maioria das vezes, apenas um usuário acaba ganhando, uma vez que, ao querer atender públicos com necessidades diferentes ao mesmo tempo, não se consegue atender bem as necessidades dos dois usuários, ou até mesmo de nenhum deles, e nem aprofundar conhecimentos e informações relevantes sobre as particularidades do idioma.

É de consenso entre lexicógrafos, portanto, que para cada par de língua tenhamos quatro tipos de dicionários. No caso das línguas português/espanhol, necessitaríamos de:

- para o usuário brasileiro { 1 dicionário **ativo** (português para espanhol)  
1 dicionário **passivo** (espanhol para português)
- para o usuário espanhol { 1 dicionário **ativo** (espanhol para português)  
1 dicionário **passivo** (português para espanhol)

### • Dicionário passivo

O dicionário passivo tem como função auxiliar na compreensão de uma língua e tem por objetivo oferecer equivalências. No entanto, nem sempre é possível contar com um equivalente, por isso o lexicógrafo muitas vezes é obrigado a gerar definições. Para a expressão castelhana *buen Juan*<sup>93</sup>, por exemplo, não há uma expressão equivalente em português, assim, o lexicógrafo deve dar simplesmente um impulso para a compreensão mediante uma definição.

O dicionário bilíngue para a compreensão é utilizado para a decodificação e, geralmente, serve para usuários com conhecimentos mínimos da língua estrangeira. Por isso, esse tipo de dicionário deve apresentar uma fácil estrutura de acesso e informações claras.

Segundo Humblé (no prelo), o mais importante é que a macroestrutura desses dicionários seja o mais extensa possível:

“Quanto mais palavras listadas, melhor. Ao tentar compreender um texto, é mais provável que um usuário procure uma palavra rara do que uma palavra comum. Ele já sabe o que significa “cat”, “house”, “car”, etc., mas terá problemas com palavras como “deceptive” ou “grind”, para citar dois exemplos aleatórios. A inclusão de palavras pouco frequentes é essencial para um bom dicionário de compreensão” (HUMBLÉ [no prelo], Dicionários e Ensino de Línguas).

### • Dicionário ativo

Esse dicionário auxilia na produção do consulente. Ao contrário do dicionário para a compreensão, o dicionário para a produção é um dicionário para um indivíduo proficiente, já que ele deve ser capaz de produzir livremente. Assim, a produção em uma língua estrangeira é uma tarefa bem mais complexa do que a compreensão, já que o (con)texto será construído por um usuário não nativo.

De acordo com Béjoint (1981, p. 21), “em geral, o melhor dicionário para a produção é aquele que dá as informações mais detalhadas sobre sintaxe e colocação”.

<sup>93</sup> “Homem simples e fácil de enganar” – cf. DRAE.

A colocação, assim como qualquer fenômeno fraseológico, é um dos grandes problemas da produção em língua estrangeira, uma vez que as palavras se agrupam em combinações que conhecemos na nossa língua materna, mas que desconhecemos na língua estrangeira, daí a necessidade de registro dessas unidades em obras lexicográficas. Contudo, diante da complexidade do fenômeno fraseológico, a tarefa de registrar fraseologias em dicionários, principalmente em bilíngues – quando há a necessidade de encontrar um equivalente em outra língua –, não é nada fácil.

A problemática referente ao tratamento de fraseologias em um dicionário ativo é resultado da impossibilidade de se registrar todas as possíveis combinatórias das palavras; mas, por outro lado, um dicionário que não registra essas expressões provavelmente não satisfará as necessidades do usuário. No caso da compreensão de um texto, admite-se que o entendimento dessas unidades não seja tão preciso; no entanto, a produção exige a precisão, ou seja, é necessário escolher a expressão correta e adequada da LE no momento da produção linguística, evitando marcas de interferência da LM. Soma-se a isso, a impossibilidade de traduzirem-se literalmente as expressões idiomáticas de uma língua a outra, por isso a necessidade de elaborarem-se dicionários que as representem.

A produção e a compreensão seguem estratégias diferentes e, por isso, exigem uma organização específica. Entretanto, ao analisarmos um dicionário bilíngue, percebemos que a definição de ativo e passivo praticamente não existe, pois não há um tratamento diferenciado para cada função, de modo que, muitas vezes, o dicionário não satisfaz no quesito compreensão e principalmente na produção. Além disso, os dicionários bilíngues costumam apresentar os dois sentidos na mesma obra e quando partem da língua estrangeira para a nativa, o que deveria ser uma função passiva, não satisfaz, por vezes, as necessidades de compreensão do usuário de forma prática e clara, pois, não raras vezes, se registra na microestrutura informações gramaticais, ou até mesmo exemplos, que para o caso de compreensão não seriam necessários, bastaria a tradução da unidade para a língua materna.

Do mesmo modo, no caso da direção inversa – LM para LE –, a função ativa muitas vezes não satisfaz, uma vez que se omitem elementos importantes para a produção da LE, a saber: uma macroestrutura enxuta, com as unidades que costumam apresentar dificuldades aos aprendizes da língua e uma microestrutura detalhada, que

traga informações sintáticas, semânticas, pragmáticas, etc., a fim de auxiliar o consulente na produção.

### 3.3.4 A macroestrutura e a microestrutura do dicionário bilíngue

Macroestrutura refere-se ao conjunto de entradas de um dicionário, e também pode referir-se “à forma como o corpo do dicionário é organizado” (Welker, 2006, p.80). Os dicionários bilíngues podem diferir-se quanto à organização macroestrutural: aqueles em que a ordenação das unidades lematizadas é feita pelo significado das unidades lematizadas e aqueles em que a organização é feita através da forma (significante) e, na maioria das vezes, em ordem alfabética. Desse princípio, resultam os dicionários onomasiológicos e semasiológicos, respectivamente, já apresentados anteriormente.

A microestrutura, por sua vez, refere-se ao conjunto dos elementos que formam o verbete e que trazem informações sobre a palavra entrada. Verifica-se que em um DB a microestrutura costuma apresentar uma série de sinônimos como equivalentes à palavra entrada da outra língua sem nenhuma explicação das diferenças de significados de uso ou parâmetros que ajude o consulente a escolher a acepção mais adequada ao contexto de uso. No entanto, quando se parte da língua materna para língua estrangeira, ou seja, quando se tem o intuito de produção, a organização microestrutural ideal deveria apresentar equivalentes do lema na LE por meio de numeração ou sinal tipográfico com indicações do nível de língua, do campo semântico e com exemplificações, a fim de indicar soluções para que o consulente possa escolher a equivalência mais adequada ao seu texto. (cf. Marelló, *in* Béjoint, 1996).

Wiegand (apud Bugueño, 2007) propõe uma segmentação do dicionário monolíngue em *comentário da forma* e *comentário do significado*. Bugueño (2007) propõe essa mesma segmentação para a microestrutura de um tipo de dicionário bilíngue (de falsos amigos – português/espanhol). Assim, pode-se dizer que na microestrutura de um dicionário bilíngue também podemos encontrar informações sobre a forma e o significado do lema.

a) comentário de forma: indicações morfológicas da palavra; classe gramatical; transcrição fonética; gênero; valência, entre outras informações gramaticais;

b) comentário semântico: marcas de uso; definição; paráfrases; equivalentes; exemplos, informações adicionais quanto ao uso e acepções, entre outras marcas semânticas.

Consideramos que o comentário de forma e o comentário semântico são imprescindíveis na microestrutura de um dicionário bilíngue ativo, já que o usuário que pretende comunicar-se em LE precisa conhecer o comportamento sintático e as conotações semânticas das unidades da língua estrangeira antes de produzi-las. Entretanto, quando o sentido é contrário (dicionário passivo), como parte-se da língua estrangeira com o objetivo de compreensão, não há porque trazer informações quanto à forma das unidades na LE, porque não é esse tipo de informação que ele procura, e muito menos sobre a LM, já que o consulente conhece sua língua e sua dúvida diz respeito ao significado da expressão estrangeira. Nesse caso, o único tipo de informação que o usuário necessitaria seria um correspondente na sua língua, uma tradução, ou uma explicação dos possíveis significados e acepções do lema.

Como já afirmamos, para um dicionário passivo a macroestrutura deve ser densa, contendo uma grande quantidade de lemas, já que o objetivo é a compreensão de palavras ou de combinações de palavras. A microestrutura, por outro lado, deve ser enxuta. Em contrapartida, o dicionário ativo deve conter uma macroestrutura enxuta e uma microestrutura densa, uma vez que o objetivo é a produção; nesse caso, as maiores informações devem dizer respeito ao equivalente da língua alvo. Para Marello (1996), é normal que a macroestrutura do dicionário destinado à compreensão ou tradução seja densa, constituída de um maior número de entradas, enquanto no DB destinado à produção ou versão a parte longa acaba sendo a microestrutura, e, conseqüentemente, os verbetes são mais longos.

Respeitado as condições básicas para elaboração de uma macro e microestrutura adequada ao público alvo, nos deparamos com um problema decorrente da assimetria natural entre elementos da língua no momento de equipararem-se dois idiomas distintos em uma obra lexicográfica: dificuldade de

encontrarem-se equivalentes, o que faz com que muitas vezes não encontremos uma equivalência perfeita. É o que veremos a seguir.

### 3.3.5 O anissomorfismo

Dizer que as línguas são anissomórficas significa que cada uma possui uma organização específica em cada um dos seus planos (lexicológico, sintático, morfológico, fonético, fonológico e pragmático), princípio que as diferencia.

Podemos comprovar que as línguas são anissomórficas ao compararmos duas línguas e constatarmos as diferenças sintáticas, morfológicas, fonológicas, etc. entre elas, como por exemplo:

- no nível pragmático, o espanhol usa a forma de tratamento USTED tanto para indicar respeito ao dirigir-se a uma pessoa de idade, quanto a uma pessoa jovem. Já o português não usa a forma SENHOR, que também indica respeito, para alguém jovem;

- no nível morfológico, o português admite o infinitivo pessoal (*tiverem, fizerem, pegarmos...*), em contrapartida, essa forma verbal não existe em espanhol;

- no nível fraseológico, o princípio do anissomorfismo se faz mais claro ainda, já que as expressões idiomáticas podem corresponder semanticamente entre duas línguas diferentes por meio de elementos léxicos distintos, como é o caso de “fazer parte” em português e *hacer parte* em espanhol. Há, ainda, casos em que o anissomorfismo é tão grande que ocorre até mesmo no nível semântico, fazendo com que não haja a tradução de um conceito na outra língua, é o caso de *como Pedro por su casa* (quando alguém se mete em algum assunto alheio, sem razão para isso)<sup>94</sup>.

Alcaraz Varó (2004) considera que o termo *anissomorfismo* está vinculado ao conceito de “intraduzibilidade”, assim tradutores e lexicógrafos de DB se propõem a indicar equivalentes e não textos ou termos idênticos entre as línguas. Portanto, a transferência linguística da língua de partida à língua de chegada está sempre condicionada por uma série de anissomorfismos.

---

<sup>94</sup> Com inteira liberdade ou naturalidade, sem consideração alguma. Se usa quando alguém entra ou se mete desse modo em algum assunto, sem razão para isso - cf DRAE.

Fica claro perceber, portanto, que a microestrutura de um DB não pode restringir-se a apresentar traduções das unidades lematizadas, pois, como vimos, as línguas não são simétricas e, por essa razão, muitas vezes o lexicógrafo se deparará com fenômenos linguísticos para os quais não encontrará uma solução no outro idioma. Portanto, é importante que haja explicações semânticas e sintáticas complementares no dicionário bilíngue, principalmente se a obra tiver a intenção de ajudar na produção de um idioma estrangeiro.

Após recorrermos à Metalexigrafia, a fim de analisarmos o fazer lexicográfico ao longo da história, sob critérios não só históricos, culturais e linguísticos, mas também práticos, o próximo passo é identificar como o fenômeno fraseológico é tratado dentro de obras bilíngues, já que são as fraseologias o nosso foco de pesquisa.

Com o estudo teórico feito neste capítulo, foi possível identificar os diferentes tipos de obras lexicográficas e, mais do que isso, distinguir as características, finalidades, informações canônicas, etc., do dicionário bilíngue pedagógico (DBP). Esse dicionário assume grande relevância no processo de ensino aprendizagem de língua estrangeira, por servir como obra de referência para buscas de palavras e expressões do idioma desconhecido.

No capítulo que segue evidenciaremos a importância do registro de fraseologias em obras lexicográficas, mas especificamente em DBP, tendo em vista a necessidade de aprendizagem dessas unidades e a capacidade de auxílio linguístico, semântico e pragmático oferecido por essas obras, fato que fazem delas um instrumento tão procurado por aprendizes de um idioma.

## **4 A FRASEOLOGIA NOS DICIONÁRIOS**

No capítulo anterior, apresentamos uma classificação de obras lexicográficas segundo autores da bibliografia especializada. Posteriormente, identificamos elementos e características importantes que um dicionário bilíngue precisa respeitar para ser uma obra realmente adequada a seus propósitos: auxiliar o consulente na tarefa de decodificação e/ou codificação de uma língua estrangeira.

A partir de agora, procuraremos entender como as fraseologias são apresentadas em obras lexicográficas, mais especificamente em dicionários bilíngues: como é feito seu registro e que tipo de informação é apresentado sobre elas. Por meio da análise do tratamento dado às expressões de uma língua em obras lexicográficas, será possível, posteriormente, propor parâmetros para elaboração de uma macro e microestrutura de um dicionário que tenha como finalidade auxiliar o aprendiz de espanhol como língua estrangeira na sua tarefa de codificação e, mais especificamente, na sua atividade de produção de expressões idiomáticas da língua.

No capítulo 1, vimos que há uma grande dificuldade em se reconhecer fraseologias devido à diversidade de designações e metodologias que existem sobre esse fenômeno linguístico. Do mesmo modo, não é difícil notar que existem diferentes formas de organização dos fraseologismos em dicionários. Embora se tenha estudado muito as características e os diferentes tipos de fraseologias, não há um consenso em relação à forma como inseri-las em obras lexicográficas e que informações apresentar sobre as mesmas. Não obstante, essas unidades linguísticas merecem um tratamento especial dentro dessas obras, por meio de procedimentos que facilitem a busca, de modo que se permita ao usuário entendê-las e utilizá-las corretamente.

Tendo em vista a importância do registro dessas unidades em obras lexicográficas, apresentamos a seguir as contribuições de alguns autores acerca da inserção de fraseologias em dicionários.

#### 4.1 A fraseologia e os dicionários – concepções de alguns autores

Segundo Tristá (1997), os fraseologismos passam a se tornar uma unidade linguística com valor igual ao da palavra no que se refere ao tratamento lexicográfico e, portanto, devem ser registrados em dicionários. Para ela, a “seleção do material, delimitação do fraseologismo, variantes, etc., são alguns dos aspectos que influenciam na organização do material” (ibid., p. 115). Tristá enfatiza, ainda, a importância de se delimitar os fenômenos fraseológicos, pois uma classificação eficiente auxilia o trabalho lexicográfico no tratamento dessas expressões, já que, embora seja comum agrupar todas as unidades fraseológicas sob o termo de *fraseologia*, existem critérios divergentes com relação à sua denominação e delimitação e, conseqüentemente, a sua inclusão nos dicionários.

Há um problema de ordem prática com relação a onde e como incluir combinações de palavras em uma obra lexicográfica, além dos questionamentos acerca de que informações apresentadas sobre elas, de acordo com o usuário e função da obra. Assim, devido à dificuldade de se registrar fraseologias em entradas de verbetes, tanto os dicionários monolíngues como os bilíngues lematizam, majoritariamente, palavras isoladas, e apenas em algumas entradas inclui-se combinações de palavras. No entanto, essas unidades fazem parte do léxico e merecem tratamento adequado em obras lexicográficas, já que a soma de seus constituintes resulta em um conceito único, assim como as palavras simples. As unidades fraseológicas se comportam, portanto, como unidades léxicas, tal como considera Tristá, e se os dicionários pretendem abarcar o léxico de uma língua, precisam considerar sua fraseologia.

Haensch (1982) divide as unidades fraseológicas pluriverbais lexicalizadas y habitualizadas em dois tipos:

a) **colocações:** essas combinações podem intercambiar-se livremente e são fruto da tendência sintático-semântica que algumas palavras isoladas da língua têm de adotar um número limitado de combinações com outras palavras, mesmo havendo uma grande quantidade de possíveis combinações;

b) **combinações fixas de lexemas:** não são intercambiáveis, pois estão sujeitas a restrições mais ou menos rigorosas em seus usos. Nesse tipo se encaixam as unidades fraseológicas, modismos, unidades do discurso repetido (refrões, citas), etc.

Para o autor, os dicionários deveriam levar em conta as colocações e as unidades fraseológicas, ainda que não haja para elas uma classificação satisfatória; dessa forma, a qualidade dos dicionários melhoraria muito e não se daria valor apenas à inclusão de um número elevado de entradas aleatórias.

Ao considerar o dicionário bilíngue, Haensch acredita que as UFs deveriam aparecer tanto na língua de partida como na língua de destino, devendo ser definidas por meio de uma explicação do seu significado e de seu uso; assim, o usuário poderia entendê-las melhor e não formaria uma ideia desfigurada do uso linguístico dessas expressões na língua de destino.

Para o problema da inclusão de fraseologias em dicionários, Haensch concorda com a solução pragmática comumente utilizada na prática lexicográfica de não se registrar as unidades léxicas como lema nos dicionários semasiológicos gerais<sup>95</sup>, mas sim incluí-las em uma entrada que corresponda a um dos componentes da unidade. Por outro lado, o autor admite que não há princípios específicos para a inclusão dessas unidades, o que causa grande confusão no momento da busca por uma UF:

Aquele que usa o dicionário deve consultar com frequência, a modo de tentativa, lemas que correspondem a várias das partes componentes de uma unidade fraseológica, porque o lexicógrafo se esqueceu de estabelecer, cumprir ou explicar uma regra que determine sob que parte componente de uma unidade fraseológica figura esta. (HAENCH, 1982, p.230)<sup>96</sup>.

Tristá (1997) também reflete sobre as possíveis formas de inserção de uma UF em dicionários gerais. Segundo ela, os dicionários gerais apresentam duas formas diferentes de organização dessas expressões:

<sup>95</sup> Haensch adverte que os dicionários fraseológicos constituem um caso especial, portanto, não são levados em conta nessa solução.

<sup>96</sup> Original: “El que usa el diccionario debe consultar a menudo, a modo de intento, lemas que corresponden a varias de las partes componentes de una unidad fraseológica, porque el lexicógrafo ha olvidado establecer, cumplir o explicar una regla que determine bajo qué parte componente de una unidad fraseológica figura ésta.

1. A inserção na macroestrutura por ordem alfabética, por meio da lematização dos fraseologismos.
2. O registro na microestrutura mediante uma palavra chave constituída por um dos componentes da unidade.

**Na macroestrutura:** quando se registra as unidades fraseológicas na macroestrutura de um dicionário, há a necessidade de se definir os limites dos fraseologismos, posto que sua composição influencia o lugar em que eles devem aparecer e de que forma. A lematização dos fraseologismos nos dicionários gerais tornaria longas algumas séries de unidades, como as que começam pela negação (*no vale o que come*). Tristá chama atenção, ainda, para o fato de um fraseologismo poder apresentar uma mudança na ordem dos constituintes (*la sangre no va a llegar al río / no llegar la sangre al río*)<sup>97</sup>, isso impossibilitaria a busca pela unidade, tornando a tarefa difícil e cansativa.

**Na microestrutura:** o registro das unidades fraseológicas na microestrutura oferece diferentes possibilidades:

- mediante a primeira palavra significativa;
- mediante todas as palavras significativas;
- mediante a palavra que se considera principal do ponto de vista semântico;
- mediante a palavra que se considera principal do ponto de vista gramatical.

O importante, na verdade, é que haja regras baseadas em critérios, sejam eles pragmáticos, gramaticais ou semânticos, que orientem a inserção das UFs, como por exemplo, uma lista de prioridade das categorias gramaticais que figurarão como lema e que conterão a unidade fraseológica em sua subentrada, não esquecendo que o consulente deve ter o conhecimento do critério adotado, a fim de se facilitar a sua busca.

---

<sup>97</sup> Não haver consequências graves em uma disputa – cf. DRAE

Sobre o registro de UFs na microestrutura de dicionários gerais, Welker (2006, p.109) expõe os tipos básicos de apresentação arrolados por Hausmann & Werner (1991):

- microestrutura “integrada”: as informações sintagmáticas são exibidas em cada acepção;
- microestrutura “não integrada”: as informações sintagmáticas aparecem no final do verbete, às vezes em um bloco à parte;
- microestrutura “semi-integrada”: as informações sintagmáticas também estão no final do verbete, mas recebem números que remetem à acepção à qual pertencem;
- microestrutura “parcialmente integrada”: funciona como a “integrada”, no entanto, alguns sintagmas estão colocados ao final, em um bloco à parte, porque não se tem claro a que acepção pertencem.

Além da dificuldade de se estabelecer onde incluir fraseologias em dicionários gerais, há outros problemas que surgem na hora de se registrar combinações de palavras em obras lexicográficas. O artigo ou subentrada que pretende tratar de uma fraseologia, assim como no caso de vocábulos simples, se divide em duas partes, a primeira dá informações da unidade como signo (comentário da forma): como etimologia, categoria gramatical, marcas sobre transição semântica, etc.; e a segunda traz informações da unidade no que se refere ao seu conteúdo, ou seja, é a definição propriamente dita. É na elaboração da definição que se encontram os maiores problemas lexicográficos e, mais ainda, quando se trata de definir UFs.

Ao definir-se uma UF é importante que se utilize uma linguagem simples, geral e compreensível para o usuário, objetivando clareza na descrição. O problema é que no intuito de definir fraseologias, isso muitas vezes não acontece, como bem afirma González Aguiar (2006, p. 224).

Quando se valoriza o conteúdo das definições lexicográficas, se valoriza negativamente a subjetividade ou falta de imparcialidade que apresentam muitas delas. Os princípios lexicográficos gerais apostam pelo emprego de uma linguagem neutra e lógica na qual não se refletem os

sentimentos nem as valorizações de quem redige a definição<sup>98</sup>.

A autora afirma que o DRAE já foi muito repreendido por, muitas vezes, apresentar uma falta de objetividade ao definir UFs que expressam sentimentos ou sensações, e comprova essa afirmação ao comparar definições de uma mesma unidade por diferentes dicionários (p.223):

*DRAE: **abrírsele** a alguien **las carnes**. 1. fr. Coloq. Estremecer de horror*<sup>99</sup>.

*DUE: ABRÍRSELE a alguien LAS CARNES (inf.; gram. em 1ª pes.). Sentir angústia ou compaixão por algo, especialmente pelo sofrimento de outros.*

*DFEM: **abrírsele las carnes** a alguien (inf.). Experimentar medo ou emoção muito forte: “Cuando vemos esos reportajes en la televisión sobre los niños africanos que se mueren de hambre, se nos abren las carnes”.*<sup>100</sup>

Outro problema que costuma aparecer na elaboração de definições de uma UF, apontado pela autora, é o uso da definição enciclopédica. O enciclopedismo deve ser evitado na definição de vocábulos de um dicionário de língua, especialmente em compostos sintagmáticos e locuções substantivas. González Aguiar apresenta casos que ilustram definição enciclopédica, como o seguinte:

**estrella de mar.1.** f. Animal marino del filo de los Equinodermos, con el cuerpo deprimido en forma de

<sup>98</sup> Original: “Cuando se valora el contenido de las definiciones lexicográficas, se valora negativamente la subjetividad o falta de imparcialidad que presentan muchas de ellas. Los principios lexicográficos generales apuestan por el empleo de un lenguaje neutro y lógico, en el que no se reflejen los sentimientos ni las valoraciones de quien redacta la definición”.

<sup>99</sup> A autora sublinha as palavras que expressam sentimento e emoção para destacá-las dentro das UF's.

<sup>100</sup> Tradução: “Quando vemos estas reportagens na televisão sobre as crianças africanas que morrem de fome, nos gela o sangue”.

estrella, generalmente de cinco puntas o brazos. Posee un dermoesqueleto formado por placas calcáreas y se alimenta de invertebrados.<sup>101</sup>

Em contrapartida, há algumas informações que podem figurar na definição das UFs que colaboram para o seu entendimento, como os exemplos, que aparecem na microestrutura dos verbetes. No entanto, o conceito de exemplo deve ficar claro, já que não significa incluir uma UF como exemplo do lema onde ela se insere. A inclusão de exemplos deve ser feita com o intuito de tratamento lexicográfico dessas unidades. O problema é que, na maioria das vezes, ocorre a situação inversa: usam-se exemplos para incluir e apresentar uma fraseologia, ou se utiliza uma fraseologia para explicar o sentido de uma palavra-lemma, como ilustra o caso apresentado por Silva (2006, p. 238):

**Cerviz** *f* 1 Parte posterior del cuello o del pescuezo (...) **b)** *(lit)* A veces se usa para simbolizar el orgullo o la independencia, en construcciones como BAJAR, o DOBLAR, LA ~, LEVANTAR LA ~, SER DE DURA ~. (DEA).<sup>102</sup>

O ideal seria usar exemplos para consolidar o sentido anteriormente explicado por meio da definição ou tradução, ou até mesmo com fins pragmáticos, para demonstração de seu uso em um contexto, “o tratamento das UFs como simples exemplos pode entender-se como o resultado da inexistência de uma aproximação sistemática ao tratamento destas unidades”<sup>103</sup> (SILVA, 2006, p. 236). Assim, o fato de apresentar-se uma UF como exemplo de um lema contribui para ocultar seu *status*,

<sup>101</sup> Original: “Animal marinho do filo dos Equinodermos, com o corpo deprimido em forma de estrela, geralmente de cinco pontas ou braços. Possui um dermoesqueleto formado por placas calcárias e se alimenta de invertebrados”.

<sup>102</sup> Tradução: **Nuca** *f* 1 parte posterior do pescoço (ou do pescoço) (...) **b)** *(lit)* Às vezes se usa para simbolizar o orgulho ou a independência em construções como BAIXAR, ou DOBRAR, A ~ (*abaixar a cabeça*), LEVANTAR A ~ (*abaixar a cabeça*), SER DE DURA ~ (*ser valente*).

<sup>103</sup> Original: “El tratamiento de las UF como simples ejemplos puede entenderse como el resultado de la existencia de un acercamiento sistemático al tratamiento de estas unidades”.

e, por essa razão, seria melhor dedicar um espaço a elas dentro do verbete incluindo-as como sub-entradas, no caso de dicionários gerais.

Segundo Gurillo (in G. CORPAS PASTOR, 2000), os diferentes tipos de fraseologia não são tratados de maneira igualitária dentro das obras lexicográficas e geralmente não se adotam critérios claros de seleção para a inclusão dessas combinações. Além disso, a autora considera que há uma deficiência de ordem informativa nessas obras, já que não há, muitas vezes, uma explicação dos aspectos incluídos na microestrutura, resultando em dificuldades na assimilação de como funcionam as entradas e sub-entradas.

Para entender melhor como integrar fraseologias em obras lexicográficas gerais é necessário analisá-las em duas partes do dicionário: na macro e microestrutura.

#### 4.1.1 As unidades fraseológicas na macroestrutura e sua lematização

Conforme Gurillo (in G. CORPAS PASTOR, 2000), geralmente, se aceita a inclusão de colocações e locuções em dicionários gerais. Mas, por outro lado, os refrões e as frases proverbiais não ganham muito espaço nessas obras, pois pertencem ao domínio da paremiologia<sup>104</sup> e devem ser recolhidos por tesouros paremiológicos. Desse modo, acredita-se que só se deveria registrar como entradas e sub-entradas de um dicionário as expressões que se comportam como unidades léxicas. É o caso das locuções verbais; podemos fazer o teste substituindo toda a expressão por uma única palavra de mesmo sentido: *cair a ficha* por *entender*, por exemplo. Nota-se aqui o valor de unidade léxica da locução.

Entretanto, a seleção das entradas deve ser resultado de muitos outros critérios. De acordo com Gurillo (in G. CORPAS PASTOR, 2000), há o critério que prioriza a inclusão de locuções idiomáticas/não transparentes em detrimento das que são meramente fixas. Critério este bastante coerente, já que as expressões figuradas

---

<sup>104</sup> “De acordo com HOUAISS (2001), paremiologia, do grego *paroimía* (provébio, parábola), e do latim *paroemia* [...] é a área que se preocupa, principalmente, com a coletânea e a classificação de provérbios” – cf XATARA (2008).

resultam em maior dificuldade no momento da compreensão e principalmente da produção.

Outro critério mencionado pela autora, que comumente se adota para inclusão de entradas no dicionário, diz respeito à marcação diatécnica das colocações nominais. Geralmente há uma preferência pelas expressões marcadas diatecnicamente, e não se dicionariza as expressões que não pertencem a uma linguagem específica. Além disso, normalmente se dá preferência a locuções que apresentam características históricas ou folclóricas. No entanto, a definição dessas expressões costuma ser insuficiente, uma vez que, para explicá-las, os lexicógrafos recorrem apenas a dados enciclopédicos e não linguísticos. A autora exemplifica (p.2):

**hasta verte, Jesús mío:** expr. Fam. Hasta apurar el líquido contenido en un vaso, porque antiguamente algunos de estos llevaban en el fondo la cifra IHS. (DRAE).<sup>105</sup>

Há, ainda, outro problema macroestrutural exposto pela a autora e que diz respeito à lematização das unidades fraseológicas. É o fato de essas expressões aparecerem em sub-entradas do elemento principal lematizado, o qual geralmente obedece à seguinte ordem de prioridade: SUBST. – VERB. – ADJ. – ADV. Quando o lexicógrafo opta por seguir uma ordem de prioridades para a inserção de fraseologias, deve deixar isso bem explícito nas primeiras páginas do dicionário, para facilitar a busca do consulente, pois ele não tem como adivinhar por qual palavra deve procurar a expressão. Inserir a fraseologia em sub-entradas pode causar bastante dificuldade para sua busca.

Seu caráter de sub-entradas dependentes de seu componente principal supõe diversos inconvenientes, como o da lematização das UFs com *palavras diacríticas* (Zuluaga, 1980) que, por não existir fora do fraseologismo, tem de contar com uma entrada autônoma que inclui como única sub-

---

<sup>105</sup> Tradução: **até ver-te, Jesus meu:** expr. Fam. Até apurar o líquido contido em um copo, porque antigamente alguns desses continham no fundo a cifra IHS. (DRAE).

entrada à UF. (GURILLO, in G. CORPAS PASTOR, 2000 p. 03).<sup>106</sup>

Há, no entanto, alguns casos em que a UF aparece na entrada de um verbete. Gurillo cita como exemplo a expressão *curriculum vitae* que aparece como entrada em DGILE.<sup>107</sup>

Diante de toda dificuldade de registrarem-se unidades complexas em obras lexicográficas, e tendo em vista os problemas gerados pela falta de critérios estabelecidos para a inserção e tratamento dessas expressões em dicionários, Wotjak (2007) busca minimizar as incoerências, por meio de algumas soluções. Suas contribuições servirão para auxiliar-nos no momento de propormos parâmetros para tratamento macro e microestrutural de locuções verbais em dicionários bilíngues, assim como nos auxiliarão outros autores revisados durante este trabalho.

Segundo Wotjak (2007), a prática de compor dicionários de fraseologias é fruto da relação que existe entre a fraseologia e a lexicografia. Entretanto, reconhece que o tratamento lexicográfico do fenômeno fraseológico tem se mostrado repleto de problemas. Ele evidencia que há a necessidade de dedicar-se uma maior atenção ao registro dessas unidades, priorizando a resolução das dificuldades que vêm sendo constatadas e, em função disso, propõe algumas soluções para tratamento macro e microestrutural de fraseologias.

Wotjak (2007, p.71) repensa as metodologias de lematização de fraseologias, citando vários autores, entre eles Roberts (1996), de quem retoma alguns recursos da lexicografia bilíngue, que podem ajudar o lexicógrafo a identificar e selecionar as UFs, como:

a) competência linguística do lexicógrafo: tem um papel fundamental na identificação das UF, já que o lexicógrafo, mesmo utilizando outros recursos, deve reconhecer a unidade;

---

<sup>106</sup> Original: “Su carácter de subentradas dependientes de su componente principal supone diversos inconvenientes, como el de la lematización de las UF’s con *palabras diacríticas* (Zuluaga, 1980) que, por no existir fuera del fraseologismo, han de contar con una entrada autónoma que incluye como única subentrada a la UF”.

<sup>107</sup> Diccionario general ilustrado de la lengua española.

b) competência linguística de informantes: é interessante verificar a opinião de nativos quanto à utilização das expressões e suas variações, embora esses falantes possam demonstrar dúvidas quanto a esse fenômeno léxico tão complexo;

c) outras obras lexicográficas: dicionários gerais monolíngues, dicionários fraseológicos, dicionários bilíngues, podem auxiliar na coleta de UF, ainda que demandem bastante tempo do lexicógrafo, já que costumam apresentar problemas de registro e, conseqüentemente, dificuldades na hora de localizar alguma expressão.

Além da escolha de quais unidades devem ser registradas na obra, há outros questionamentos que dizem respeito à delimitação da unidade. Wotjak admite que a fixação ou estabilidade formal e a idiomaticidade são características que justificam a inclusão de UFs em dicionários. No entanto, como vimos, essas duas características são relativas, ou seja, como há um grau de fixação e idiomaticidade entre as expressões, que fazem delas serem mais ou menos fixas e idiomáticas, o dicionarista se depara com alguns obstáculos na hora de registrar ditas unidades: qual é a melhor forma de registrá-las sem deixar de transcrever todas as informações sintáticas, gramaticais, pragmáticas inerentes à expressão, de modo que os usuários consigam fazer sua busca facilmente e sanar suas dúvidas?

Considerando que a fraseologia apresenta graus de fixação diferentes e, portanto, nem sempre é totalmente estável, Wotjak busca soluções para os obstáculos que os lexicógrafos enfrentam na hora de lematizar uma fraseologia, como vemos a seguir:

**- Inclusão de elementos alheios à forma canônica da locução:** o autor evidencia a inserção, em alguns dicionários, de elementos que ele julga não fazerem parte da expressão, como alguns verbos e preposições, e cita como exemplo a expressão *el sol que más calienta*<sup>108</sup>, a qual denomina “locução nominal”. O autor critica a denominação “locução verbal” que foi dada à expressão acima por dicionários como DFEM (*arrimarse/estar u. p. al sol que más calienta*) e DDFH, DIPELE, DRAE,

---

<sup>108</sup> “O sol que mais esquentar” em português.

DSLE<sup>109</sup> (*arrimarse al sol que más calienta*), entre outros, por acreditar que, devido à expressão também aparecer com os verbos “ponerse” e “ir” (*al sol que más calienta*), deveria ser denominada como “locução nominal” e, segundo o autor, não deveria ser lematizada a partir do verbo. Percebemos, então, que até mesmo o modo como se caracteriza a fraseologias pode influenciar no lugar em que ela será incluída, e, se essa classificação não for bem analisada e pensada antes de tudo, o registro pode resultar em confusão.

Wotjak adverte, ainda, que devemos refletir sobre o registro de expressões que admitem a inclusão de preposições que possuam uma estreita relação com as unidades – embora não façam parte integrante dela, já que fazem referência à regência do verbo e indicam a existência de um complemento, como no caso de  *echar mano de*<sup>110</sup> –, e sobre o registro de unidades que envolvam os casos de “elementos do contorno”<sup>111</sup>, como  *darle vueltas la cabeza (a alguien)*<sup>112</sup>. No capítulo destinado à apresentação de nossa proposta, daremos conta dessas questões.

**- Presença de elementos que se registram às vezes como obrigatório, outras vezes como facultativo:** o autor reflete sobre a inclusão da negação ao se registrarem as unidades na microestrutura de um dicionário e afirma que, na maioria dos dicionários, a partícula “não” é considerada na hora de se registrar as UFs dentro do verbete. No entanto, observa que o registro do “não” pode levar o consulente a entender que a expressão só é empregada em construções negativas, o que nem sempre é verdade. O autor cita o exemplo da locução  *dar el brazo a torcer*<sup>113</sup>, que também é usada em sentenças afirmativas, mas costuma ser registrada com a negação:  *no dar el brazo a torcer*.

Wotjak considera que, além das questões relativas ao conteúdo negativo das expressões, o lexicógrafo deve pensar nos casos de registro de unidades fraseológicas

<sup>109</sup> Diccionario fraseológico del español moderno; Diccionario de dichos e frases hechas; Diccionario para la enseñanza de la lengua española; Diccionario de la Real Academia e Diccionario Salamanca de la lengua española respectivamente.

<sup>110</sup> “lançar mão de” em português.

<sup>111</sup> Wotjak chama de “elementos do contorno” aqueles elementos que não pertencem à estrutura das unidades, nem a seu conteúdo interno, mas sim ao conteúdo externo combinatório e contextual das expressões.

<sup>112</sup> Significa “sentir a sensação de enjoo, tontura”.

<sup>113</sup> “dar o braço a torcer” em português.

com a partícula “se” e buscar uma solução para a incoerência do registro, já que, conforme o autor, ela também costuma receber um tratamento pouco uniforme em obras lexicográficas assim como a partícula “no”, já que alguns dicionários indicam o uso do “se” no lema das expressões e outros não, “essa falta de uniformidade no registro do *se*, que ora figura ora não, e que às vezes se indica como alternativo, leva a pensar se essa partícula é realmente obrigatória ou opcional” (Wotjak, 2007, p. 108)<sup>114</sup>.

Assim, fica claro que a inclusão de UFs, seja em dicionários gerais, seja em dicionário escolar, bilíngue ou monolíngue, é uma tarefa difícil e gera muitas contradições, até mesmo devido à complexidade do assunto e por, muitas vezes, as UFs não se encaixarem perfeitamente nos critérios adotados para se lematizar uma palavra simples.

#### 4.1.2 As unidades fraseológicas e as informações da microestrutura

Como já foi visto anteriormente, parece haver maiores problemas quanto às informações microestruturais de uma unidade fraseológica, uma vez que, muitas vezes, a microestrutura não ajuda, efetivamente, o consultante a utilizar ou entender uma UF. Segundo Gurillo (in G. CORPAS PASTOR, 2000), os dicionários gerais deveriam dar a mesma atenção que dão a unidades linguísticas simples para unidades complexas, demonstrando preocupação pela marcação diatécnica, diatópica, diafásica, diastrática, mas também pela definição e pela marcação gramatical. No entanto, observa-se que há um descuido com relação a essas duas últimas informações e se priorizam apenas as marcações diatópicas, diafásicas e diatécnicas. Torna-se necessário, portanto, analisar como funcionam a marcação gramatical e a definição de UFs, levando em consideração as contribuições de Gurillo:

- **marcação gramatical:** nessa marcação se adotam abreviaturas como *loc. prep.*; *loc. conj.*; *loc. adj.*; *loc. adv.*; etc. No entanto, não se usa muito outras abreviaturas que

---

<sup>114</sup> Original: esa falta de uniformidad en el registro del *se*, que ora figura, ora no, y que a veces se indica como alternativo, lleva a pensar se esa partícula es realmente obligatoria.

também seriam úteis como *loc. verb* ou *fórm* (fórmula pragmática), as quais são marcadas, geralmente, pelas abreviações *fr* e *expr* e são usadas indistintamente para umas ou outras;

- **definição:** muitas das definições dadas para as unidades fraseológicas se constroem em metalinguagem do signo, ou seja, não se refere ao significado da expressão, mas sim a seu emprego contextual.

A definição se referirá tanto mais ao uso quanto maior for sua fixação pragmática, isto é, quanto mais conectado esteja o significado da UF ao contexto de uso. Para as categorias que não apresentam esta circunstância, como as colocações nominais, as locuções adverbiais e as adjetivas, se preferirão as definições na metalíngua de conteúdo:

**Nota discordante.** *Mús.* A que desentona em uma composição musical (DRAE). (in G. CORPAS PASTOR, 2000, p. 05 e 06)<sup>115</sup>.

Assim, para Gurillo, os maiores problemas acontecem nas definições de locuções verbais e enunciados fraseológicos, pois são construídos através da metalinguagem de signo<sup>116</sup>, ou seja, se explica as situações de uso, mas não se explica o significado da unidade em si.

Wotjak considera que, para que haja uma adequada descrição do significado e do uso da unidade fraseológica, é preciso apresentar-se indicações quanto ao seu uso, sua sintaxe, sua gramática, contexto, etc. Não se deve, portanto, fornecer apenas os equivalentes das expressões.

Seguramente, os equivalentes não devem ser apresentados sem mais nenhum tipo de informação. O usuário precisa de indicações quanto ao uso das locuções da língua estrangeira, como no caso de expressões muito informais e coloquiais que só são usadas entre amigos ou pessoas íntimas, ou no caso de expressões típicas de uma

<sup>115</sup> Original: “La definición se referirá tanto más al uso cuanto mayor sea su fijación pragmática, esto es, cuanto más conectado este el significado de la UF al contexto de uso. Para las categorías que no presentan esta circunstancia, como las colocaciones nominales, las locuciones adverbiales y las adjetivales, se preferirán las definiciones en metalengua de contenido:

**Nota discordante.** *Mús.* La que desentona en una composición musical (DRAE)”.

<sup>116</sup> Como exemplo a autora cita *¡Dichosos los ojos!*: **interj.** exclamação de surpresa e alegria ao ver alguém que fazia muito tempo que não se via (GDLE).

determinada área do conhecimento, ou de determinada região, etc. Essas indicações – marcações lexicográficas – podem ajudar a esclarecer o sentido conotativo das locuções.

... é necessário destacar que a marcação lexicográfica destas unidades é de grande importância para uma correta descrição de seu significado, devido ao fato de que os diversos tipos de marcas que se atribuem às locuções correspondem, a grandes traços, aos tipos de conotação que estas apresentam. Isto é, proporcionam informação sobre seu significado conotativo. (Wotjak, 2007, p. 207)<sup>117</sup>.

Portanto, assim como Gurillo, o autor considera importante que mais do que um simples equivalente da unidade, a microestrutura do verbete traga informações adicionais, ou seja, marcações lexicográficas (gramaticais e diassistêmicas<sup>118</sup>). Retomaremos essas marcações no último capítulo ao propormos a nossa solução para esse tipo de indicação.

Por concordarmos com Wotjak e Gurillo que os dicionários deveriam dar a mesma atenção que dão às unidades simples da língua para as unidades complexas, propomos a elaboração de uma obra lexicográfica especial – que possa dar toda a atenção necessária às locuções verbais.

A fim de minimizar os problemas relativos à falta de critério no registro de fraseologia em obras lexicográficas, nos propomos a apresentar parâmetros para tratamento dessas unidades em dicionários bilíngues. Propomo-nos a registrá-las na macroestrutura de um dicionário especial – que lematize apenas unidades complexas –, uma vez que acreditamos que essas unidades devam receber tratamento especializado e individualizado.

Já foi visto que os dicionários gerais apresentam muitos problemas no registro de UFs, e, para comprovar a dificuldade de tratamento adequado às fraseologias de uma língua em obras lexicográficas gerais, faremos, a partir de agora, uma análise de

---

<sup>117</sup> Original: es necesario destacar que la marcación lexicográfica de estas unidades es de gran importancia para una correcta descripción de su significado, debido al hecho de que los diversos tipo de marcas que se asignan a las locuciones corresponden, a grandes rasgos, con los tipos de connotación que éstas presentan. Es decir, proporcionan información sobre su significado connotativo.

<sup>118</sup> Indica as unidades típicas de uma determinada região, área, classe social, etc.

um dicionário bilíngue geral. Buscaremos evidenciar, com essa análise, que as unidades complexas da língua necessitam de atenção exclusiva, ou seja, as obras lexicográficas precisam ser pensadas a partir do fenômeno fraseológico.

Assim, dedicaremos os próximos capítulos à análise das locuções verbais no dicionário *Santillana* (2008) e à apresentação de nossa proposta com base nos autores estudados.

## **5 LOCUÇÕES VERBAIS: UMA ANÁLISE DE DICIONÁRIO BILÍNGUE GERAL**

No capítulo 3, foi possível perceber que a Lexicografia, assim como a Fraseologia, é uma disciplina muito importante e complexa, visto que além de ser uma disciplina de cunho prático – já que visa compor dicionários, o que não é nada simples – também se dedica a questões teóricas sobre a prática do fazer lexicográfico. A Lexicografia precisa dar conta de uma extensa tipologia de obras lexicográficas, pois abrange os diversos recortes do léxico de uma língua: o léxico geral, a linguagem especializada, a fraseologia, etc.

A fim de avaliarmos o tratamento dado, em obras lexicográficas, às expressões idiomáticas de uma língua e evidenciarmos a necessidade de elaboração de obras especializadas, nos propomos a analisar, neste capítulo, uma obra que pretende abarcar o léxico geral das línguas portuguesa e espanhola e procura dar conta do fenômeno fraseológico dos idiomas – o dicionário *Santillana* (2008). Para refletirmos sobre o fazer lexicográfico, é necessário retomarmos alguns conceitos da Lexicografia vistos no capítulo 3, por meio dos quais será possível verificar como a Lexicografia trabalha com a Fraseologia.

Neste capítulo apresentaremos, portanto, uma análise do tratamento dado às locuções verbais do espanhol na direção ativa do dicionário *Santillana*, para que, no sexto e último capítulo, com base nas contribuições da Lexicografia e dos estudos fraseológicos, possamos apresentar nossa proposta de dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais – português/espanhol, a fim de contribuir para um tratamento eficiente dessas expressões em obras lexicográficas.

### **5.1. *Santillana* e as locuções verbais**

Propomos-nos a fazer uma análise do tratamento dado às locuções verbais dentro de um dicionário geral da língua, antes de partimos para nossa proposta de dicionário, no intuito de buscarmos elementos que comprovem a necessidade de tratamento dessas unidades em dicionário especial. Não é difícil perceber que as obras

que tratam do léxico geral da língua não conseguem dar conta do fenômeno fraseológico. Devido à sua complexidade, a fraseologia necessita de um tratamento diferenciado em obras que possam dedicar maior espaço e atenção a suas particularidades.

Escolhemos analisar o dicionário bilíngue para estudantes *Santillana* (2008) por ser um dos dicionários mais utilizados pelas escolas e professores de língua espanhola, além de ser uma obra de grande tiragem dentre os diversos dicionários para aprendizes de ELE. A análise será feita na parte ativa do dicionário (português – espanhol) porque consideramos que a dificuldade de ensino e aprendizagem dessas unidades se encontra mais fortemente na hora da produção, posto que o usuário, muitas vezes, necessita usar expressões prototípicas da língua estrangeira e acaba utilizando-as equivocadamente, já que as desconhece.

Ao pensarmos na taxonomia do dicionário *Santillana* (2008), segundo critérios de Haensch (1982), podemos dizer que, primeiramente, conforme o ponto de vista da Linguística Teórica, apesar de conter em suas páginas uma pequena parte dedicada a um glossário temático ilustrado (17 páginas), estamos diante de um dicionário bilíngue semasiológico e sincrônico, pois trabalha com duas línguas – o português do Brasil e o espanhol –, tendo como público alvo os brasileiros aprendizes de ELE; parte dos significantes para os significados; e seleciona suas entradas por meio de um critério sincrônico, já que, como os autores mesmo afirmam na apresentação, o dicionário “incorpora muito dos vocábulos mais frequentemente utilizados no contexto de ensino-aprendizagem do espanhol como língua estrangeira no Brasil”, ou seja, considera a língua atual. Ao analisarmos, ainda, a taxonomia do *Santillana* pelos critérios práticos de Haensch, chegamos aos seguintes resultados:

- formato e extensão: devido a sua finalidade didática, o dicionário possui uma extensão reduzida e um formato pequeno e prático;
- caráter linguístico ou enciclopédico: possui um caráter predominantemente linguístico, pois os significantes são explicados mediante uma metalíngua, apesar de trazer uma parte destinada a informações enciclopédias;

- sistema linguístico: não há a informação se a descrição semântica do vocabulário provém do sistema linguístico individual dos autores, ou se depende das informações extraídas de um *corpus*;

- número de línguas: a obra classifica-se dentro dos dicionários plurilíngues, mais especificamente, dentro dos bilíngues, pois considera duas línguas diferentes – o português e o espanhol;

- seleção do léxico:

a) quanto ao vocabulário: propõe-se a registrar o léxico usual dos sistemas linguísticos espanhol e brasileiro em sua totalidade.

b) quanto à codificação: possui uma codificação seletiva, pois procura codificar apenas o léxico mais usual das línguas;

c) critério cronológico: como já vimos, predomina o caráter sincrônico da obra, já que registra, majoritariamente, o vocabulário de uma língua em um determinado momento da história – o momento atual;

d) caráter prescritivo ou descritivo: possui uma função prescritiva, já que, como vimos no capítulo 3, conforme Haensch (1982), basicamente todo dicionário que codifica um vocabulário e o difunde na imprensa apresenta um efeito normativo. Além disso, o autor considera que o *dicionário escolar* assume uma função normativa, e o *Santillana* considera-se “uma valiosa ferramenta para o estudante”. Daí depreendemos que se trata de uma obra com caráter prescritivo.

- ordenação dos materiais: a obra ordena seus materiais em ordem alfabética, do significante para o significado, construindo assim uma estrutura semasiológica;

- finalidade específica: de acordo com o texto da apresentação, o dicionário foi idealizado como um instrumento que pretende facilitar a compreensão da língua espanhola a estudantes brasileiros, isso significa que privilegia o sentido espanhol (ESP) – português (PORT) e a função passiva, tal como veremos mais abaixo. Consideramos que o dicionário tem uma finalidade pedagógica, podendo ser tipificado como *dicionário pedagógico*, como veremos a seguir;

- dicionário convencional e dicionário eletrônico: trata-se de um dicionário impresso, portanto, convencional;

- dicionário pedagógico: de modo mais amplo, podemos classificar *Santillana* como dicionário pedagógico, devido ao seu caráter didático, já que busca “facilitar aos estudantes brasileiros a compreensão da língua espanhola” (SANTILLANA, p.vii). Dentro dessa classificação, a obra pode ser entendida, mais especificamente, como um *dicionário bilíngue para aprendizes*, pois se dedica a auxiliar na aprendizagem de língua estrangeira. Não se trata de um dicionário escolar, pois esses são destinados a estudantes nativos da língua, como afirmou Haensh (1982), e como os autores do *Santillana* informam que a obra é dedicada a estudantes de ELE, ela deve ser classificada como um dicionário para aprendizes.

De modo geral, *Santillana* é um dicionário bilíngue. Ao estudarmos o dicionário bilíngue no capítulo 3, vimos que há elementos importantíssimos que a obra deve considerar para ser realmente útil e eficiente, como seu público alvo, sua função e sua direção.

O dicionário *Santillana* apresenta, em sua capa, uma das informações importantes, o usuário a que se destina: “para estudantes”. Na apresentação, afirma-se que o dicionário foi idealizado “como um instrumento orientado a facilitar aos estudantes a compreensão da língua espanhola”. Os autores nos informam, ainda, que o público alvo da obra são os estudantes brasileiros de espanhol dos níveis básico e intermediário.

A obra é apresentada como um instrumento que pretende auxiliar o usuário na hora da compreensão; pensaríamos, então, em um dicionário com uma função passiva. No entanto, *Santillana* apresenta duas direções: a primeira associa o espanhol ao português, tendo como objetivo a compreensão; e a segunda apresenta a direção contrária, parte-se do português para o espanhol, oferecendo uma função ativa ou de produção. A parte destinada à compreensão é quase três vezes maior que a dedicada à produção, contendo 521 páginas, enquanto que a parte destinada à produção contém 170 páginas. Conforme vimos no capítulo 3, quanto mais palavras listadas em um dicionário passivo, mais ele auxiliará o usuário no exercício de decodificação, talvez por isso, o dicionário *Santillana* apresente a função passiva da obra bem mais densa. Temos que considerar, porém, que a eficiência de um dicionário não depende apenas da quantidade de verbetes, mas também da qualidade de sua macro e microestrutura. Evidenciamos, por exemplo, que a microestrutura no sentido PORT – ESP do

*Santillana* é pobre, como veremos a seguir. Não daria conta de cumprir a função ativa e realmente auxiliar o consulente na sua produção linguística.

Assim, a fim de verificarmos a metodologia empregada no tratamento de fraseologias pelo *Santillana*, coletamos as locuções da parte ativa do dicionário que fazem parte do intervalo lematizado da letra A a letra D e as expusemos no quadro abaixo para analisá-las quanto ao seu tratamento na macro e na microestrutura. Destacamos em vermelho as expressões que apresentam sentido figurado, e que são, portanto, exemplos do que consideramos locuções verbais, levando-se em conta que nem sempre as duas línguas selecionam expressões idiomáticas para expressar o mesmo conceito. Mediante essa análise, será possível avaliar a eficiência do dicionário quanto ao registro das unidades fraseológicas. Vale a pena ressaltar que coletamos apenas as expressões entendidas por nós como locuções verbais; portanto, o que as diferenciou de simples colocações foi seu caráter idiomático. Se a expressão demonstrou um traço conotativo/figurado na língua portuguesa ou no seu equivalente em espanhol, ela foi coletada e disposta no quadro a seguir. Há, no entanto, três unidades que podem ser entendidas como locução verbal, mas que preferimos deixá-las em outra cor (azul), por acreditarmos que elas pertençam mais ao estudo de provérbios, devido a seu conteúdo moral.

A			
LOC. VERB. PORT.	INCLUSÃO NO(S) LEMA(S)	CATEGORIA DA ENTRADA	INFORMAÇÕES ESPANHOL
abrir espaço abrir o bico abrir passagem	abrir abrir e passagem	Verbo	Equivalência: <b>hacer un hueco</b> <b>abrir el pico</b> <b>abrir paso</b>
acabou-se o que era doce	acabar	Verbo	Equivalência: <b>se acabó lo que se daba</b>
levantar acampamento	acampamento	Substantivo	Equivalência: <b>levantar campamento</b>

acertar em cheio	Acertar	Verbo	Equivalência: dar en el clavo/ en la tecla
não acertar uma			no acertar una/ no dar pelotada
(não) estar de acordo	Acordo	Substantivo	Equivalência: (no) estar por la labor
estar acuado	Acuado	Adjetivo	Equivalência: estar vendido
agradar alguém (coisa ou pessoa)	Agradar	Verbo	Equivalência: caerle bien (a alguien) una persona/saberle bien (algo) a uno
dar água na boca	Água	Substantivo	Equivalência: hacerse la boca agua
procurar agulha em um palheiro	Agulha	Substantivo	Equivalência: buscar aguja en un pajar
dar alta estar em alta	Alta	Substantivo	Equivalência: dar de alta estar en alza
estar perdido de amor fazer amor	Amor	Substantivo	Equivalência: estar perdido por alguien hacer el amor
ser muito animado	Animado	Adjetivo	Equivalência: llevar mucha marcha
antes de matar a onça não se vende o couro/ não conte com o ovo antes da galinha*	Antes	Advérbio	Equivalência: no vendas la piel antes de cazar al oso
despertar antipatia	Antipatia	Substantivo	Equivalência: caerle mal una persona a otra
apertar o cinto apertar o passo	Apertar	Verbo	Equivalência: aprestarse el cinturón apretar los talones
tirar do aperto	Aperto	Substantivo	Equivalência: sacar de un apuro
apostar tudo	Apostar	Verbo	Equivalência: jugarse hasta la camisa
estar em apuros	Apuros	Substantivo	Equivalência: estar en aprietos
fazer castelos no ar  mudar de ares tomar um ar	Ar	Substantivo	Equivalência: hacer castillos en el aire  cambiar de aire tomar el aire
cair na armadilha	Armadilha	Substantivo	Equivalência: pisar el palito/caer en la ratonera/ trampa
cortar as asas	Asa	Substantivo	Equivalência: cortar/quebrantar las alas

dar asas			dar alas
ir direto ao assunto	Assunto	Substantivo	Equivalência: ir a l caso/ <i>grano</i>
ser astuto	Astuto	Adjetivo	Equivalência: <i>tener el colmillo retorcido</i>
ser muito ativo	Ativo	Adjetivo	Equivalência: <i>ser puro nervio</i>
<b>B</b>			
dar baixa	Baixa	Substantivo	Equivalência: <i>dar de baja</i>
baixar a cabeça	Baixar	Verbo	Equivalência: <i>besar el azote; bajar/doblar la cerviz</i>
baixar a crista			<i>bajar el gallo</i>
dar bandeira	Bandeira	Substantivo	Equivalência: <i>hacer bandera/ levantar la liebre</i>
dar de bandeja	Bandeja	Substantivo	Equivalência: <i>servir em bandeja (de plata)</i>
ter sangue de barata	Barata	Substantivo	Equivalência: <i>tener sangre de horchata</i>
mandar plantar batatas	Batata	Substantivo	Equivalência: <i>mandarle ir a freír espárragos</i>
estar em um beco sem saída	Beco	Substantivo	Equivalência: <i>estar en un callejón sin salida</i>
correr um boato	Boato	Substantivo	Equivalência: <i>correr la voz</i>
fazer papel de bobo	Bobo	Substantivo	Equivalência: <i>hacer el canelo</i>
ir de boca em boca não abrir a boca tirar as palavras da boca	Boca	Substantivo	Equivalência: <i>ir en boca de todos</i> <i>no descoser/despegar los labios</i> <i>quitarle las palabras de la boca</i>
passar a bola	Bola	Substantivo	Marcação: <i>fig e fam</i> Equivalência: <i>devolver la pelota</i>
cair como uma bomba	Bomba	Substantivo	Equivalência: <i>caer como un palazzo</i>

ficar de braços cruzados			Equivalência: cruzarse de brazos
sair no braço	Braço	Substantivo	tomarse a brazo
ser o braço direito			ser el brazo derecho
<b>C</b>			
cair/desabar o mundo sobre a cabeça			Equivalência: caérsele a uno el mundo encima
esquentar a cabeça	Cabeça	Substantivo	calentarse los sesos
não entrar na cabeça			no entrarle a uno algo
ter a cabeça no lugar			tener la cabeza sobre los hombros
não caber em si de contente	Caber	Verbo	Equivalência: no caber en sí de gozo
cada um sabe onde o sapato aperta	Cada	Pronome	Equivalência: cada cual sabe donde le aprieta el zapato
cair com tudo			Marcação: <i>fig e fam</i> Equivalência: caer a plomo
cair de quatro			Equivalência: Caerse de culo
cair de sono	Cair	Verbo	Marcação: <i>fig e fam</i> Equivalência: Caerse de sueño
cair no ridículo			Equivalência: quedar en ridículo
cair em uma mentira			Equivalência: tragarse la píldora
nessa eu não caio			Equivalência: ¿A mí que las vendo?
armar uma cama de gato	Cama	Substantivo	Equivalência: hacer la petaca
cair de cama			caer en cama

dar uma cantada	Cantada	Substantivo	Equivalência: <b> echar un piropo</b>
está na cara fechar a cara ficar de cara amarrada jogar na cara ser a cara de tenho cara de palhaço? tirar no cara ou coroa	Cara	Substantivo	Equivalência: <b> la cara se lo dice arrugar la cara estar con tanta jeta  echar en la cara ser el vivo retrato/la viva imagen de  tengo cara de monos  echar a cara o cruz</b>
pedir carona	Carona	Substantivo	Marcação: <i>Arg. - Méx</i> Equivalência: <b> hacer dedo – pedir jalón</b>
colocar o carro na frente dos bois	Carro	Substantivo	Equivalência: <b> partir de carrera</b>
casarse por gravidez	Casar	Verbo	Equivalência: <b> casarse de penalti</b>
em terra de cego, quem tem olho é rei*	Cego	Adjetivo	Equivalência: <b> en el país de los ciegos el tuerto es el rey</b>
não ter nem um centavo	Centavo	Substantivo	Equivalencia: <b> no tener ni un duro</b>
desabar o céu sobre a cabeça	Céu	Substantivo	Equivalência: <b> Caérsele la casa a cuestras</b>
estar (de saco) cheio	Cheio	Adjetivo	Marcação: <i>fam</i> Equivalência: <b> estar hasta el gorro/los cojones/ los huevos/ el tope</b>
isso não está cheirando bem  nem cheirar nem feder	Cheirar	Verbo	Equivalência: <b> esto no huele bien  ni pinchar ni cortar</b>
pegar o touro pelos		Substantivo	Marcação: <i>fam</i> Equivalência: <b> coger el toro por los</b>

chifres  pôr chifre em	Chifre		cuernos  Equivalência: <b>poner/meter los cuernos</b> (a alguien con quien se tiene una relación amorosa)
chorar como criança  desabar a chorar  quem não chora não mama	Chorar	Verbo	Equivalência: <b>llorar a moco tendido</b>  <b>saltarle las lágrimas</b>  <b>el que no llora no mama</b>
chover canivetes  chover no molhado	Chover	Verbo	Equivalência: <b>llover a cântaros</b>  <b>Llover sobre mojado</b>
reduzir a cinzas	Cinza	Substantivo	Marcação: <i>fig</i> Equivalência: <b>convertir en ceniza</b>
ficar coçando	Coçar	Verbo	Marcação: <i>fam.</i> Equivalência: <b>rascarse la barriga</b>
não ter coração  partir o coração  ter um grande coração	Coração	Substantivo	Marcação: <i>fig</i> Equivalência: <b>no tener alma</b>  <b>partir el alma</b>  <b>ser todo coração</b>
com a corda no pescoço  dar corda  dar corda a alguém	Corda	Substantivo	Equivalência: <b>con la soga en la garganta</b>  <b>dar rienda suelta</b>  <b>dar la soga</b>
cair de costas  ter costas quentes/largas	Costas	Substantivo	Marcação <i>fig.</i> Equivalência: <b>caerse de espaldas</b> Marcação: <i>fig.</i> Equivalência: <b>tener amarras</b>
estar feito criança	Criança	Substantivo	Marcação: <i>fig e fam.</i> Equivalência: <b>estar como un niño con zapatos nuevos</b>

despertar a curiosidade	Curiosidade	Substantivo	Equivalência: <b>hacerle cosquillas</b>
custar os olhos da cara	Custar	Verbo	Equivalência: <b>costar un riñon</b>
<b>D</b>			
dar na mesma			Equivalência: dar igual/ ser lo mismo/ <b>no dar frío ni calor</b>
dar na telha			dar la gana
dar para trás			<b>dar marcha atrás</b>
dar-se mal/bem			llevarse mal/bien
dar uma mancada	Dar	Verbo	<b>meter la pata</b>
dar tudo de si			<b>sudar la gota gorda</b>
dar zebra*			<b>salir rana</b>
fazer o que dá na telha*			<b>hacer lo que le da la gana</b>
não dá outra			

não dar uma dentro			eso está hecho  no dar pie con bola
ficar debaixo da saia	Debaixo	Advérbio	Equivalência: meterse bajo el ala (de alguien)
mostrar os dentes	Dente	Substantivo	Equivalência: enseñar los colmillos*
estar desempregado	Desempregado	Substantivo	Equivalência: estar en el paro*
ter uma desilusão	Desilusão	Substantivo	Equivalência: llevarse un chasco*
desviar-se do assunto	Assunto	Substantivo	Equivalência: irse/ andarse por las ramas
encontrar dificuldade em tudo  ter muito dificuldade para	Dificuldade	Substantivo	Equivalência: tropezar en un garbanzo  verse negro para*
estar em discussão	Discussão	Substantivo	Equivalência: estar sobre el tapete.
é modo de dizer  quer dizer	Dizer	Verbo	Equivalência: es un decir  es decir
dormir com galinhas			Equivalência: acostarse con las gallinas

dormir por muito tempo e profundamente  dormir como uma pedra	Dormir	Verbo	dormir a pierna suelta  dormir como un leño/ dormir como un tronco / estar hecho un tronco
ser uma droga	Droga	Substantivo	Equivalência: ser una lata
estar em dúvida	Dúvida	Substantivo	Equivalência: estar entre dos aguas

Quadro 5: Exemplos de locuções verbais na direção ativa do *Satillana*

Embora o dicionário *Satillana* demonstre preocupação com os fraseologismos das línguas envolvidas na obra e pareça evidenciar a importância dessas expressões para a aprendizagem de uma LE, já que busca registrá-las em seus verbetes, ao analisarmos o registro de algumas locuções verbais do português e seus equivalentes em espanhol, nos deparamos com algumas arbitrariedades que dificultam a busca e o uso das unidades.

Entretanto, alguns problemas encontrados existem devido à dificuldade de se registrar fraseologias em dicionários dedicados a estudantes e que procuram abarcar todo o léxico da LC. Esses problemas são difíceis de serem resolvidos, visto que esse tipo de dicionário não se dedica exclusivamente à fraseologia e não pode destinar um espaço maior, nem um melhor tratamento às expressões da língua, já que seu foco está nas unidades simples da língua. Por outro lado, há outros problemas encontrados decorrentes da incoerência no registro dessas expressões que poderiam ser solucionadas por meio de critérios já determinados.

A primeira arbitrariedade com a qual nos deparamos diz respeito, exatamente, a uma questão que foi discutida no capítulo 3 sobre as fraseologias: a seleção e delimitação das fraseologias a serem registradas. Como vimos no capítulo anterior, Tristá reconhece a necessidade do registro de fraseologias em obras lexicográficas e adverte a respeito da importância da seleção e da delimitação dessas unidades. No entanto, no dicionário geral *Santillana*, é possível perceber que há inclusões de expressões não muito frequentes na língua portuguesa.

Embora o dicionário esteja de acordo com o axioma básico da lexicografia bilíngue no que diz respeito à apresentação de uma macroestrutura enxuta na direção ativa, nota-se que há registro de locuções pouco utilizadas na língua portuguesa, como é o caso das expressões *não caber em si de contente* (que aparece no Google 10 vezes na forma infinita e 1.020 na forma *não cabe em si de contente*; a maioria das vezes em textos literários). Quanto à microestrutura que deveria ser densa na direção ativa, o dicionário *Santillana* limita-se, de modo geral, a apresentar apenas o equivalente na língua espanhola, sem qualquer informação adicional quanto ao uso, ou questões sintáticas. Sabemos, no entanto, que é nessa direção que deve haver mais informações, pois é esta parte que ajudará o consulente a produzir no idioma estrangeiro.

Além disso, não há uma preocupação em se diferenciar as fraseologias apresentadas. Todas vêm incluídas dentro de verbetes cujo lema possua alguma relação com a expressão, constituindo o que Haensch chama de *microestrutura não integrada*. As unidades estão dispostas após todas as acepções da palavra-lema, sem nenhuma correlação de significado com as acepções e sem nenhuma diferenciação entre os tipos de fraseologia.

Na apresentação, os autores ilustram a parte do verbete que deve conter as fraseologias, inserindo todos os tipos num grande grupo, chamado de “locuções”, no qual, segundo eles, devem constar “palavras, locuções, refrões e expressões idiomáticas” (SANTILLANA, p. xi). Não fizeram, portanto, nenhuma diferenciação entre os diferentes tipos de fraseologia; se propuseram a registrá-las todas juntas e sob um mesmo nome.

Outro problema que dificulta a busca do consulente refere-se ao lugar onde as fraseologias aparecem, em qual lema elas são registradas. Lembramos que, no quarto

capítulo, nós já tratamos das contribuições de Tristá sobre os critérios semânticos que podem orientar a inserção das fraseologias em dicionários gerais e as considerações de Gurillo, que afirma que os lexicógrafos, geralmente, obedecem a uma ordem de prioridade na escolha do lema que conterà as fraseologias: SUBST – VERB – ADJ – ADV.

Entretanto, analisando o quadro acima não conseguimos identificar nenhum critério estabelecido para o registro dessas unidades fraseológicas. A única informação que temos é que elas estão incluídas em alguns verbetes, mas não se explica qual o critério de escolha do lema no qual a fraseologia será registrada. Percebe-se, por exemplo, que ora uma locução é registrada pelo seu verbo, ora pelo substantivo e até mesmo pelo adjetivo e advérbio, como no caso da expressão *antes de matar a onça não se vende o couro*, que foi registrada no verbete “antes”. Talvez por ser uma locução bastante extensa os autores tenham optado por registrá-la pela primeira palavra; no entanto, não deixam claro esse procedimento. Além disso, a expressão também extensa *em terra de cego, quem tem olho é rei* foi registrada no lema “cego”, não seguindo o mesmo critério subentendido por nós.

Assim, para encontrar o corresponde de uma expressão como *chutar o balde*, por exemplo, o consulente, que não é um especialista no tratamento de fraseologias em dicionários bilíngues gerais, ficará, provavelmente, em dúvida quanto à palavra por onde deve fazer a busca: “chutar” ou “balde”? Não há nenhuma informação por parte dos autores, na apresentação do dicionário, que possa esclarecer o consulente acerca da inserção das locuções; há apenas uma informação vaga afirmando que as locuções são inseridas em verbetes cujo lema possui alguma relação com a expressão.

11. Locuções – Incluíram-se a muitos verbetes palavras, locuções, refrões e expressões idiomáticas derivadas ou relacionadas à cabeça do verbete. Elas são introduzidas pelo símbolo ♦ e podem apresentar definição analítica, versão ao português e/ou exemplos de uso. (SANTILLANA, p. xi)

Conforme os autores, as locuções são inseridas nos verbetes de lemas dos quais elas são derivadas e ou possuem relação. No entanto, como podemos notar pelo quadro, parece haver uma grande confusão e nenhum critério de inserção de fraseologias, como podemos evidenciar:

- A expressão *abrir espaço* foi registrada no lema “abrir”, que é um verbo; no entanto, a expressão semelhante *criar espaço* aparece no lema do substantivo “espaço” e não do verbo “criar”. Por que a primeira também não foi registrada junto ao substantivo “espaço”? Parece não haver nenhum critério.

- A expressão *abrir passagem* foi registrada em dois verbetes: no lema “abrir” e no lema “passagem”. Além disso, no lema “passagem” aparecem outras locuções como *estar de passagem* e *permitir/impedir passagem* que, ao contrário da primeira locução, não foram registradas nos verbetes dos verbos. Mais uma vez se evidencia falta de critério no registro das expressões.

- *Dar água na boca* foi inserida no lema “água”, ao invés de ser registrada no lema “boca”, com quem está indiscutivelmente relacionada e onde aparecem outras locuções como *ir de boca em boca; não abrir a boca; tirar as palavras da boca*.

- A fraseologia *procurar agulha no palheiro* foi registrada no lema “agulha” e não em “procurar”. Entretanto, esse verbo contém expressões como *ir à procura; quem procura, acha*. Aqui parece que foi escolhido um critério semântico de inserção da fraseologia, já que foi registrada a partir da palavra mais significativa da expressão que é o substantivo “agulha”.

Por meio desses casos, sem mencionar as outras ocorrências semelhantes, comprovamos que as locuções parecem ter sido registradas onde os autores acharam por bem apresentá-las, sem evidenciar nenhum critério estabelecido.

Prosseguindo nossa análise, não identificamos, ainda, um critério de delimitação das unidades a serem registradas. Podemos perceber a falta de uma metodologia no momento em que verificamos que não há uma forma canônica de apresentação das unidades. Alguns exemplos confirmam essa falta de critério de delimitação, como podemos notar:

a) algumas unidades são registradas no infinitivo, como *desabar o céu sobre a cabeça*, e outras conjugadas, como é o caso da expressão *no vendas la piel antes de cazar el oso*, o que evidencia falta de critério no registro. Ademais, apesar de a segunda maneira de registro trazer as unidades em uma forma contextualizada, ao se registrar as expressões conjugadas em um tempo verbal, pode-se levar o consulente a crer que a expressão só aparecerá nessa forma, não sendo frequente em outros tempos verbais, ou com outras pessoas do discurso, o que não é verdade, como podemos notar em “*no vendan la piel del oso antes de cazarlo*”, dijo Iglesias en referencia a los grupos mayoritarios colorados, (disponível em <http://www.larepublica.com.uy/foto/136969-55136>). Entretanto, entendemos a dificuldade de se registrar, em um dicionário geral, sobretudo nos destinados a estudantes, além de expressões na forma canônica, exemplos de uso a fim de apresentá-las também em contextos, uma vez que essas obras carecem de espaço, pois não pretendem ser exaustivas e nem extensas demais. Por outro lado, deve haver uma linearidade no registro, ou seja, se os autores resolvem apresentar as expressões na sua forma infinitiva, devem fazer isso com todas as unidades.

b) há uma outra incoerência que diz respeito ao registro da negação: ora o dicionário registra no lema a presença da negação, ora ele omite o seu uso. Em *caer en la ratonera*, por exemplo, não se informa ao usuário o possível uso da expressão com um conteúdo negativo, como podemos notar no seguinte exemplo *acercarse al tocino, pero “no caer en la ratonera nunca”* (disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras>); já na expressão *(no) estar por la labor* apresenta-se o possível uso da negação ao se lematizar a partícula não entre parênteses.

Sugerimos que um dicionário que trate especialmente de fraseologias da língua procure apresentar as unidades na sua forma infinitiva e sem indicação no seu lema sobre uso da negativa, de necessidade de complementos, ou de presença de algum outro elemento, a fim de facilitar a busca pela expressão e não induzir o consulente ao erro, já que a inserção desses elementos pode levá-lo a pensar que a forma registrada é a única possível. Todas as informações referentes aos matizes semânticos ou a elementos linguísticos obrigatórios ou facultativos devem ser esclarecidos em observações à parte para que o consulente possa refletir sobre o uso que pretende dar à unidade e sobre como deverá usá-la no momento de seu discurso.

Sabemos, no entanto, que essa solução não é possível para um dicionário geral que pretende tratar de todo léxico da língua, desde lexias simples à complexas, já que não dispõe de muito espaço para o tratamento das UFs. Dessa forma, mais uma vez, evidencia-se a importância de um melhor tratamento dessas expressões em obras especializadas.

No que diz respeito às informações das fraseologias na microestrutura não achamos menos problemas, por isso elencaremos alguns que encontramos depois de analisarmos o quadro apresentado:

- Na maioria das vezes, quando o dicionário traz o equivalente em espanhol, não fica claro ao consulente como ele deve usar a expressão na língua estrangeira, visto que não há informação de como a locução se comporta sintaticamente. A expressão *dar la gana*, por exemplo, apresentada como equivalente da expressão portuguesa *dar na telha*, é apresentada isoladamente ao consulente, sem nenhuma informação sintática ou pragmática. Não há a preocupação de informar ao usuário que esta expressão deve ser usada com o dativo e que tem a mesma estrutura sintática do verbo “gustar” (“gostar”): (*a mí*) (*no*) *me da la gana*<sup>119</sup>. Por isso, acreditamos que há a necessidade de apresentar-se

---

<sup>119</sup> “não me dá vontade/ não tenho vontade” em português.

exemplos; se fosse apresentado um exemplo como a frase acima ao consulente, ele teria mais chances de utilizar adequadamente a expressão.

- O dicionário registra a locução *fazer o que dá na telha* (*hacer lo que le da la gana*). Essa expressão acaba sendo uma repetição de outra já apresentada nesse mesmo verbete: *dar na telha*. Casos como esse acabam inchando desnecessariamente os verbetes e, por consequência, os dicionários. Além disso, essa locução não é só usada com o verbo “fazer”, ela pode ser usada com outros verbos que não foram registrados (“eu como/falo/penso o que *me dá na telha*, etc.). Em um dicionário especial de locuções, o ideal seria registrar a locução *dar na telha* e apresentar os verbos com os quais a expressão pode vir acompanhada, dependendo do sentido que queremos dar.

- Temos uma informação muito vaga no registro da expressão do português *não dá outra*, que é apresentada como equivalente da expressão *eso está hecho*. A informação fica vaga, porque as expressões aparentam ser muito diferentes, tanto semanticamente quanto sintaticamente. Fica difícil para o nativo brasileiro, que pretende produzir no espanhol, entender em que contexto, e de que maneira, ele deve usar a expressão espanhola. Além disso, se consultarmos outro dicionário para compreender melhor a expressão, perceberemos que para a locução *não dá outra* do português, podemos ter em espanhol *ser de cajón* – que significa “ser evidente, não necessitar de explicação”, conforme o DUEA; “ser óbvio”, conforme *Señas* (2002); “ser evidente, óbvio, estar fora de toda dúvida ou discussão”, conforme DRAE. Essa unidade faz mais sentido e equipara-se mais à expressão *não dá outra* do português. Para a expressão *¡esto está hecho!* (entendida como equivalente de *não dá outra* no *Santillana*), temos como tradução *isto está feito*, que não parece ter ligação com a expressão *não dá outra*. Parece-nos, então, que estamos diante de mais um problema: erro na escolha do equivalente da unidade. Mais uma vez, ao invés de auxiliar, confundiu-se mais o consulente.

- No registro da expressão *estar desempregado* foi apresentado como equivalente a locução do espanhol *estar en el paro*, omitindo-se a expressão *estar desempleado*,

também utilizada em espanhol, mesmo que seja com uma menor frequência. Consideramos que devem registrar-se, no dicionário de locuções, todas as possibilidades usadas pelos falantes, com a indicação de mais usual, para que o usuário tenha a opção de escolher qual expressão utilizar, considerando o uso pelos falantes nativos.

- A expressão *verse negro para*, apresentada como equivalente da expressão portuguesa *ter muita dificuldade para*, poderia ter sido arrolada para a locução do português *a coisa está preta para*, devendo registrar-se, então, a locução do espanhol dentro do verbete preto e não do verbete dificuldade, ao contrário do que foi feito no *Santillana*.

- No caso da locução *estar hasta el gorro/los cojones/los huevos/el tope*, temos quatro possibilidades de uso; no entanto, não é explicado ao usuário se há alguma restrição que determina em que situação ou onde se pode usar cada uma, ou até mesmo qual é a mais usual.

- Ao contrário do que os autores afirmaram na apresentação sobre o registro de exemplos de usos de locuções, não foi oferecido nenhum exemplo de uso das expressões na parte ativa do dicionário, ainda que a maneira em que as locuções foram apresentadas oriente o consulente quanto à forma de uso da locução: em vários momentos, elas não são apresentadas no infinitivo, mas sim contextualizadas: *¿Tengo monos en la cara?* no lugar de *tener monos en la cara*.

No entanto, vale lembrar que é na direção ativa (do português para o espanhol) que deveriam ser arrolados exemplos de uso, já que é no momento da produção que o falante de LE necessita receber maiores informações sobre o uso e o comportamento sintático da unidade. Entretanto, evidenciamos que o *Santillana* faz o contrário: apresenta exemplos de uso das unidades apenas na sua parte passiva – do espanhol para o português – (destinada à compreensão):

**ab.so.lu.to.ta.** [...] ♦ **En absoluto.** De jeito nenhum. *Esa propuesta no podemos aceptarla en absoluto.*

**a.cá.** [...]♦ **De aça para Allá.** De um lado para o outro.  
*Caminó por el shopping de aça para Allá, pero no encuentro el vestido que buscaba.*

**a.ca.so.** [...]♦ **Por acaso.** Por casualidade. ► Casualmente.  
*Nos encontramos en Madrid por acaso.*

O fato é que não é necessário disponibilizar exemplos na direção passiva do dicionário, já que nessa parte são apresentadas palavras e expressões na língua estrangeira para o momento da compreensão. Quando buscamos o significado de uma palavra estrangeira é porque já a encontramos dentro de um contexto, em um texto ou em uma frase, não é necessário que o dicionário também traga um exemplo, mas sim a definição, ou o equivalente. No entanto, na parte ativa do dicionário é imprescindível que haja exemplos das expressões registradas como equivalentes às expressões portuguesas, porque assim o consulente pode depreender, por meio do contexto, como deve usar a expressão; o exemplo, nesse caso, o ajudaria muito. O *Santillana* faz justamente o contrário, inchando a microestrutura da parte passiva do dicionário, o que é totalmente desnecessário. Por essa razão, a nossa proposta considera os exemplos informações necessárias na direção ativa do dicionário, para auxiliar o usuário na sua produção.

- Notamos que quase não há marcações que informe ao consulente se as expressões fazem parte do léxico coloquial, vulgar, culto, gíria, etc. No intervalo de letras analisado, há 12 casos, das 128 expressões retiradas do dicionário, que apresentam algum tipo de marcação, as quais se resumem a *fig* (de figurado); *fam* (de familiar); *Méx* (de México) e *Arg* (de Argentina), são elas:

Marcação: <i>fig e fam.</i> <b>devolver la pelota</b>	Marcação: <i>fig.</i> <b>convertir en ceniza</b>
Marcação: <i>fig e fam.</i> <b>caer a plomo</b>	Marcação: <i>fam.</i> <b>rascarse la barriga</b>

Marcação: <i>fig e fam.</i> <b>caerse de sueño</b>	Marcação: <i>fig.</i> <b>no tener alma</b>
Marcação: <i>Arg. – Méx.</i> <b>hacer dedo – pedir jalón</b>	Marcação <i>fig.</i> <b>caerse de espaldas</b>
Marcação: <i>fam.</i> <b>estar hasta el gorro/los cojones/ los huevos/ el tope</b>	Marcação: <i>fig.</i> <b>tener amarras</b>
Marcação: <i>fam.</i> <b>coger el toro por los cuernos</b>	Marcação: <i>fig e fam.</i> <b>estar como un niño con zapatos nuevos</b>

Quadro 6: Marcações lexicográficas do intervalo lematício A-D do *Santillana*

Apesar de os autores resolverem usar essas marcas de uso, eles apresentam as marcações apenas a alguns vocábulos. A *rascarse la barriga*, por exemplo, foi usada a marca *fam*, por ser uma expressão de uso coloquial, e para locução *no tener alma* registraram a marca *fig*, por tratar-se de uma expressão com sentido conotativo, ou seja, figurado. Contudo, há muitas outras expressões que carregam essas mesmas marcas, das quais os autores não deram conta, visto que não acrescentaram a elas nenhuma marcação, como é o caso das expressões *dar en el clavo* e *caerse de culo*, entre outras que deveriam conter marcas de uso. Sabemos que fica difícil para o lexicógrafo registrar muitas informações referentes ao uso e à variação linguística das expressões, entretanto, deve haver coerência entre as informações; ou os autores escolhem as marcações com as quais irão trabalhar dentro de sua obra e as considera para todas as unidades, ou não trabalham com nenhuma e deixam isso claro ao usuário.

O que se registra são expressões soltas com seus equivalentes em espanhol, quase sempre sem nenhuma informação de uso ou de estrutura. Por essa razão, o usuário, na maioria das vezes, não consegue utilizar adequadamente expressões idiomáticas da LE e, por vezes, acaba não alcançando a fluência que almeja na hora de sua produção.

Diante das dificuldades encontradas no momento de estabelecer-se equivalentes entre fraseologias de línguas diferentes e das lacunas deixadas por dicionários da língua

geral na tentativa de registrá-las, acreditamos que essas unidades complexas da língua merecem espaço em uma obra especial, que trate apenas desse tipo de unidade. Cabe-nos ressaltar que a análise das expressões serviu não apenas para verificar como elas são tratadas dentro de dicionários bilíngues, mas também para compreender um pouco mais sobre o comportamento dessas expressões. Desta forma, por meio da análise das expressões verbais do dicionário *Santillana*, foi possível notar que muitas vezes uma expressão pode apresentar-se opaca/idiomática/não transparente em uma das línguas e na outra ser produzida literalmente, como o caso de *dar na telha = dar la gana*. Através do intervalo lematizado analisado, foi possível presenciar, também, exemplos que comprovam o princípio do anisomorfismo, que considera que as línguas não são simétricas. Nas expressões *antes de matar a onça não se vende o couro = no vendas la piel antes de cazar al oso* e *dar zebra = salir rana* comprovamos o anisomorfismo entre as línguas, já que a onça e o urso / a zebra e a rã são animais que existem na realidade dos países das duas línguas envolvidas, mas cada um os enxerga de forma diferente, por isso um seleciona a zebra e outro a rã para representar algo ou alguma situação que tenha dado errado.

O dicionário *Santillana* apresenta uma grande quantidade de locuções verbais na parte ativa, no entanto, ainda necessita de planejamento e coerência na forma de apresentação de ditas unidades. Não podemos negar, entretanto, embora a obra apresente alguns problemas, que o dicionário *Santillana* é um dos melhores dicionários que temos à disposição para o ensino de espanhol como língua estrangeira a brasileiros. Sabemos que a presença de todas as informações que acreditamos serem importantes para auxiliar a competência do falante não-nativo tornaria o dicionário, que não tem a intenção de ser exaustivo, mas prático, em uma obra muito grande e de difícil manuseio. O que estamos tentando provar, portanto, é que essas expressões merecem e devem ser tratadas em uma obra especial, que possa dar a elas todo o tratamento necessário para seu entendimento e para seu uso adequado.

Por essa razão, após analisarmos um dicionário bilíngue da língua geral e evidenciarmos que ele ainda deixa muito a desejar em relação ao tratamento de

fraseologias, no próximo capítulo apresentaremos soluções para a elaboração de uma macro e microestrutura para um dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais.

## **6 PROPOSTA DE MACRO E MICROESTRUTURA PARA UM DICIONÁRIO DE LOCUÇÕES VERBAIS - PORTUGUES-ESPANHOL**

Nosso objetivo até agora foi, primeiramente, mostrar a importância do fenômeno fraseológico no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, posto que os aprendizes de um idioma não nativo, muitas vezes, deparam-se com expressões idiomáticas cujo significado não se pode apreender pela soma de seus elementos, mas sim pelo conjunto da expressão, o que exige uma competência muito maior na língua, além de um conhecimento cultural sobre o costume do povo, seus valores e suas crenças. No entanto, se há uma dificuldade em compreender expressões idiomáticas de uma língua, maior é a dificuldade quando o aprendiz pretende se comunicar no idioma e, em certo momento, deseja usar uma expressão figurada. Nesse caso, ele não dispõe de um contexto, como no momento da compreensão, que possa lhe ajudar a encontrar a equivalência adequada; ele necessita dominar a esfera idiomática da língua estrangeira.

Como um aprendiz de uma língua estrangeira não possui, de modo geral, suficiente competência no idioma para produzir de modo satisfatório as expressões idiomáticas da língua, ele recorre, por vezes, à ajuda oferecida por obras lexicográficas, mais especificamente por dicionários bilíngues de LC, por serem obras de fácil acesso e, em princípio, mais fáceis de serem manuseadas e compreendidas. No entanto, como vimos no capítulo anterior pela análise do dicionário *Santillana*, de modo geral, essas obras não ajudam o consulente a usar uma fraseologia adequadamente, haja vista que elas demandam muita atenção às palavras simples da língua, não podendo, portanto, dedicar o tratamento necessário ao fenômeno fraseológico, o que faz desses dicionários obras não muito eficientes no que se refere a informações do léxico complexo.

Acreditamos que obras que se dedicam ao léxico geral da língua não conseguem dar conta do fenômeno fraseológico, pois não fornecem todas as informações necessárias que auxiliam o consulente a usar adequadamente uma fraseologia. Diante da dificuldade de tratamento adequado de expressões idiomáticas em dicionários gerais, e da escassez de obras lexicográficas que tratem especialmente dessas unidades léxicas tão complexas da

língua, chegaremos ao nosso maior objetivo, que é oferecer uma proposta de macro e microestrutura de dicionário bilíngue que dê conta dos fraseologismos, mais especificamente das locuções verbais, na direção português – espanhol, com vistas à produção.

Apresentaremos, antes de tudo, a taxonomia do nosso dicionário e as características que o diferenciam das demais obras lexicográficas, assim como faz Alonso (2004, p. 153), autora em que nos baseamos para refletirmos sobre as seguintes diferenciações:

1. Dicionário especializado: não apresenta uma descrição léxica completa, já que se ocupa apenas da descrição sintagmática, ou seja, do léxico fraseológico.
2. Dicionário de codificação: nosso dicionário foi concebido como uma obra que permite codificar sentidos, ou seja, nos preocupamos apenas com a atividade de produção linguística, ao contrário da maioria das obras lexicográficas que oferecem as duas opções ao consulente: uma parte para a decodificação e outra para codificação, uma vez que quando o dicionário se dedica a essas duas funções acaba não sendo satisfatório para nenhuma. Assim, nosso dicionário deverá apresentar apenas uma direção: do português para o espanhol, com vistas à produção linguística.
3. Dicionário sintagmático: no nosso dicionário cada unidade fraseológica deve receber um verbete lexicográfico completo, isto é, a fraseologia deve aparecer como lema do verbete, sobre a qual serão apresentadas todas as informações necessárias na microestrutura para que o usuário possa ter acesso a todas as particularidades da expressão, como informações pragmáticas, sintáticas, exemplos, etc.

### **6.1 Taxonomia do dicionário**

O dicionário que proporemos aqui é um *Dicionário Especial*, visto que abarca o léxico fraseológico do português e do espanhol. Do ponto de vista das línguas envolvidas, podemos chamá-lo de *Dicionário Bilíngue*, já que consideramos dois idiomas: o

português e o espanhol. No que se refere à finalidade, podemos dizer que se trata de um *Dicionário Ativo*, pois toma como ponto de partida o português para registrar as expressões do espanhol, com a finalidade de ajudar na produção do consulente. Como a obra tem por objetivo auxiliar na atividade de produção de estudantes brasileiros de língua espanhola, podemos dizer que falamos de um *Dicionário Pedagógico*, mais especificamente de *Dicionário de Aprendizes*, o qual não deve ser confundido com *dicionário escolar*, já que o primeiro busca auxiliar no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, como é o nosso caso, enquanto o segundo se destina a estudantes nativos de uma língua. Assim, podemos denominar o dicionário que propomos aqui de *Dicionário para aprendizes, bilíngue-ativo de locuções verbais do português/espanhol*.

Entretanto, mais importante do que buscar uma classificação estereotipada para o nosso dicionário, é apresentar as características que a obra possui, aplicando alguns critérios práticos para a sua confecção. Dessa maneira, nos basearemos em alguns critérios selecionados por Haensch – devidamente apresentados no capítulo 3 – para propormos o nosso dicionário:

1. Caráter linguístico, enciclopédico ou misto: propomos a utilização de um critério misto, visto que, conforme Haensch, devido à distinção entre obra lexicográfica e enciclopédica, o consulente se vê obrigado, muitas vezes, a consultar enciclopédias e dicionários ao mesmo tempo para completar as informações de que necessita. Por isso, nesta proposta de dicionário, pensamos em contemplar uma obra híbrida no que diz respeito a esse critério. Consideramos importante que um dicionário ativo de fraseologias contenha, em alguns casos, informações enciclopédicas da língua estrangeira como pronúncia, ortografia, gramática, etc.

2. Sistema linguístico em que se baseia: a descrição linguística da obra proposta aqui deve basear-se tanto no sistema linguístico individual dos autores, quanto nas informações extraídas de um *corpus*, que deve ser constituído por dicionários bilíngues português/espanhol e monolíngues, além de textos de diferentes gêneros, revistas, jornais, livros, blogs, etc.

3. Número de línguas: já que temos como objetivo oferecer equivalentes das locuções do português em espanhol, ao invés de fazer uma descrição metalinguística de nossas expressões, o nosso dicionário pretende oferecer equivalentes das unidades do português em espanhol. Como trabalhamos com mais de uma língua, nossa obra enquadra-se nos dicionários plurilíngues, sendo, mais especificamente, bilíngue por considerar dois idiomas – o português e o espanhol.

4. Seleção do léxico que registram:

a) **vocabulário** – trataremos, na obra proposta, do léxico parcial do português e do espanhol, já que consideramos impossível e ineficaz abranger o léxico de um sistema linguístico em sua totalidade. Podemos dizer, portanto, que, quanto ao léxico, nosso dicionário possuirá uma marcação diatópica, pois pretende selecionar o léxico de uma determinada região. No caso do português, consideraremos o léxico utilizado predominantemente na região sul do país, e, no caso da língua estrangeira, consideraremos o espanhol rio-platense.

b) **codificação exaustiva ou seletiva** – a obra deve trabalhar com uma codificação seletiva das línguas, já que pretende selecionar as locuções mais recorrentes, isto é, uma parte do vocabulário mais usual dos idiomas.

c) **critério cronológico** – como não temos a intenção de fazer um estudo da evolução do vocabulário das línguas através dos tempos, selecionamos como critério cronológico de nossa obra o critério sincrônico, visto que pretendemos registrar as fraseologias das línguas recorrentes em um determinado momento da história que, no caso, é o momento atual.

d) **caráter prescritivo ou descritivo** – tendo em vista que o nosso objetivo é recolher uma seleção representativa do léxico realmente usado pelos falantes, sem critério purista, para auxiliar o aprendiz brasileiro de ELE na sua produção, consideramos que a obra proposta possui um caráter descritivo.

5. Ordenação dos materiais: propomos uma ordenação semasiológica alfabética das locuções, que parta do significante e não do significado das expressões, posto que, ao

tentar produzir uma fraseologia do espanhol, o aprendiz brasileiro, com um nível intermediário ou até mesmo básico de conhecimento do idioma, não pensa, de modo geral, no conceito ou no tema da locução que pretende proferir, mas pensa direto na expressão brasileira e tenta traduzi-la simultaneamente ao espanhol. É um cálculo muito espontâneo e não pensado.

6. Finalidades específicas de dicionários: propomos um dicionário que trate das palavras em seus contextos, nas suas relações sintagmáticas; por isso, trata-se de um *dicionário sintagmático*, mais especificamente de um *dicionário de fraseologia*, que busca auxiliar na tarefa de produção linguística do vocabulário fraseológico.

7. Dicionário convencional e dicionário eletrônico: já que pensamos em disponibilizar um dicionário impresso de locuções, o qual o aprendiz brasileiro de ELE possa ter sempre em mãos para sanar suas dificuldades de produção fraseológica em LE, nosso dicionário trata-se de uma obra lexicográfica convencional e não eletrônica.

Além de todos os critérios apresentados até agora, temos que levar em consideração que, por se tratar de um dicionário bilíngue, essa obra possui muitas particularidades a serem levadas em conta na hora de sua confecção. Ademais, seu caráter didático exige um tratamento cuidadoso a fim de que todos os objetivos sejam cumpridos. Portanto, ao pensarmos na elaboração de um dicionário bilíngue precisamos levar em consideração alguns fatores essenciais para que ele seja realmente eficiente. Por essa razão, apresentaremos a seguir alguns fatores importantes que contribuem para que a obra proposta aqui cumpra seu objetivo:

a) **Público alvo:** como vimos no capítulo 3, a história dos dicionários bilíngues demonstra que seu maior objetivo sempre foi o de auxiliar os aprendizes de uma LE; porém, como essas obras geralmente destinam-se aos usuários das duas línguas trabalhadas, um público sempre acaba perdendo. O ideal seria destinar-se a apenas um dos usuários, uma vez que cada um possui suas peculiaridades. Por isso, embora nosso

dicionário trabalhe com duas línguas simultaneamente – o português e o espanhol, ele é destinado apenas a aprendizes brasileiros de espanhol como língua estrangeira e não contempla os falantes nativos de espanhol. Dessa maneira, nossa obra apresentará apenas uma direção, como veremos a seguir, ao contrário dos dicionários bilíngues usuais, que costumam apresentar uma parte espanhol/português e outra português/espanhol, no intuito de abarcar os dois falantes. Partindo, então, da direção que contempla os falantes nativos do português, selecionamos ainda mais nosso público alvo, a fim de adequarmos a obra às necessidades do usuário.

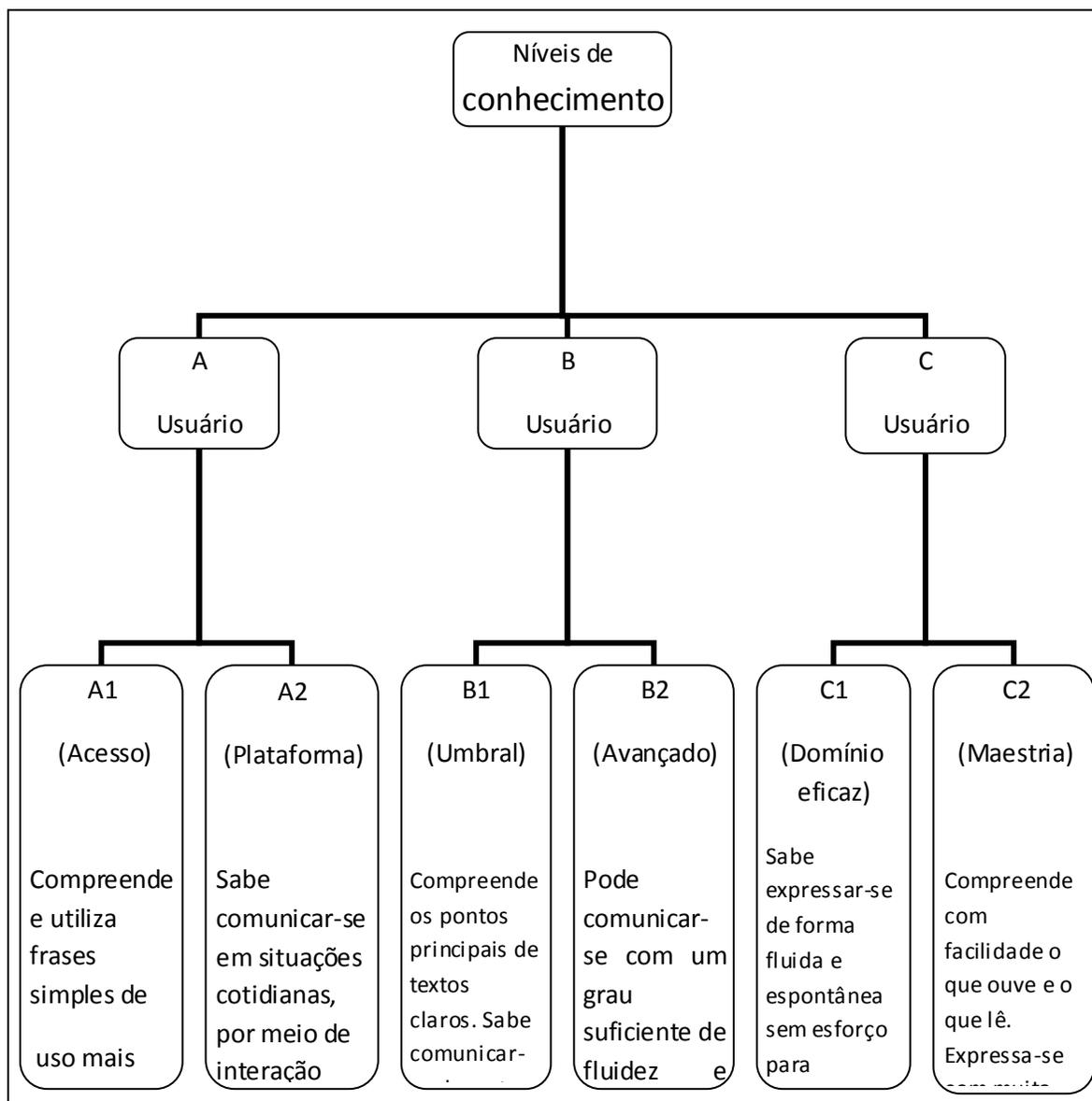
Pensamos em um usuário que possua no mínimo um conhecimento intermediário da língua, de modo que ele consiga produzir no idioma e seja capaz de levantar questionamentos acerca de expressões idiomáticas e sinta necessidade de usá-las. Nossa obra se dedica a aprendizes com um conhecimento intermediário a avançado do espanhol, porque consideramos que, para fazer uso do léxico fraseológico de um idioma estrangeiro, o usuário já deve possuir conhecimentos avançados na língua, ou seja, ter condições de proferir frases e se comunicar na língua estrangeira com a necessidade de entrar na esfera idiomática das línguas, na compreensão de seu mundo, de seus costumes e valores.

A fim de delimitarmos o perfil de nosso usuário, devemos refletir acerca do que significa ter um nível intermediário de competência na LE. Para isso, recorremos ao *Marco Común de Referencia para las Lenguas: aprendizaje, enseñanza y evaluación* (2002). Por meio do estudo desse documento, podemos identificar a competência comunicativa que alunos com nível intermediário de conhecimento na LE devem apresentar para realizar atividades de produção, e assim poderemos estabelecer mais claramente o público alvo a que se destina nosso dicionário.

O *Marco Común de Referencia* é um documento elaborado por especialistas e professores de língua estrangeira de toda Europa que trata de diversas questões sobre ensino e aprendizagem de idiomas e pretende disponibilizar uma base comum para elaboração de planos e programas de ensino de LE. Para isso, o documento descreve o que os estudantes devem aprender para conseguir se comunicar de forma eficaz em um idioma não nativo e, a partir disso, divide os níveis de aprendizagem de uma língua em

seis, ampliando a divisão clássica – *básico, intermediário e avançado* – em *usuário básico (acesso e plataforma), usuário independente (umbral e avançado), usuário competente (domínio operativo/eficaz e maestria)*.

É na sua classificação em níveis de conhecimento que se concentra nosso interesse, pois a descrição do grau de competência comunicativa que o aprendiz de LE deve ter em cada nível nos ajuda a selecionar o usuário de nosso dicionário, o qual identificamos como estudantes que têm, no mínimo, um nível intermediário de conhecimento da língua. A fim de definirmos quem é o aprendiz brasileiro de ELE com nível intermediário de conhecimento, disponibilizamos a seguir um esquema com a classificação apresentada pelo *Marco*, que denomina o público alvo que pretendemos abarcar como *usuário independente*:



Esquema 6: Classificação do *Marco* em níveis de conhecimento

Consideramos que, a partir do momento em que estudantes de uma língua estrangeira são capazes de utilizar o idioma não nativo com mais fluidez e naturalidade, sem a necessidade de produzir expressões estáveis e idiomáticas da língua, típicas da comunicação cotidiana e informal, apesar de unidades fraseológicas também serem usadas em situações mais formais, ou por falantes com um nível cultural maior. Por isso, acreditamos que, a partir do nível intermediário de conhecimento na língua estrangeira, o

aprendiz deve receber auxílios, por meio de obras lexicográficas, sobre o uso, conceitos e estrutura sintática de expressões idiomáticas da língua.

O *Certificado del Español Lengua y Uso* (CELU) – exame de origem rio-platense que verifica a capacidade que tem um falante de ELE para se comunicar em situações sociais, laborais e acadêmicas – também classifica os aprendizes de ELE em níveis de conhecimento. Como pensamos em incluir o espanhol rio-platense no nosso dicionário de locuções verbais, consideramos necessário apresentar a classificação feita pelo CELU.

O CELU identifica dois tipos de níveis de conhecimento: o *intermediário* e o *avanzado* e, para cada falante, arrola competências que o definem como tal, como podemos notar a seguir:

- **usuário com um nível intermediário de conhecimento na língua:** assim como o *Marco*, o CELU define esse usuário como aquele que pode desenvolver-se com fluidez e naturalidade; no entanto, reconhece que ele pode encontrar dificuldades no momento de enfrentar contextos desconhecidos, o que, para nós, incluiria encontrar dificuldade diante do fenômeno fraseológico da língua, já que essas expressões costumam representar contextos diferentes dos conhecidos pelos falantes não nativos devido a seu caráter idiomático. Portanto, um usuário com um nível intermediário de conhecimento na LE necessita estudar as unidades complexas do idioma e, mais do que isso, precisa de instrumentos lexicográficos que o ajude a utilizar e entender adequadamente essas expressões.

- **usuário com um nível avançado de conhecimento na língua:** comunica-se de maneira espontânea na LE, tem facilidade em compreender diferentes textos e em adequar-se a diferentes situações comunicativas. É capaz de intervir ativamente em conversações e discussões formais ou informais entre falantes nativos.

Como podemos notar tanto o *Marco* como o CELU compreendem que o usuário com um nível intermediário de conhecimento da LE já são capazes de comunicar-se com fluidez na língua e, provavelmente, sentirão necessidade de utilizar expressões

idiomáticas durante diversas situações comunicativas. Por essa razão, o dicionário que propomos é pensado para um usuário que tenha, no mínimo, um conhecimento intermediário da língua, podendo estender-se a usuários com um conhecimento avançado. Nosso público alvo contempla, então, o *usuário independente* arrolado pelo *Marco* e o *falante de nível intermediário* definido pelo CELU.

**b) A função da obra:** o dicionário que propomos tem a função de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem do espanhol como língua estrangeira. Temos por finalidade auxiliar, mais precisamente, na tarefa de codificação (produção), oferecendo ao usuário brasileiro meios para produzir expressões idiomáticas adequadamente, isto é, auxiliando-o a ser capaz de utilizar fraseologias condizentes com a situação comunicativa.

**c) Direção do dicionário:** como a finalidade do nosso dicionário é auxiliar o aprendiz brasileiro de LE a comunicar-se na língua espanhola, utilizando adequadamente expressões idiomáticas do idioma estrangeiro, a obra terá como ponto de partida a língua portuguesa e como ponto de chegada a língua espanhola. Trata-se, então, de um dicionário monofuncional, já que é pensado para um tipo de falante apenas e não para os dois falantes das línguas envolvidas. Apresentará, portanto, apenas uma direção, ao contrário do que costuma fazer os dicionários bilíngues em geral. Assim, teremos:

**Direção = PORTUGUÊS → ESPANHOL**

Estamos falando de um dicionário ATIVO, isto é, uma obra que auxilia na produção. O dicionário ativo é pensado para um falante mais proficiente, visto que ele já é capaz de achar soluções plausíveis para produzir na língua estrangeira e não busca apenas a compreensão do idioma.

Depois de definirmos o público alvo do nosso dicionário, a finalidade da obra e, conseqüentemente, sua direção, já temos condições de pensarmos em como deve ser a macroestrutura da obra e quais as informações que devem constar na sua microestrutura.

Estruturas essas que têm grande papel dentro de uma obra lexicográfica e que, se não forem bem pensadas, podem gerar problemas e acarretar na ineficiência da obra.

Enfim, a partir de agora, apresentaremos a nossa proposta de macro e microestrutura para um dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais – português/espanhol, tendo em vista todos os critérios e as características que foram apresentadas aqui.

## **6.2 A macroestrutura do dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais – português/espanhol**

Ao pensarmos na macroestrutura de um dicionário, imediatamente pensamos em quais unidades lexicográficas lematizar; no nosso caso, que locuções verbais do português devem figurar como lema no nosso dicionário bilíngue e como lematizá-las. Para isso, é necessário que já se tenha determinado o público alvo e a finalidade da obra, o que já fizemos nas páginas anteriores.

Ao recolher para um dicionário e ao redigi-lo, temos que levar em conta constantemente sua finalidade, para recolher o máximo de unidades léxicas de acordo com ela, e evitar a incorporação (não fundada em algum critério) de vocábulos alheios. (HAENSCH, 1982, p. 396/397)<sup>120</sup>.

Para pensarmos na macroestrutura de um dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais, é necessário definirmos como deverá ser feita a seleção das unidades, além de delimitarmos o lema. Para isso, tomamos como fundamentação teórica dois autores: Haensch (1982) e Wotjak (2007).

---

<sup>120</sup> Original: “Al recoger materiales para un diccionario y al redactarlo, hay que tener presente constantemente su finalidad, para recoger el máximo de unidades léxicas de acuerdo con ella, y evitar la incorporación (no fundada en algún criterio) de vocablos ajenos.”

### 6.2.1 A seleção das locuções verbais

Haensch considera que existem critérios externos/extralinguísticos (usuário, objetivo, tamanho da obra) e critérios internos/linguísticos (frequência de uso das UF, etc.) que podem determinar de onde se extrairá o material léxico da obra, além de auxiliar na escolha desse material. Os critérios externos de seleção das unidades pensados para a nossa obra já foram apresentados no momento em que falamos do público alvo e da finalidade da obra, por meio dos quais foi possível definir que as expressões que devem fazer parte da macroestrutura são aquelas mais utilizadas pelos falantes brasileiros<sup>121</sup>, pois são eles o nosso público alvo. É importante ter em mente, ainda, que um dos objetivos do dicionário é facilitar o uso das locuções verbais do espanhol para estudantes brasileiros a partir de uma perspectiva sincrônica, ou seja, considerando-se aquelas expressões mais utilizadas pelos jovens brasileiros da região sul e, conseqüentemente, pelos falantes nativos da região rio-pratense. Assim, o objetivo é selecionar predominantemente as locuções da região sul do Brasil que estão sendo usadas hoje em dia pelos falantes e não registrar expressões arcaicas.

Um critério importante de seleção de lemas para nosso dicionário, que deve ser cuidadosamente observado, diz respeito à tipologia da fraseologia que nos propomos a registrar. Como nossa obra trata-se de um dicionário fraseológico, dedicado apenas a um tipo de unidade, o cuidado maior deve estar em selecionarem-se expressões que correspondam às características já delimitadas das fraseologias a que nos propomos tratar: locuções verbais. Vale lembrar que apresentamos as características das unidades que consideramos locuções verbais no capítulo 1 e que elas devem ser retomadas no momento da coleta das unidades que comporão o dicionário, de modo que toda a expressão lematizada apresente as características necessárias para ser considerada uma locução verbal.

---

<sup>121</sup> Devido à diversidade linguística que encontramos dentro do Brasil, trabalharemos apenas com as locuções verbais portuguesas utilizadas na região sul, já que se torna inviável considerar as locuções recorrentes em todas as regiões brasileiras. Essa escolha, sem dúvida, deverá ser bastante discriminada nas páginas introdutórias da obra para que o consulente saiba que não encontrará expressões típicas do Norte do país, por exemplo.

Além dos critérios externos, há os critérios internos ou linguísticos, apresentados por Haensch e retomados por Wotjak, que auxiliam na seleção das UF. Já sabemos quem é o público alvo, qual é a finalidade e que a obra dispõe de bastante espaço para o tratamento das fraseologias, já que se dedica apenas a esse fenômeno léxico. Resta-nos, agora, proceder à seleção das unidades segundo princípios linguísticos, apresentados por Haensch e (1982) por Wotjak (2007):

- frequência de uso: com certeza esse não deve ser o único critério para decidir se a unidade deve ou não figurar no dicionário; no entanto, é um recurso que pode nos ajudar na verificação da pertinência da expressão ou na hora de ter de optar por uma ou outra unidade, considerando que um dicionário para aprendiz, como pretende ser o nosso, não deve ser muito grande, embora tenha bastante espaço para ser exaustivo com relação ao seu objeto;

- importância da unidade léxica: como apenas o critério de frequência não é suficiente para definir se uma unidade deve ou não fazer parte de um dicionário, Haensch considera importante que o lexicógrafo utilize alguns juízos na hora de selecioná-las, os quais podem justificar a inclusão de um vocábulo com uma baixa frequência de uso:

a) juízo de uso: leva em conta também o empirismo (consulta aos falantes da língua sobre o uso da unidade) e não apenas critérios estatísticos;

b) juízo de necessidade: é o caso de unidades que têm uma baixa frequência de modo geral, mas que dentro de uma determinada cultura, ou área, é de grande importância, como o caso da expressão *sufrir infarto al miocárdio*, muito utilizado na medicina;

c) juízo de prestígio: esse critério considera o parecer de um especialista de uma determinada área que admite se uma unidade tem ou não importância dentro de sua matéria.

Creemos que o princípio da importância da unidade léxica é um critério que, junto ao critério da frequência de uso, pode nos ajudar a selecionar as unidades que comporão nosso dicionário. Propomos, então, que, além de um estudo quantitativo sobre a recorrência das expressões, sejam feitas conversas, bem como um estudo junto aos falantes nativos do português, a fim de serem tomadas decisões acerca de unidades que apresentam baixa frequência, mas, quem sabe, grande importância para determinado grupo social, ou área. Salientamos, no entanto, que não é nosso objetivo registrar unidades da área técnica da medicina, engenharia, biologia, entre outras; porém, muitas vezes, se fará necessário incluir expressões desse tipo por já estarem bastante enraizadas nos discursos de uma comunidade linguística, como é o caso da colocação considerada como vocabulário da medicina/obstetrícia *romper/estourar a bolsa*, mas que já está sendo usada pelos falantes não especialistas na área.

Vale a pena considerar, ainda, que o mesmo princípio de importância da unidade utilizada para selecionar as expressões do português deve ser utilizado para selecionar os equivalentes da língua espanhola, para os quais deverão ser feitas, além de pesquisas quantitativas em *corpora*, pesquisas em dicionários, entrevistas com nativos, etc.

- critério de diferenciação frente a um diassistema de referência: diz respeito a um estudo contrastivo dentro do vocabulário do subconjunto que se pretende recolher (no nosso caso as fraseologias do português da região sul e do espanhol rio-pratense). Esse critério permitirá distinguir os usos fraseológicos dentro das diferentes comunidades linguísticas da região sul (no caso do português) e da Argentina e do Uruguai, de modo que se registrem as variantes das expressões dentro desse subconjunto.

- critério purista ou não purista: se refere à inserção ou não de estrangeirismos. Como pretendemos registrar a realidade atual do uso de fraseologismos da língua portuguesa e espanhola e dar o máximo de informação ao usuário, incluiremos, se for o caso, expressões que possuam estrangeirismos, ou que são elas próprias resultados de

neologismos da língua, se forem elas expressões frequentes e/ou importantes nos idiomas;

- omissão ou inclusão de vocábulos tabuizados: propomos que as expressões que possuam termos considerados “chulos” ou “palavrões” sejam registradas em nosso dicionário se forem identificadas como usuais no idioma, como é o caso das expressões *dar um pé na bunda*, *nascer com a bunda para a lua*. No entanto, é importante que estas expressões sejam caracterizadas como tais sob alguma indicação, como *vulg* (vulgar).

Assim, para selecionarmos as locuções portuguesas que figurarão como lema do dicionário proposto, além das unidades fraseológicas que nós como falantes nativos sabemos que são bastante utilizadas, e de estudos junto a outros falantes, sugerimos que as expressões sejam coletadas também por meio de *corpora*, isto é, por pesquisa em textos que circulam na internet, em livros didáticos, em revistas, jornais, filmes etc. Dicionários monilíngues do português e bilíngues português/espanhol também servirão como fonte de coleta. Para ilustrarmos nossa proposta de macro e microestrutura de dicionário fraseológico, utilizaremos a ferramenta de busca *Google* como *corpus* para verificação de frequência das unidades aqui exemplificadas. Essa ferramenta é bastante utilizada neste capítulo a título de exemplificação; ao se elaborar efetivamente o dicionário, é necessário que se construa um *corpus* específico para o tipo de busca que se deseja realizar: de locuções verbais típicas da região Sul do Brasil e do Rio da Prata, ou seja, com textos representativos dessas comunidades linguísticas.

Após selecionarmos as unidades, precisamos pensar em como registrá-las na macroestrutura do nosso dicionário. Devemos, portanto, refletir acerca de questões teóricas e práticas que dizem respeito à delimitação do lema.

### 6.2.3 O lema das locuções verbais

Segundo Wotjak (2007), o lema é considerado por muitos estudiosos como a parte mais importante do enunciado lexicográfico e “no caso das UF, este tema adquire

especial relevância ao se considerar a fixação ou estabilidade formal e a variação como características intrínsecas a estas unidades” (ibid., p. 73)<sup>122</sup>.

Primeiramente, devemos pensar na forma como a expressão deve ser registrada no nosso dicionário. A solução servirá não apenas para as fraseologias que figurarão como lema do verbete, mas também para os equivalentes do espanhol que serão apresentados na microestrutura.

Achamos por bem, como costuma ser feito na prática lexicográfica, registrar as expressões no infinitivo, visto que uma parte dedicada à apresentação de contextos trará as unidades nas suas condições de uso, com os verbos conjugados, e será suficiente para ilustrar as expressões em discursos realizados, além de dar condições ao consulente de fazer a sua escolha e usar adequadamente a expressão conforme o contexto.

As expressões do português deverão ser registradas na macroestrutura na ordem sintática em que costumam aparecer em contextos, ou seja, nem sempre a partir do verbo, como verificamos na solução encontrada pelo dicionário eletrônico *WordReference* para a unidade frequentemente usada na forma *a vaca foi para o/pro brejo*:

VACA [vaka]f

*locuciones:*

» **ir a vaca para o brejo** *fig & fam* fracasar, no salir algo bien<sup>123</sup>

Acreditamos que o consulente, na hora de procurar a expressão *a vaca foi para o/pro brejo*, não pensará em buscar pelo verbo *ir* e, portanto, na letra “T” do dicionário; provavelmente, ele procurará pela forma em que ela costuma ser usada, ou seja, pela letra “A”, a qual inicia a expressão e onde optamos por incluir essa fraseologia. Decidido a letra onde deverá figurar a expressão, nos resta saber como a registraremos. Já deixamos claro que os verbos das locuções serão registrados no infinitivo, assim, no caso da

<sup>122</sup> Original: “En el caso de las UF, este tema adquiere especial relevancia, si se consideran características intrínsecas a estas unidades, como la fijación o estabilidad formal y la variación”.

<sup>123</sup> Disponível em: <http://www.wordreference.com/ptes/vaca>

unidade citada, o consulente saberá como usar a forma flexionada da expressão do espanhol mediante os exemplos, do contexto.

A VACA **IR** PARA O BREJO

**ir al traste** *prnl*

Considerações:

1. A locução *ir al traste* não seleciona um sujeito determinado, como faz a língua portuguesa ao selecionar “a vaca”. Portanto, na língua espanhola, é o contexto que determinará “o que vai/foi/irá pro brejo”. Nos exemplos apresentados abaixo, vemos que no caso 2 o que “vai pro brejo” é “*la industria*”; no 3 são “*nuestras ilusiones*” e no 4 é “*todo*”. Quando queremos dizer sem determinar sujeitos que *a vaca foi pro brejo* podemos dizer apenas *todo se ha ido al traste*.

2. O verbo *ir*, assim como em português, pode ser flexionado em diferentes tempos verbais: *va/fue/irá...al traste*.

Contextos: 1. *¿Se ha ido todo al traste?* ([foros.diariosur.es/ido-todo-traste-t50679.html](http://foros.diariosur.es/ido-todo-traste-t50679.html))

2. *La industria se fue al traste.* ([www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-4897-2008-10-31.html](http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-4897-2008-10-31.html)) 3. *En este país ya se nos han ido las ilusiones al traste muchas veces.* ([blogs.rtve.es/eurovision/2010/1/20/ay-karmele](http://blogs.rtve.es/eurovision/2010/1/20/ay-karmele)). 4. *Todo se irá al traste por faltar al respecto a personas de alto rango.* ([safiro.hazblog.com/.../Sonar-con-Abandono-b1-p132.htm](http://safiro.hazblog.com/.../Sonar-con-Abandono-b1-p132.htm)).

Figura 1: Exemplo de verbete para a expressão *a vaca foi para o brejo*

Ao discutirmos sobre o registro das expressões no infinitivo ou com seu verbo conjugado, estamos diante da flexibilidade das unidades fraseológicas, as quais aceitam graus de fixação diversos – embora sejam consideradas unidades fixas. Se podemos dizer tanto *a vaca vai pro brejo*, quanto *a vaca foi pro brejo* e *irá pro brejo* significa que a expressão aceita variação e, por isso, não consideramos adequado registrar a unidade sob uma forma apenas, no caso, *a vaca foi pro brejo*. Por meio dos exemplos ou das informações da microestrutura, é que o consulente deve perceber as variações decorrentes do contexto e fazer as adaptações necessárias a seu discurso.

Expressões variantes, como *colocar/pôr/jogar lenha na fogueira/ no fogo* ou *puxar/chegar a brasa para sua sardinha/para seu assado*, exemplificam a dificuldade de

se lematizar expressões fraseológicas. Nesses casos, a dificuldade estaria em definir por qual forma registrar a expressão, já que elas iniciam por verbos diferentes, o que influencia no lugar do dicionário onde elas devem ser inseridas.

Contudo, não há necessidade de inserir todas as variantes da expressão brasileira, pois não é sobre como usar as expressões do português que o usuário busca informação, mas sim sobre as unidades do espanhol. Por isso, precisamos delimitar com qual dos verbos a expressão será registrada, para que possamos definir em que letra do alfabeto ela deverá ser incluída e para facilitar a busca do consulente.

Temos de decidir, portanto, em que forma básica as locuções verbais devem ser registradas, considerando que elas possuem distintos graus de fixação e que os falantes de uma língua podem ter interiorizadas formas canônicas diferentes, o que torna o processo de lematização uma tarefa difícil.

... a tarefa, já por si árdua, de determinar qual é a forma canônica de uma UF, isto é, a que figurará no dicionário, se vê complicada pelo fato de que uma mesma unidade pode apresentar algum tipo de variação em sua estrutura, sem que por isso deixe de ser uma UF. (WOTJAK, 2007, p. 74)<sup>124</sup>

A solução que encontramos para este tipo de problema que influencia na disposição da macroestrutura é fazer uma comparação dos usos da expressão; um estudo estatístico, ou seja, ao buscarmos no *Google* as locuções acima nas suas diferentes versões, chegamos a um resultado quantitativo que pode nos orientar a definir a variante mais usual:

**colocar lenha na fogueira:** aproximadamente 131.000 resultados.

**jogar lenha na fogueira:** aproximadamente 59.200 resultados.

**pôr lenha na fogueira:** aproximadamente 58.500 resultados.

---

<sup>124</sup> Original: “... la tarea, ya de por sí ardua, de determinar cuál es la forma canónica de una UF, es decir, la que figurará en el diccionario, se ve complicada por el hecho de que una misma unidad puede presentar algún tipo de variación con su estructura, sin que por ello deje de ser una UF”.

Por meio da análise quantitativa das expressões dentro do *Google*, fica claro perceber que a locução *colocar lenha na fogueira* apresenta uma maior frequência de uso do que as demais variantes. Nesse caso, portanto, optamos por registrar a locução com o verbo “colocar”, incluindo, assim, a expressão dentro da letra C do dicionário. Entretanto, como sabemos que unidades como essas causariam dificuldades de busca entre os diferentes usuários da obra, julgamos importante que seja explicado, nas páginas introdutórias do dicionário, a metodologia de registro das locuções e seja informado que, em casos como esses (o ideal é exemplificar expondo o caso ao consulente), foram feitos estudos estatísticos que indicaram o verbo da expressão mais recorrente e pelo qual a expressão foi lematizada.

É importante aconselhar o usuário, ainda, que, considerando que falantes diferentes de uma mesma língua podem ter interiorizadas variantes distintas de uma mesma unidade fraseológica, caso não encontre a expressão que procura no verbo consultado, busque a expressão pelo outro verbo com o qual ela costuma aparecer, tendo em vista que a expressão estará registrada sob um dos verbos apenas: o mais recorrente.

Acreditamos que incluir as expressões por meio de todos os verbos possíveis e, portanto, em diferentes letras, acaba inchando desnecessariamente a obra, por isso, um estudo estatístico, e/ou conversas e entrevistas com falantes nativos podem ajudar o lexicógrafo a lematizar a forma mais usual. Para facilitar pode-se, ainda, criar uma lista, ao final da obra, com todas as expressões que apresentam mais de uma forma em ordem alfabética e, mediante um sistema de remissivas, indicar ao consulente a forma mais recorrente, por meio da qual ele encontrará o equivalente.

<p>[...]  <b>chegar a brasa à sua sardinha:</b> v. <i>puxar a brasa para sardinha</i>          [...]  <b>chutar o balde:</b> v. <i>chutar o pau da barraca</i>          [...]  <b>jogar lenha na fogueira:</b> v. <i>colocar lenha na fogueira</i>          [...]  <b>pôr lenha na fogueira:</b> v. <i>colocar lenha na fogueira</i></p>
--

Quadro 7: Exemplo do sistema de remissivas

No caso de expressões como “cair como uma luva” e “vir a calhar”, consideradas sinônimas – como demonstra a pesquisa feita por Matias (2008, p. 63): “cair como uma luva” e “vir a calhar” representam a realização de uma necessidade em momento oportuno, podendo ser consideradas UFs sinônimas” –, por serem expressões totalmente diferentes na sua forma e até mesmo devido ao fato de a primeira ser utilizada em situações mais informais, deverão aparecer em verbetes separados, podendo receber uma marcação que remeta uma a outra.

<p>CAIR COMO UMA LUVA</p> <p><b>sentar como un guante</b> <i>prnl</i>  <b>quedar como un guante</b> <i>prnl</i></p> <p><u>Considerações:</u>  <b>1.</b> Ver expressão <i>vir a calhar</i> (menos informal).</p> <p><u>Contextos:</u>  <b>1.</b> <i>Schumacher tendrá al fin un coche que <b>le sienta como un guante.</b></i> (<a href="http://www.soytuauto.com.ar/noticias.php?id_noticia">www.soytuauto.com.ar/noticias.php?id_noticia</a>) <b>2.</b> <i>Asegúrate de que es una base de maquillaje de que <b>te sienta como un guante.</b></i> (<a href="http://maquillajedeojos.org/maquillaje">http://maquillajedeojos.org/maquillaje</a>) <b>3.</b> <i>Su nombre Satanico Pandmonium <b>le queda como un guante.</b></i> (<a href="http://www.diariotwilight.com/nuevo-wallpaper/kmlmkljm/">www.diariotwilight.com/nuevo-wallpaper/kmlmkljm/</a>). <b>4.</b> <i>Es un vestido magnífico y <b>me queda como un guante.</b></i> (<a href="http://www.celcit.org.ar/bajar_archivo.php?">www.celcit.org.ar/bajar_archivo.php?</a>).</p>
--

Figura 2: Exemplo de verbete para a expressão *cair como uma luva*

Vale a pena lembrar que os estudos sobre frequência nos auxiliam muito tanto na hora de selecionarmos as expressões, como na hora de definirmos a unidade mais usual ao nos depararmos com variantes ou variações<sup>125</sup>, mas ela não deve ser o único critério adotado, devemos considerar, ainda, outros elementos como a relevância da unidade para

<sup>125</sup> Fazemos a diferenciação de variantes e variações nos termos de Zuluaga (1975): **variações** são as modificações e transformações que os fraseologismos apresentam, como *ser un culo/culillo de mal asiento*; *metedura de pata/meter la pata*; já os **fraseologismos variantes** diferem-se de simples derivações, já que são unidades distintas e independentes, embora façam parte de uma mesma língua funcional, não apresentem significados diferentes, e sejam parecidos em sua estrutura e em seus componentes, como *todo queda en casa* e *todo queda en familia*.

o idioma e para o público alvo, o valor semântico da expressão, sua função discursiva etc. Além do mais, embora tenhamos apresentado o estudo da frequência por meio do buscador *Google*, a fim de exemplificar o papel da pesquisa quantitativa, é necessário que se faça um estudo bastante detalhado sobre a frequência de uso das unidades por meio de pesquisa em *corpora* que tragam textos variados, de diversos gêneros, e que circulem em diferentes meios de divulgação, para que, posteriormente, seja possível determinar o quão usual são as expressões.

Para melhor delimitarmos as locuções verbais e definirmos sua inserção na macroestrutura de nosso dicionário, buscaremos soluções para os obstáculos elencados por Wotjak (2007), já apresentados no capítulo 4, os quais os lexicógrafos costumam enfrentar na hora de lematizar uma fraseologia:

**- Inclusão de elementos alheios à forma canônica da locução:**

Wotjak considera que, de modo geral, há uma dificuldade em se precisar quando alguns verbos fazem efetivamente parte de algumas expressões como nos casos a seguir: *costar (una cosa) un ojo de la cara; dormir como un lirón; andar a gatas*; e se eles devem, portanto, ser lematizados como elemento integrante da unidade. No entanto, para nós não restam dúvidas. Já definimos, no primeiro capítulo, nosso objeto de estudo: são expressões de uma língua constituídas por uma combinação estável de duas ou mais palavras, que apresentam um sentido não literal, e por isso metafórico, compreendido pelo significado global da combinação, formadas por **um ou mais núcleos verbais**, que podem receber um complemento e/ou vir acompanhados de pronomes. Isso significa que consideraremos as locuções a partir de suas relações com verbos. Além do mais, as expressões citadas anteriormente costumam aparecer em contextos acompanhadas dos mesmos verbos, por mais que o conteúdo idiomático não esteja restringido a eles.

Ademais, para o leitor, não ficaria claro como ele deve usar uma expressão se não lhe fosse informado o verbo que a acompanha. Se lhe fosse apresentado apenas a parte figurada (*ojo de la cara; como un lirón; a gatas*) como ele depreenderia que com a primeira deve usar o verbo “costar” e no “valer”, por exemplo, e que com as outras deve utilizar os verbos “dormir” e “andar”, respectivamente, se isso não lhe fosse apresentado

como parte da expressão? Consideramos, então, que as expressões devem ser registradas junto aos verbos com os quais costumam aparecer, figurando como uma locução verbal.

Apesar de algumas expressões admitirem a inclusão de outros elementos na sua estrutura<sup>126</sup>, não consideramos necessário que estas informações constem na macroestrutura do nosso dicionário, pois, como nossa obra pretende apresentar uma direção ativa, ou seja, partir da língua nativa do consulente – o português – para a língua estrangeira que se aprende – o espanhol –, não há necessidade de se indicar nas expressões portuguesas lematizadas as informações gramaticais quanto à regência dos verbos, e/ou complementos das unidades, como *abrir mão de* ou *dar uma mão (a alguém)*, já que o objetivo do usuário não é reconhecer, identificar ou saber usar corretamente as expressões do português, mas sim seus equivalentes em espanhol. Além disso, o consulente brasileiro conhece como sua língua se estrutura sintaticamente, ele não precisa dessas informações. Em contrapartida, os equivalentes em espanhol deverão trazer, primordialmente, essas informações para que o usuário saiba utilizar corretamente a expressão estrangeira, tanto no que diz respeito ao nível semântico e pragmático, quanto ao nível sintático. Portanto, reveremos esta questão quando tratarmos da microestrutura do dicionário.

**- Presença de elementos que se registram, às vezes, como obrigatório, outras vezes, como facultativo:**

A presença da partícula “não” influencia na localização das locuções verbais na macroestrutura de uma obra lexicográfica. Concordamos com Wotjak que o registro desse tipo de expressões na sua versão negativa é arbitrário e optamos por registrar as locuções verbais na forma afirmativa mesmo quando elas admitirem apenas a forma negativa. É o caso da locução do português *dar bola*, que embora seja mais frequente na forma negativa *não dar bola*, deve ser registrada na sua forma afirmativa, e na microestrutura do verbete deve ser explicado ou informado ao consulente que esta expressão costuma ser usada com um conceito de negação.

---

<sup>126</sup> Como nos casos já apresentados no capítulo 5:  *echar mano de*;  *darle vueltas la cabeza*.

DAR BOLA

*Arg. dar bola/bolilla*  
*Urg. dar bola/bolilla*  
**dar pelota**

Considerações:

1. Mais utilizadas em construções negativas representadas por palavras como **no, sin, nadie, jamás**, entre outras.
2. Costumam ter como complemento a preposição *a* seguida de informação de pessoa ou coisa (*a alguien/ a algo*); no entanto, essa informação pode aparecer apenas expressada pelo pronome de pessoa.

Contextos: 1. ¡Yo *te* voy a **dar bola**, pero vos cuidame y mimame! (<http://www.mundoaftermarket.com/?> Como negociar con los proveedores) 2. Te propongo **no dar bola a** aquellos que sólo dicen chaturas. ([comunidad.rock.com.ar/forum/.../chau-spinitis-a-tus-pedidos](http://comunidad.rock.com.ar/forum/.../chau-spinitis-a-tus-pedidos)) 3. Seguramente **nadie me va a dar bola**. ([casivaagustin.com.ar/?p=281](http://casivaagustin.com.ar/?p=281)) 4. El periodismo sigue **sin darnos bola**. ([www.velezsarsfield.net/.../marisa.../del-abismo-a-la-euforia/](http://www.velezsarsfield.net/.../marisa.../del-abismo-a-la-euforia/))

Figura 3: Exemplo de verbete para a expressão *dar bola*

Como podemos notar, a negação não aparece apenas por meio da partícula “no”, ela é representada por outras palavras de valor negativo (*nadie, nunca, sin, tampoco, parece imposible*, etc.). Mais uma vez, isso nos faz crer que o mais adequado a se fazer é registrar a expressão na forma afirmativa e trazer informações quanto ao conteúdo negativo das expressões, ainda que a expressão seja utilizada apenas na forma negativa e nunca com o conteúdo afirmativo, como é o caso das expressões *não ter papas na língua; não tirar os olhos*, haja vista que essas expressões são usadas com outras palavras de conteúdo negativo:

“Essa menina **jamais** teve papas na língua”.

“Aqui em casa **ninguém** tem papas na língua”.

“**Como se pudesse** tirar os olhos de você”.

“**Sem** tirar os olhos de mim, seguiu seu caminho”.

Outra alternativa que existe para o tratamento das fraseologias com conteúdo negativo na prática lexicográfica, como afirma Wotjak, é a utilização dos parênteses para informar a presença da negação nessas expressões, do mesmo modo que se usa esse símbolo para indicar elementos opcionais da unidade. No entanto, consideramos que essa prática ainda não é satisfatória e não observa todas as características das expressões que trazem elementos de negação.

Novamente ressaltamos que as escolhas do lexicógrafo devem ser bem esclarecidas no prólogo do dicionário para que o usuário saiba que, embora pretenda utilizar uma locução do espanhol na negação, ele deve buscá-la pela sua forma afirmativa e dentro do artigo encontrará a opção da negação.

Para o problema do registro de unidades fraseológicas com a partícula “se”, deve-se proceder com muito cuidado, já que, muitas vezes, ela pode ser facultativa. O autor cita muitos exemplos em espanhol, entre eles a expressão *batir el cobre*, na qual o uso da partícula “se” é opcional, como comprovam exemplos da literatura:

- *Y mientras tanto, tú y yo batiendo el cobre. ¿No seremos del género imbécil?* (1981: Zaragoza, Cristóbal, *Y Dios en la última playa*, ESPAÑA, 07. Novela)

- *Croissier tenía, además, que batirse el cobre contra los que [...] trataban de instrumentalizar políticamente la operación contra él.* (1988: Cacho Cortés, Jesús, *Asalto al poder. La revolución de Mario Conde*, ESPAÑA, 03. Negocios).

Segundo Wotjak, nos dois casos a expressão está sendo usada com o mesmo sentido: o de “esforçar-se muito para conseguir alguma coisa”, o que comprova que o uso do “se”, nesse caso, é facultativo. Tanto poderia figurar no primeiro exemplo, como poderia ser omitido no segundo. Essa variação fraseológica comprova, mais uma vez, a existência de graus de fixação e a dificuldade de se incluir de modo eficiente esse léxico em obras lexicográficas.

Como nosso dicionário pretende partir da língua portuguesa para o espanhol, com objetivo de produção em LE, devemos refletir sobre a questão acima suscitada por Wotjak a partir do português, já que serão as expressões desse idioma que figurarão na macroestrutura do dicionário e serão o ponto de partida da busca. A problemática levantada pelo autor não é motivo para muitas divergências na língua portuguesa, já que é difícil encontrar locuções que usam o pronome reflexivo “se” no seu lema.

Para ilustrar o caso de locuções do português que permitem a presença do pronome “se”, e a fim de apresentar a nossa solução de lematização para essas unidades, pensemos no exemplo da expressão BATER DE FRENTE, no sentido idiomático de “enfrentar, confrontar, deparar-se”, que, embora menos usual, pode aparecer na companhia do pronome – BATER-SE DE FRENTE, sem que haja mudança de significado, como exemplificam as frases retiradas de sites e artigos publicados na internet:

- *Acredito que muitos de nós, se não todos, já **batemos de frente** com aquele ‘job’ em que olhamos e simplesmente pensamos: “Por onde é que vou começar?”* ([http://imasters.uol.com.br/artigo/5131/teoria/organizacao\\_do\\_processo\\_criativo/](http://imasters.uol.com.br/artigo/5131/teoria/organizacao_do_processo_criativo/))
- *Além do fato desses músicos, normalmente, não se preparem para a música brasileira, **batemos de frente** com a questão da quantidade de músicos necessários...* ([www.auditorioibirapuera.com.br/escola\\_orquestra.aspx](http://www.auditorioibirapuera.com.br/escola_orquestra.aspx))
- *Se o surfista (ou gestor) se basear apenas em dados, vai **bater-se de frente** com a concorrência.* ([portal-gestao.com/.../1681-o-surf-e-a-estrategia-empresarial.html](http://portal-gestao.com/.../1681-o-surf-e-a-estrategia-empresarial.html))
- *Para nós que guardamos a sagrada ingenuidade dos que creem na excelência dos princípios, da ética e **nos batemos de frente** com o realismo maquiavélico...* ([http://www.cidadedaluz.com.br/site/medrado/atarde\\_full.php](http://www.cidadedaluz.com.br/site/medrado/atarde_full.php))

Os exemplos apresentados comprovam que em português também há casos de expressões em que a presença do pronome reflexivo “se” é facultativa, embora esses casos sejam bem menos frequentes do que no espanhol. No entanto, como o consulente brasileiro conhece sua língua nativa, nosso objetivo não é apresentar-lhe como as locuções verbais do português se comportam, mas sim partir delas para chegar ao

equivalente espanhol, e sobre esse o consulente deve receber todas as informações referentes à sintaxe, gramática e uso da expressão, visando uma produção adequada. Tendo em vista essas justificativas, achamos por bem que as expressões do português que apresentarem a possibilidade de incluir ou não o pronome “se” sem prejuízo do significado da unidade, como é o caso da expressão citada anteriormente, deverão ser lematizadas sem o “se” – haja vista que o consulente, falante nativo do português, sabe da possibilidade de usar o pronome e tem autonomia para fazê-lo. Entretanto, assim como no caso das unidades negativas, na **microestrutura** as informações sobre uso obrigatório ou facultativo do “se” nas expressões espanholas devem estar bem indicadas.

Por outro lado, quando se tratar de uma unidade do português que exija a presença do pronome “se”, como é o caso das expressões *matar-se de rir* (*me matei de rir daquela situação*) e *morder-se de inveja* (*ele se mordeu de inveja de mim*), optaremos por indicar a obrigatoriedade do “se”, já que nesse caso ele contribui para a significação da unidade. Indicaremos o pronome por meio da marcação *prnl* logo após cada unidade, tanto na expressão do português, quanto nas expressões do espanhol (não optamos por indicar a sigla uma vez só para todos os equivalentes considerando que pode haver algum equivalente que não o exija). Devemos levar em conta, ainda, que a expressão pode aparecer com outras formas pronominais que não o “se” – *eu me mordo de ciúmes; nós nos mordemos de ciúmes*; etc. – o que não faz do “se” o único pronome possível e nem o único a ser lematizado:

MORDER DE INVEJA **prnl**

**comer las uñas de envidia prnl**

**comer de envidia prnl**

**morder de envidia prnl**

Considerações:

1. Os falantes do espanhol costumam expressar o conceito acima por meio de expressões literais: *sentir mucha envidia*.

2. A expressão pode vir seguida do adjetivo espanhol “sana” quando se tratar de uma inveja “boa”.

Contextos: 1. *Cada vez que veo tu firma **me** como las uñas de envidia (pero sana).* ([www.vagclub.com/forum/showthread.php?](http://www.vagclub.com/forum/showthread.php?)). 2. *Para mí, la gente que perdió la votación **se** come de envidia.* ([stopthedrugwar.org/.../ordenanzas\\_despenalizacion\\_marihuana\\_massachusetts](http://stopthedrugwar.org/.../ordenanzas_despenalizacion_marihuana_massachusetts)) 3. *Yo como atlético **me** muerto de envidia, pero me alegra mucho poder ver jugar a esta maravilla de jugador.* ([www.marca.com/2009/08/27/futbol/.../1251394559.html](http://www.marca.com/2009/08/27/futbol/.../1251394559.html)).

Figura 4: Exemplo de verbete para a expressão *morder-se de inveja*

Não é fácil delimitar as fraseologias para inseri-las em dicionários, principalmente quando elas devem figurar na macroestrutura da obra e ser o ponto de partida da pesquisa. Deve-se buscar ser o mais coerente na proposta do registro e das demais informações, a fim de que a obra seja, efetivamente, satisfatória às dúvidas do consulente. No entanto, sabemos que, para chegar-se à uniformidade, o trabalho deve ser árduo.

Portanto, diante da complexidade da tarefa de lematização de fraseologias, vemos o quanto é necessário repensar teorias, estratégias e metodologias para o tratamento desse fenômeno em obras lexicográficas. Os casos levantados aqui comprovam a existência da variação fraseológica, visto que essas unidades consideradas fixas podem modificar-se no discurso e, por isso, são tão complexas, o que implica na necessidade de se aprofundar os estudos em Fraseologia e de se refletir acerca dessas expressões tão idiomáticas dentro e fora de dicionários.

### **6.3 A microestrutura do dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais português/espanhol**

Para o dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais, propomos uma microestrutura que dê conta das dúvidas que possam surgir na hora da produção de uma expressão idiomática; por isso, sugerimos que seja nessa parte do dicionário que se ofereça informações acerca da forma da locução (informações sintáticas e morfológicas) e acerca de seu uso (exemplos, informações adicionais). Contudo, todas essas informações devem referir-se ao equivalente da língua espanhola, já que o usuário brasileiro não tem dúvida quanto ao uso da expressão brasileira. É a microestrutura da obra, portanto, que deverá conter uma maior quantidade de informações; é sobre o uso da locução espanhola que surgirão as dúvidas. Dessa forma, temos como proposta uma microestrutura densa, que apresente comentário de forma (sintaxe e morfologia das expressões) e comentário semântico (informações quanto ao uso da expressão).

Não será necessário apresentar uma definição das locuções portuguesas, porque o usuário já conhece o significado delas na sua língua, o que ele deseja é encontrar equivalentes da locução portuguesa na língua estrangeira, por exemplo: para a expressão do português *puxar o saco*, deseja saber o equivalente em espanhol *chupar las medias*. O consulente não está em busca de uma definição ou do significado da locução, pois sua tarefa não é a compreensão, mas sim a produção na LE de uma expressão que ele já conhece na sua língua. O equivalente, nesse caso, é a informação da qual ele precisa, podendo-se fornecer, ainda, informações gramaticais, pragmáticas, exemplos que o ajudem a utilizar a locução estrangeira de forma adequada. Podemos evidenciar, enfim, que o que definirá as informações da microestrutura, assim como as da macroestrutura, é a definição do usuário e a finalidade da obra, critérios essenciais para construção de um dicionário.

### 6.3.1 Os equivalentes

A principal informação que deverá conter a microestrutura do nosso dicionário de locuções são os equivalentes da locução em espanhol. Sobre essa informação é que se encontra a nossa principal preocupação. Devemos organizar o dicionário e as informações em torno dos equivalentes. Assim, a primeira questão a se discutir diz respeito à maior dificuldade ao construir-se uma obra lexicográfica: encontrar o melhor equivalente, a expressão que diga a mesma coisa que a locução brasileira com uma estrutura, de preferência, semelhante. E para isso, precisamos levar em conta o fenômeno do anisomorfismo, o qual apresentamos no terceiro capítulo.

Levando-se em consideração que as línguas são anisomórficas por natureza, assumimos a postura de que nem sempre será possível encontrar equivalentes para as expressões da língua portuguesa. Devemos ter consciência de que as línguas se organizam sintática, morfológica, fonética e pragmaticamente de modo diferente, devido a questões linguísticas, mas também sociais, culturais e históricas. Por isso, ainda que encontremos uma solução para uma locução do português em espanhol, por vezes, o equivalente pode não ser perfeito, trazendo apenas traços semânticos próximos ou uma mesma intenção discursiva, como é o caso de *a vaca foi pro brejo* e o equivalente em espanhol (*algo*) *ir al traste*.

Há casos em que não encontramos uma expressão idiomática na língua alvo, que possa trazer o mesmo conceito da expressão da língua de partida. Por essa razão, é preciso gerar uma definição, ou uma paráfrase da unidade, que literalmente possa expressar o mesmo conteúdo idiomático na outra língua.

ESTAR COM A BOLA TODA

(form) **tener mucho prestigio**

Considerações: Não há uma expressão figurada no espanhol que corresponda à expressão coloquial do português *estar com a bola toda*, por isso ela pode ser substituída pela expressão *tener mucho prestigio* que expressa o mesmo sentido, mas de forma literal. No entanto, o equivalente em espanhol é usado em contextos menos coloquiais do que a expressão do português.

Contextos: 1. *El conferencista **tiene mucho prestigio** pero es aburrido.* ([www.forodeseguridad.com/artic/discipl/4074.htm](http://www.forodeseguridad.com/artic/discipl/4074.htm)) 2. *Si tenés sensualidad, irradias alegría o **tenés mucho prestigio** en tu actividad profesional.* ([www.tarotmagiablanca.com/.../para-conquistar-a-un-leonino-a-t1729.htm](http://www.tarotmagiablanca.com/.../para-conquistar-a-un-leonino-a-t1729.htm))

Figura 5: Exemplo de verbete para a expressão *estar com a bola toda*

Após definir nossa posição diante de problemas de assimetria das línguas, temos de definir como será feita a coleta e a seleção dos equivalentes em língua espanhola. Assim, da mesma maneira como sugerimos na seleção das locuções do português, a coleta das locuções equivalentes deve ser feita por meio de análise em *corpora*, pesquisas em dicionários bilíngues português-espanhol e monolíngues do espanhol, em revistas, jornais, textos, na *internet* e, acima de tudo, por meio de entrevistas com falantes nativos. É essencial que o autor tenha contato com os falantes do idioma e com seus costumes, que possa coletar expressões usuais por meio de conversas e que, mediante a apropriação de sua cultura, possa coletar dados reais da comunidade linguística.

Depois da coleta, devem ser feitas averiguações quanto à frequência das unidades. Para apresentar nossa proposta por meio de exemplos, estamos utilizando o *Google*, mas a tarefa do lexicógrafo que constrói um dicionário como esse, ou qualquer outro, deve ser bem mais complexa e completa, com pesquisas, construção de *corpora* mais adequados ao estudo e ferramentas específicas para coleta e verificação de frequência de

fraseologias, como é o caso da ferramenta *AntConc*<sup>127</sup> – programa para extração e seleção de dados em *corpora*, *software* que facilita a análise de palavras e de suas relações com outras palavras.

### 6.3.2 A marcação lexicográfica dos equivalentes

Segundo Wotjak, a marcação lexicográfica pode ter duas concepções:

1. concepção estreita: se refere às restrições de uso que sofrem as unidades e trata-se de marcação diacrônica, diatópica, diafásica, diastrática, técnica, entre outras;
2. concepção ampla: abrange, além das marcações citadas acima, referências a aspectos gramaticais.

Diante das concepções apresentadas, optamos por trabalhar com a concepção ampla de marcação lexicográfica, haja vista que, além de marcas de uso, consideramos importante apresentarmos informações acerca de aspectos gramaticais das unidades, como estrutura sintática, entre outras, para a sua produção. No entanto, não será necessário adotar muitas abreviaturas para marcas gramaticais, pois as informações acerca dessas questões serão apresentadas à parte, em um bloco dedicado somente a elas, sob o título de *considerações*. Além disso, todas as locuções que serão apresentadas pela obra pertencerão a uma mesma marcação: *loc v.* (locução verbal). Assim, para o dicionário que propomos deverá ser utilizada como marca gramatical apenas a abreviatura *prnl*, que diz respeito à necessidade de uso de pronome reflexivo, já que este não será registrado na estrutura da expressão como já foi explicado anteriormente.

As marcações podem ter grande relevância em um dicionário quando realmente ajudam o consulente a produzir corretamente na língua estrangeira, ou seja, quando esclarecem questões acerca da sintaxe e morfologia da locução e de seu efetivo uso no discurso. No entanto, essas informações parecem não ser muito eficazes na maioria das vezes, já que, na verdade, não se esclarece ao consulente o que são as abreviaturas que figurarão no dicionário.

---

<sup>127</sup> *Software* disponível em: [http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc\\_index.html](http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html).

...na maioria dos casos, não se costuma explicar as abreviaturas que aparecem nos dicionários. Isto é, os autores das obras lexicográficas se limitam a apresentar na tabela ou lista de abreviaturas, a abreviatura e a forma sem abreviar a que representa, porém, em raras ocasiões, esclarecem seu significado. (WOTJAK, 2007, p. 204)<sup>128</sup>

Entendemos que todas as decisões que são tomadas pelo lexicógrafo devem ser informadas ao consulente. Dessa forma, informações quanto às marcações utilizadas – como significado das abreviaturas, o lugar onde elas figurarão, etc. – devem ser bem esclarecidas ao usuário, antes de tudo.

A seguir, apresentaremos algumas marcações lexicográficas que deverão ser utilizadas no dicionário de locuções verbais que propormos aqui. Buscaremos explicar seu significado, este que deverá ser esclarecido na introdução da obra.

#### 6.3.2.1. *Marcação gramatical*

Primeiramente é importante reafirmar que não há a necessidade de se utilizar a marcação *loc verb* no dicionário que propomos, já que se trata de uma obra que pretende trabalhar somente com esse tipo de unidade; assim, os usuários que fizerem uso desse instrumento já saberão que encontrarão apenas locuções verbais no dicionário.

Considerando que, muitas vezes, a grande quantidade de abreviaturas apresentadas pelas obras lexicográficas confundem o usuário ao invés de fornecer informações esclarecedoras, e tendo em vista que acaba sendo cansativo para o usuário tentar entender o sistema de marcação da obra, acreditamos que um dicionário que objetiva fornecer instrumentos para que o consulente utilize adequadamente expressões

---

<sup>128</sup> Original: “en la mayoría de los casos, no se suelen explicar las abreviaturas que aparecen en los diccionarios. Es decir, los autores de las obras lexicográfica se limitan a presentar en la tabla o lista de abreviaturas, la abreviatura y la forma sin abreviar a la que representa, pero, en raras ocasiones, aclaran su significado”.

idiomáticas de uma LE<sup>129</sup> deve apresentar informações mais desenvolvidas sobre o uso gramatical das expressões e não somente abreviaturas. Propomos, portanto, que o dicionário de locuções verbais, com vistas à produção, apresente explicações quanto à sintaxe, à regência, à estrutura das unidades – as quais o lexicógrafo julgar necessárias para a produção da expressão – em um item dedicado a *considerações* importantes, no lugar de tentar oferecer todas as informações por meio de abreviaturas inteligíveis ao consultante que, por vezes, desconhece a terminologia da Lexicografia<sup>130</sup>.

<p>DAR BRAÇO A TORCER  <b>dar brazo a torcer</b></p> <p><u>Considerações:</u></p> <p>1. Depois do verbo, normalmente, usa-se um pronome possessivo ou o artigo masculino “el”.</p> <p>2. Mais utilizada em construções negativas representadas por palavras como <b>no, sin, nadie, jamás</b>, entre outras.</p> <p><u>Contextos:</u></p> <p>1. <i>El sindicato que nuclea a los choferes de taxis “no dará el brazo a torcer”</i> (<a href="http://www.eldiariocba.com.ar/noticias/nota.asp?nid=27612">www.eldiariocba.com.ar/noticias/nota.asp?nid=27612</a>).</p> <p>2. <i>Juan sentía fascinación por el dobermann y no dio su brazo a torcer hasta que nos convenció.</i> (<a href="http://www.dobermann.com.uy/nosotros.htm">www.dobermann.com.uy/nosotros.htm</a>)</p> <p>3. <i>Cada uno seguía en su sitio sin dar el brazo a torcer.</i> (<a href="http://odyseo.zonalibre.org/archives/046642.html">odyseo.zonalibre.org/archives/046642.html</a>).</p>
---

Figura 6: Exemplo de verbete para a expressão *dar brazo a torcer*.

Como já foi dito, anteriormente, a abreviatura para indicação gramatical que julgamos importantes tanto para unidades da macro como da microestrutura é a que informará sobre o uso reflexivo da expressão para que o consultante saiba que a unidade deve ser usada obrigatoriamente com o pronome reflexivo<sup>131</sup>. Explicar a necessidade do

<sup>129</sup> Entendemos que utilizar adequadamente expressões idiomáticas significa ser capaz de usá-las em contextos adequados e respeitando sua estrutura sintática.

<sup>130</sup> Lembrando que o sistema de abreviaturas costuma não ser explicado ao consultante nas páginas introdutórias do dicionário.

<sup>131</sup> Vale lembrar que esta abreviatura só será apresentada quando o uso do pronome reflexivo for realmente obrigatório, como no caso de *morder-se de inveja* (*comerse las uñas de envidia*), quando ele for facultativo, como no caso de *batirse el cobre* deve ser informado ao consultante na parte dedicada a considerações.

uso do pronome, sempre que ele for obrigatório, acaba inchando desnecessariamente o dicionário, uma vez que a abreviatura *prml* pode informar sobre a obrigatoriedade do uso da partícula “se”. Entretanto, como já afirmamos em outros momentos, essa solução encontrada pelo lexicógrafo deve ser exposta ao usuário na introdução da obra, juntamente com o significado da abreviatura.

As demais informações gramaticais devem ser fornecidas na parte dedicada a explicações e considerações sobre as unidades; assim, nenhuma locução receberá, na sua estrutura, entre parênteses ou como parte do lema, qualquer indicação gramatical quanto à necessidade de complementos, de uso de preposição, de regência da unidade, como costuma ser feito nas obras lexicográficas:

Santillana, 2008 :

**mão.** *f.* [...] **Ter (alguém) nas mãos.** Tener (a alguien) en el bolsillo.

Dicionário online Wordreference:

nariz [na'riθ] *f*

2. *Loc.* ♦ **darse de narices con alguien** *fig & fam* dar de cara **com alguém.**

DRAE:

**mano**

**echar una ~ a.**

1. *loc. verb.* Ayudar a la ejecución de algo.
2. *loc. verb.* Ayudar a alguien.

No dicionário que idealizamos podemos dedicar espaço para explicar melhor a necessidade desses elementos grifados acima, mostrando, por meio de explicações e exemplos, que nem sempre eles serão imprescindíveis, ou aparecerão. Alguns exemplos arrolados pelo dicionário *Señas* (2002) demonstram que a presença dos elementos apresentados junto às unidades nos exemplos acima nem sempre será obrigatória ou aparecerá do modo como as obras registram:

- **la tengo en el bolsillo** (Señas, 2002) – o complemento pode aparecer na forma de pronome, ou seja, a expressão nem sempre aparecerá em uma estrutura como *tengo a mí*

*mamá en el bolsillo*. O *Santillana* não esclarece isso ao consulente brasileiro que pretende produzir na língua espanhola.

- *como nunca mira hacia delante, se dio de narices contra la farola*. (Señas, 2002) - o complemento aqui é *contra algo* e não *con alguien*, como afirma o *Wordreference*, que inclusive lematiza esse complemento como parte da locução.
- *si tienes que mudarte de casa, yo te echaré una mano*. (Señas, 2002) – nessa frase arrolada pelo dicionário *Señas* não há o uso da preposição “a” como sugere o DRAE.

Assim, a lematização desses elementos, os quais Wotjak chama de *elementos do contorno*, junto às unidades nos faz crer que as expressões sempre exigirão esses complementos, ou que a estrutura sintática aparecerá sempre na sequência em que o dicionário a lematizou (*tener (a alguien) en el bolsillo*). Para evitar equívocos, optamos por lematizar a locução do espanhol sem registrar, na sua estrutura, as informações gramaticais quanto à regência, complementos, possibilidade de adição de palavras<sup>132</sup>, etc. Essas questões devem ser esclarecidas na parte destinada às considerações, a fim de não dar margens a interpretações errôneas sobre a estrutura sintática e o uso das expressões.

---

<sup>132</sup> Como é o caso da expressão *hechar leña a la hoguera* que aceita a inclusão de advérbios: *Destituir al presidente Alarcón sería echar más leña a la hoguera que incendia al Ecuador*. (edant.clarin.com/diario/1998/05/02/i-03901d.htm). Essa possibilidade, assim como a possibilidade de inclusão de outros advérbios (*mucha; poca; bastante...*) deve ser informada na parte destinada às considerações.

<p>DAR UMA MÃO</p> <p><b>echar una mano</b></p> <p><u>Considerações:</u> <b>1.</b> Costuma ter como complemento a preposição <i>a</i> seguida de informação de pessoa (<i>a alguien</i>); no entanto, essa informação pode aparecer antes expressada por pronome pessoal.</p> <p><u>Contextos:</u> <b>1.</b> <i>Si alguno tiene un ratito y me echa una mano, se lo agradecería.</i> (www.ucontrol.com.ar). <b>2.</b> <i>Ludwick le echó una mano a Carpenter.</i> (www.liderendeportes.com/DetalleBeisbol.aspx) <b>3.</b> <i>¿Alguien me puede echar una mano con Física?</i> (http://ar.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100807113348AAKslH7).</p>
--

Figura 7: Exemplo de verbete para a expressão *dar uma mão*.

#### 6.3.2.2. Marcação diassistêmica

Além de explicações quanto ao conteúdo gramatical das unidades (inclusão de elementos, presença do pronome reflexivo ou de complementos e preposições, etc.), o dicionário deve oferecer, ainda, indicações acerca do uso das unidades, que ilustrem o seu conteúdo formal, coloquial, pejorativo, etc., ou seja, indicações que orientem o usuário quanto ao valor dado pelos falantes às unidades no discurso. As marcações diassistêmicas “servem para indicar, no dicionário, as unidades léxicas que apresentam um “desvio” (temporal, espacial, social, etc.) em seus contextos de aplicação em relação às unidades léxicas consideradas neutras” (FARIAS, 2009, p. 154).

Considerando que um dicionário fraseológico deve trazer marcas de uso das unidades registradas, sobretudo quando pretende auxiliar o consulente na sua tarefa de produção linguística, apresentaremos, a seguir, um quadro com as marcas que serão úteis ao usuário e que, portanto, deverão aparecer junto às locuções verbais lematizadas. É importante perceber, entretanto, que oferecer uma exaustiva lista de marcas de uso no dicionário não seria realmente eficiente à proposta, considerando que o público alvo são aprendizes de uma língua estrangeira e não especialistas em linguística. Além disso, até mesmo para usuários mais experientes, torna-se complicado estabelecer as diferenças entre as marcas *informal*, *coloquial* e *familiar*, por exemplo. A nossa proposta procurará

simplificar o sistema de marcações diassistêmicas comumente utilizadas em obras lexicográficas, a fim de deixá-las mais claras ao consulente e apresentar uma finalidade, realmente, pedagógica.

Para um sistema de marcações eficiente, o lexicógrafo já deve ter refletido, antes de tudo, acerca da pertinência do registro de algumas unidades marcadas diassistematicamente. As dificuldades que encontrará ao tentar arrolar as marcações diassistêmicas pertinentes ao vocabulário selecionado serão as mesmas encontradas no momento de decidir que tipo de unidades deverá compor a macroestrutura do dicionário. Dessa forma, uma vez que optamos por não registrar unidades em desuso no dicionário de locuções verbais (lembramos que o dicionário apresenta uma perspectiva sincrônica), não haverá a necessidade de apresentar a marcação *desus*. Igualmente, não será preciso utilizar a marca *inf* (informal) ou *fig* (figurado), uma vez que as unidades registradas no dicionário apresentarão esses dois traços, por tratar-se de locuções verbais, isto é, expressões idiomáticas (figuradas), típicas da linguagem informal. Por conseqüência, a marcação *form* será essencial para indicar quando uma locução é utilizada em um contexto mais formal.

Considerando as características do dicionário, fica mais fácil propor as marcas de uso que realmente auxiliarão o consulente no momento de sua produção. Não obstante, é importantíssimo que seja feito um estudo em *corpora* e, se possível, entrevistas com falantes nativos, e seja procedida uma análise de dados para confirmar a existência da marcação em cada unidade.

Depois de avaliarmos a pertinência da presença de algumas marcas de uso, nossa proposta de sistema de marcação diassistêmica passa a ser a seguinte:

	Prática lexicográfica	Proposta de marcação simplificada	Abreviatura	Significado da marcação
marcação diacrônica	<i>raro; histórico; desuso; arcaísmo; pouco usual...</i>	Nenhuma marca, pois o dicionário pretende descrever apenas o léxico usual, em uma perspectiva sincrônica.	-	-
marcação diatópica	<i>regional; México; Argentina; Cuba; EUA; América; brasileirismo ...</i>	Como o dicionário abrange apenas o espanhol do Rio da Prata, teremos:  <i>Argentina;</i>  <i>Uruguai.</i>	<i>Ar.</i>  <i>Uru.</i>	unidades típicas de cada região, que ocorrem apenas na Argentina ou apenas no Uruguai
marcação diastrática e diafásica	<i>coloquial; familiar; popular; informal; formal; culto; literário; vulgar; pejorativo; infantil; gíria...</i> <sup>133</sup>	Como, em geral, as locuções verbais ocorrem em situações <b>informais</b> , essa marca não precisa ser informada; no entanto, quando ela possuir um traço mais formal, o consulente deve ser informado, bem como sobre marcações pejorativas:  <i>formal</i> <sup>134</sup> ; <i>depreciativo;</i> <i>vulgar.</i>	<i>Form.</i>  <i>Dep.</i>  <i>Vulg.</i>	situações formais, que exigem o domínio da língua culta.  com conteúdo ofensivo e/ou humilhante  utiliza palavras obscenas, de baixo calão

<sup>133</sup> Essas marcas, entendidas como marcas sociais, são importantíssimas para a construção de um dicionário, já que trazem informações quanto ao nível de linguagem e à situação discursiva; no entanto, é essa marcação que costuma apresentar maiores problemas de compreensão, uma vez que os limites entre *familiar; popular; informal; coloquial*; entre outras, são tênues.

<sup>134</sup> Para os casos de expressões como *tener mucho prestigio*, que não carrega o mesmo traço *informal* da expressão do português (*estar com a bola toda*), já apresentada neste capítulo.

marcação diatécnica	<i>direito;</i> <i>biologia;</i> <i>medicina;</i> <i>política;</i> <i>astrologia...</i>	Não pretendemos registrar expressões específicas de áreas de conhecimento; no entanto, sempre que houver alguma já consagrada pelo uso dos falantes, ela deverá ser registrada, juntamente com a marcação da área a que se destina <sup>135</sup> .	dependerá da área do saber a que se referirá.	pertence a algum âmbito do saber específico
---------------------	---	---	---	---

Quadro 8: Sistema de marcação diassistêmica do dicionário de locuções verbais

Diante do quadro acima, podemos notar que as marcações relevantes para o nosso dicionário são aquelas que informam quanto ao lugar onde as unidades são recorrentes (ou para que tipo de falantes – argentinos ou uruguaios); e aquelas que indicam a situação discursiva, considerando que, por vezes, podemos encontrar uma unidade equivalente a nossa do português conceitualmente, mas que, para dizer a mesma coisa, utiliza um vocabulário vulgar (*ir algo por água abaixo = irse algo a tomar por culo*) ou mais formalmente (*estar com a bola toda = tener mucho prestigio*). O usuário deve ser informado quanto a essas questões para não correr o risco de proferir uma expressão em uma situação inadequada.

Vale a pena lembrar que o valor atribuído a cada marca/abreviatura do dicionário que figurará na obra deve ser explicado ao usuário no prólogo, para que ele conheça o vocabulário e possa compreender as marcações quando essas aparecerem na unidade de busca.

Além das marcações atribuídas às unidades por meio de abreviaturas, o lexicógrafo deve utilizar a parte dedicada às considerações para esclarecer algum uso específico das expressões.

<sup>135</sup> É o caso da expressão *romper a bolsa* (ocorrer a ruptura da bolsa de águas na gestante) = *romper águas* no espanhol, que deverá receber a marcação *obstr.* (obstetrícia) para diferenciá-la da unidade não marcada (ou literal) “romper/rasgar/estragar a bolsa”.

## ESTAR DE SACO CHEIO

estar hasta las narices

estar hasta el gorro

*(vulg)* estar hasta los {cojones / los huevos}*(vulg)* estar hasta el coñoConsiderações:

1. As duas primeiras unidades têm uma maior frequência de uso entre os falantes nativos e **não apresentam o mesmo conteúdo vulgar** das duas últimas.
2. **estar hasta los cojones/los huevos** é preferencialmente usado por homens ou para homens, enquanto que **estar hasta el coño** é usado por mulheres ou para mulheres.
3. Geralmente exige a preposição **de** antes de seu complemento.

Contextos: 1. *Los productores estaban **hasta las narices** de él y de sus súbitos cambios de ánimo.* ([www.psicomundo.org/freud/film.htm](http://www.psicomundo.org/freud/film.htm)) 2. *Es que he tenido dos hermanos Tauro y **estoy hasta el gorro** de ellos.* (foro.astrodestino.com.ar › Astrología › Homes) 1. *De toda esa candanga ya **estoy hasta los cojones**.* (<http://cubankids.blog.terra.com.ar/>) 2. *Nuestro guitarrista y vocalista, **está hasta los huevos** de cantar.* ([HTTP://prime-time.com.ar/serie/Roswell](http://prime-time.com.ar/serie/Roswell)). 3. *Su mamá ya está **hasta el coño** de ella.* ([www.fotolog.com/vivalanegritud/23613035](http://www.fotolog.com/vivalanegritud/23613035)) 4. ***Estoy hasta el coño** de leer insultos contra Freud.* ([new.taringa.net/.../Entrevista-al-Dr\\_-Sigmund-Freud.html](http://new.taringa.net/.../Entrevista-al-Dr_-Sigmund-Freud.html)).

Figura 8: Exemplo de verbete para a expressão *estar de saco cheio*

As abreviaturas que explicitam marcações devem ser registradas no início das locuções para ter um maior alcance entre os usuários, com exceção da marca gramatical que indica o uso do pronome reflexivo (*prnl*). Além disso, quando houver a necessidade de apresentar-se mais de uma marca, devem seguir uma ordem pré-determinada de registro, procedimento que deve ser esclarecido ao usuário nas partes introdutórias da obra, juntamente com a discriminação e explicação das marcas usadas. Propomos a ordem apresentada por Haensch (1982 p. 428) para organizar as marcações diassistêmicas da seguinte maneira: geográficas (diatópicas) – níveis de estilo (diastráticas e diafásicas) – matéria ou especialidade (diatécnicas).

### 6.3.3. Forma canônica

A partir do que foi exposto acima, fica fácil pensar na forma canônica das locuções verbais do espanhol apresentadas na microestrutura. Como o lexicógrafo deve fazer todas as indicações acerca de questões gramaticais, como inclusão de complementos, preposições, partícula negativa, pronome reflexivo, etc. na parte dedicada às considerações, a locução deverá ser lematizada na sua forma canônica mais básica, aquela que apresenta apenas os elementos obrigatórios:

***dar de narices*** (e não *darse de narices con alguien*)

***dar brazo a torcer*** (e não *(no) dar el brazo a torcer*)

A primeira locução necessita do uso do pronome reflexivo, o qual pode aparecer em suas diversas formas, dependendo dos interlocutores e da situação discursiva (me, te, se, os), por isso deve haver, após a sua lematização, a informação *prnl*, e não deve ser incluído o complemento *con alguien* no seu lema, já que a expressão nem sempre vem acompanhada desse complemento (*nos dimos de narices*; *me di de narices con otra tropa de ganado*; *se dio de narices contra la farola*). De igual modo, o segundo exemplo pode aparecer ora com o artigo *el* (*dar el brazo a torcer*), ora com o possessivo (*dar su brazo a torcer*), em sentenças afirmativas ou negativas e com diferentes palavras de negação (*nadie da el brazo a torcer*; *nunca daré mi brazo a torcer*). Todas essas variações nos fazem optar pela lematização da forma mais básica da expressão e pela posterior indicação dos elementos que costumam aparecer no meio de seu lema, antes ou depois dele.

O lexicógrafo deve, portanto, considerar essas variações provocadas pelo discurso, pela interação de diferentes falantes, na hora de lematizar as locuções. Devido à variação possível, optamos por registrar as unidades na sua forma infinitiva e mais básica, e o usuário encontrará as possibilidades de inclusão de palavras, os diferentes tempos verbais em que a unidade pode aparecer, seus complementos e pronomes nas *considerações* e nos exemplos que lhe serão apresentados, os quais certamente lhe

ajudarão na hora de produzir a unidade, por serem a melhor forma de ilustrar sua estrutura e as intenções que pode adquirir no discurso.

#### 6.3.4 A variação

Conforme Wotjak, a variação é uma das características das UFs que se soma a lista de temas que carecem de pesquisa na Fraseologia espanhola. Por isso, resulta tão difícil tratar dessa questão na hora de se registrar expressões idiomáticas em obras lexicográficas.

No entanto, a variação deve ser considerada no momento do registro de unidades fraseológicas em dicionários, uma vez que os usuários devem ser informados sobre as diferentes formas de se representar um mesmo conteúdo por meio de expressões idiomáticas de uma língua: “a natureza das UF determina seu tratamento lexicográfico e, se a variação faz parte dessa natureza, deve explicar-se e ficar clara para o usuário” (Wotjak, 2007, p. 132)<sup>136</sup>. Por considerarmos que a variação é um fenômeno relevante da língua, optamos por registrar, na microestrutura, todas as formas das locuções verbais do espanhol quando elas apresentarem variação ou variante.

A parte que aceita variação deve ser registrada entre chaves ({}), onde devem figurar todas as formas possíveis separadas por uma barra (*buscar {três / cinco} pies al gato*)<sup>137</sup>. Quando se tratar de uma parte livre que dependerá do contexto, deve figurar alguma indicação que informe quanto à possibilidade de inserção de elemento livre dependendo da situação (*pasar {quantidade} noche en vela*). Nos casos em que for verificada a variação em uma parte da unidade em decorrência da existência de expressões variantes, como é o caso de *estar hasta los cojones* e *estar hasta los huevos*, as duas formas deverão ser apresentadas sob o mesmo registro e separadas por barra, sendo que deverá aparecer primeiro a forma mais usual (*estar hasta los cojones / huevos*).

<sup>136</sup> Original: “la naturaleza de las UF determina su tratamiento lexicográfico y, si la variación forma parte de esa naturaleza, debe explicarse y quedar clara para el usuario”.

<sup>137</sup> Significa, segundo Diccionario Cumbre de la Lengua Española (DCLE), tentar sempre encontrar razões ocultas no que outros fazem (*el crítico siempre está buscándole três pies al gato* = “o crítico sempre está vendo fantasmas onde não existem”).

No caso de ocorrência de expressões sinônimas, totalmente diferentes quanto ao significante, deverão ser incluídas todas as formas separadamente, no entanto, deverá ser registrado, primeiro, a unidade mais usual.

<p>CAIR NA ARMADILHA</p> <p><b>pisar el palito</b> <b>caer en la trampa</b></p> <p><u>Considerações:</u></p> <p>1. A primeira locução apresenta uma maior frequência de uso, porém a segunda também é bastante utilizada.</p> <p>2. Muitas vezes vêm acompanhadas da negação.</p> <p><u>Contextos:</u> 1. <i>Un pederasta británico <b>cayó en la trampa</b> que le tendió su propia esposa y madre de sus dos hijos al hacerse pasar en internet por una muchacha de catorce años.</i> (<a href="http://www.elpais.com/articulo/sociedad">http://www.elpais.com/articulo/sociedad</a>) 2. <i>El Estado Uruguayo debería <u>no caer en la trampa</u> de PMI.</i> (<a href="http://www.smu.org.uy/elsmu/comisiones/.../maniobra_pm_contra_uruguay.pdf">www.smu.org.uy/elsmu/comisiones/.../maniobra_pm_contra_uruguay.pdf</a>) 3. <i>Contador <b>pisó el palito</b> al depositar dinero falso.</i> (<a href="http://www.eldeber.com.bo/antiores/20030216/seguridad_4.html">http://www.eldeber.com.bo/antiores/20030216/seguridad_4.html</a>).</p>
--

Figura 9: Exemplo de verbete para a expressão *cair na armadilha*

Considerando que o dicionário pretende abarcar as unidades usuais da região do Rio da Prata, pode haver casos de variantes regionais. Nessa situação, as locuções variantes devem ser apresentadas uma abaixo da outra começando pela locução da Argentina, e devem apresentar marcações diatópicas.

## COLOCAR CHIFRE

Arg. vulg. **meter los cuernos**

Urug. vulg. **poner los cuernos**

Considerações:

1. Costumam ter como complemento a preposição *a* seguida de informação de pessoa (*a alguien*); no entanto, essa informação pode aparecer apenas expressa pelo pronome de pessoa.
2. É obrigatório o uso do dativo (pronome que indica a pessoa do objeto indireto).

Contextos: 1. *Le mete cuernos a la mujer con la vecina* (uruguay.indymedia.org/news/2002/11/7638\_comment.php) 2. *Mi señora está resentida porque le metí los cuernos.* (www.rionegro.com.ar/diario/debates/2008/.../12644.php). 3. *La chica con quien estuve cerca de un año me puso los cuernos.* (http://www.larepublica.com.uy/cultura/418820-los-horteras-de-facebook) . 4. *Un hombre le pone los cuernos a su mujer y todas las noches se lo quiere decir pero no sabe cómo.* (www.chistesmuybuenos.com).

Figura 10: Exemplo de verbete para a expressão *colocar chifre*

### 6.3.5 Considerações adicionais e exemplos

Conforme Wotjak, o tipo de dicionário, geral ou fraseológico, pode influenciar na marcação, ou seja, em um dicionário geral da língua, como se trabalha com muitas unidades e, portanto, com pouco espaço para muitas informações, é comum que o lexicógrafo opte por apresentar as informações de cada unidade por meio de abreviaturas. No entanto, quando lidamos com um vocabulário específico, como é o caso dos dicionários fraseológicos, dispomos de um maior espaço para o tratamento das unidades. Nesse caso, o dicionário pode oferecer mais explicações, optando por indicações mais discursivas, no lugar de empregar unicamente abreviaturas. Além disso, a fraseologia exige um tratamento especial por ser um fenômeno muito complexo e particular, por consequência, o consulente necessita de maiores informações quanto à estrutura e o uso das unidades fraseológicas se deseja produzir na LE.

A fim de cumprir com seu objetivo de ser uma obra que auxilie o falante da língua portuguesa a produzir, adequadamente, expressões idiomáticas da língua espanhola,

propomos que a obra apresente mais do que uma lista de abreviaturas para explicar as unidades registradas. Deve disponibilizar ferramentas capazes de elucidar o efetivo uso das unidades e esclarecer sua estrutura. Mais do que abreviaturas, o lexicógrafo deve fornecer informações que julgar necessárias – tanto gramaticais quanto pragmáticas – para a produção da expressão, por meio de explicações discursivas, em um item à parte, ao qual o usuário pode recorrer para sanar todas suas dúvidas quanto ao uso e à estrutura das unidades e que chamaremos de *considerações*.

As *considerações* devem vir logo após os equivalentes e devem abranger explicações de ordem gramatical e/ou pragmática: informações quanto à expressão mais frequentemente usada no caso de haver duas possibilidades; explicações quanto ao conteúdo pejorativo de algumas unidades, ou elementos que costumam incluir-se na sua estrutura, entre outras questões sobre as quais as marcações lexicográficas introduzidas por meio de abreviaturas não tenham dado conta. Para isso, por uma questão didática, optamos por apresentar, dentro das *considerações*, primeiro aquelas questões referentes ao conteúdo semântico das expressões e ao contexto discursivo e, depois, aquelas que se referem ao conteúdo gramatical, à sintaxe, à estrutura.

Para esclarecer ainda mais as explicações apresentadas nas *considerações* e ilustrar o uso do equivalente em espanhol, propomos que o dicionário apresente uma parte dedicada a exemplos que ilustrem as unidades dentro de discursos de falantes nativos. Ao se disponibilizar exemplos de construções frasais com as unidades, apresentam-se as expressões nos seus diferentes contextos, em tempos verbais distintos, em estruturas distintas, oferecendo um leque de possibilidades de uso de acordo com a situação discursiva. Por meio dos exemplos, o usuário pode, ainda, inferir informações quanto à estrutura sintática das expressões que não tenham ficado claras nas *considerações*.

Pode-se dizer que os exemplos, pelas funções que podem cumprir, são muito importantes no tratamento lexicográfico das UF em qualquer tipo de dicionário e, principalmente, nos que

vão dirigidos a aprendizagem da língua. (WOTJAK, 2007, p. 261)<sup>138</sup>

Cabe ressaltar que, ao optar por oferecer exemplos das unidades dentro de contextos, o lexicógrafo se depara com uma grande e complexa tarefa: a de encontrar exemplos úteis, que apresentem, conforme Wotjak, algumas funções:

a) função definitória: os exemplos devem apresentar uma capacidade definitória ao ilustrarem o sentido da unidade e funcionarem como modelos concretos de uso da expressão. O lexicógrafo deve observar a pertinência do conteúdo linguístico dos exemplos, se eles são capazes de transmitir uma situação de uso representativa;

b) função gramatical: propriedade de mostrar o funcionamento do lema em combinação com outras palavras e revelar seu comportamento sintático. Logo, deve ser capaz de apresentar informações implícitas sobre a morfologia e a sintaxe da unidade;

c) função pragmática: os exemplos devem ser capazes de apresentar o lema em contexto, informando o ambiente semântico em que ele costuma aparecer;

d) função prática: os exemplos, quando for o caso, devem auxiliar os usuários a distinguirem acepções através da comparação entre os exemplos.

e) função sociocultural e ideológica: os exemplos podem revelar tendências ideológicas e expectativas culturais: “a possibilidade de expressar dados culturais faz com que os exemplos possam expressar informações enciclopédicas”<sup>139</sup> (WOTJAK, 2007, p. 271).

---

<sup>138</sup> Original: “se puede decir que los ejemplos, por las funciones que pueden cumplir, son muy importantes en el tratamiento lexicográfico de las UF en cualquier tipo de diccionario y, principalmente, en los que van dirigidos al aprendizaje de la lengua”.

<sup>139</sup> Original: “la posibilidad de expresar datos culturales hace que los ejemplos puedan expresar informaciones enciclopédicas”

<p>PENDURAR AS CHUTEIRAS</p> <p><b>cortar la coleta</b> <i>prnl</i></p> <p>Considerações:</p> <p>1. Vocabulário típico da linguagem da tauromaquia, dos toureiros. Alude à cultura taurina.</p> <p>2. Também utilizada no sentido de o toureiro abandonar sua profissão.</p> <p>Contextos: 1. <i>Me cortaré la coleta este año. Ya he hecho bastante y ha llegado la hora de descansar.</i> (<a href="http://www.clubalcazababoxeoalmeria.blogspot.com">www.clubalcazababoxeoalmeria.blogspot.com</a>). 2. <i>Un novillero de 22 años acabó detenido por negarse a matar a sus toros. Salió corriendo y se cortó la coleta.</i> (<a href="http://www.elmundo.es/america/2010/06/15/.../1276618647.html">www.elmundo.es/america/2010/06/15/.../1276618647.html</a>).</p>
---

Figura 11: Exemplo de verbete para a expressão *pendurar as chuteiras*

Acreditamos que os exemplos devem aparecer tipograficamente diferenciados do resto do verbete a fim de facilitar sua identificação. Desse modo, optamos por apresentar os exemplos em letra cursiva (itálico). Embora estejam em uma ordem numérica, não significa que eles representem exemplos para as considerações de mesmo número. Optamos por numerar as explicações das considerações e os exemplos para uma melhor organização das informações.

É importante ressaltar, ainda, que os exemplos devem ser coletados de textos autênticos. Para isso, é essencial que o lexicógrafo trabalhe com *corpora*, a fim de evitar exemplos criados, além de trabalhar com exemplos extraídos de uma coleção de textos capazes de oferecer mostras da linguagem real e natural. Com o objetivo de ilustrar a nossa proposta, usamos a ferramenta *Google* para extrair nossos exemplos, que não deixa de ser um *corpus* de textos autênticos e atuais de falantes nativos que circulam na internet. No entanto, o que foi apresentado aqui serviu como exemplificação de nossa proposta e sabemos que ao construírem-se, efetivamente, os verbetes das locuções verbais o lexicógrafo terá, primeiramente, um trabalho árduo de construção de material de pesquisa, construção de *corpora*, além das pesquisas e coleta de dados junto aos falantes nativos da língua estrangeira.

Para finalizar nosso trabalho, ilustraremos nossa proposta com um último exemplo de verbete. No capítulo 5, apresentamos um quadro com locuções verbais do dicionário *Santillana* e seu equivalente em espanhol. Vimos que, muitas vezes, a informação não é apresentada ao usuário adequadamente, como é o caso da expressão *esquentar a cabeça – calentarse los sesos*. A fim de ilustrar nossa proposta de tratamento de UF em dicionários bilíngues, exemplificamos abaixo como ficaria o verbete contendo as expressões acima, iniciando pela escolha da expressão do português a ser lematizada: selecionaríamos a unidade *quebrar a cabeça* por ser mais frequente que *esquentar a cabeça* (a pesquisa de frequência das unidades foi feita por meio do *Google*). Essa última unidade deve aparecer no sistema de remissivas no final da obra, de modo que o usuário que procure por ela chegue até a expressão mais usual *quebrar a cabeça*.

## QUEBRAR A CABEÇA

**romper la cabeza** *prnl*

**calentar la cabeza** *prnl*

**quebrar la cabeza** *prnl*

**calentar los sesos** *prnl*

### Considerações:

1. As duas primeiras unidades apresentam uma frequência de uso muito maior que as duas últimas.
2. Muitas vezes vêm acompanhadas de negação.
3. Podem apresentar a preposição **con** seguido de informação “de coisa” (*con algo*), no entanto essa informação pode não estar explícita.
4. Podem apresentar a preposição **para** seguido de informação de finalidade.

Contextos: 1. *Lo siguiente está pensado para funcionar con ustedes sin tener que romperse la cabeza con complicados procedimientos* ([www.touchingapps.com/activar-tethering-en-el-iphone-3g-s-y-3g/](http://www.touchingapps.com/activar-tethering-en-el-iphone-3g-s-y-3g/) - Argentina). 2. *Pues me rompí la cabeza un par de horas haciendo esquema tras esquema, hasta que logre hacerlo.* (<http://www.elmusiquiatra.com.ar/viewtopic.php?f=36&t=20668>). 3. *La solución perfecta para todos aquellos que no quieren calentarse la cabeza con instalaciones y configuraciones.* (<http://www.taringa.net/posts/info/2322181/soluciones-para-problemas-con-la-reproduccion-de-mp4.html>) 4. *Se **calentó la cabeza** pensando en cómo solucionar el problema.* ([elies.rediris.es/miscelanea/misc\\_7/adelstein-anexos.pdf](http://elies.rediris.es/miscelanea/misc_7/adelstein-anexos.pdf)). 5. *Nos **quebramos la cabeza** para encontrar un significado, para tratar de explicar cada cosa que nos rodea.* (<http://www.taringa.net/posts/tv-peliculas-series/948398/Miguel-angel-Tambien-tiene-su-codigo.html>). 6. *Es mejor no calentarse los sesos y probar a hacer tonterías.* ([computeremuzone.com/forum/viewtopic.php](http://computeremuzone.com/forum/viewtopic.php)).

Figura 12: Exemplo de verbete para a expressão *quebrar a cabeça*

A partir da delimitação do nosso usuário, foi possível definir as informações importantes que um dicionário fraseológico deve conter para suprir as necessidades do consulente e cumprir sua finalidade pedagógica de auxiliar os aprendizes de uma LE na sua produção e no uso de expressões idiomáticas. Por serem expressões que podem ser amplamente utilizadas no nosso cotidiano, as locuções verbais, estáveis e idiomáticas,

precisam receber tratamento especializado em obras lexicográficas. Por isso, buscamos apresentar critérios que consideramos eficientes para a construção de uma obra lexicográfica que visa auxiliar na produção de expressões complexas da língua espanhola. Vimos que é possível elaborar uma obra fraseológica que realmente auxilie o consulente; basta dar um tratamento especial e uma dedicação exclusiva a essas unidades, sem esquecer que as UFs são elementos capazes de representar conceitos linguísticos e culturais importantes.

## CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo apresentar uma proposta de tratamento de locuções verbais em dicionário bilíngue – português/espanhol, principalmente em relação à sua macro e à sua microestrutura.

Por meio da revisão teórica feita no primeiro capítulo, foi possível delimitar e caracterizar o nosso objeto de estudo, as locuções verbais, definido-as como uma combinação estável de duas ou mais palavras que apresenta um sentido figurado, compreendido pelo significado global da combinação e não pelas suas partes, formada por um ou mais núcleos verbais que podem receber um complemento e/ou vir acompanhadas de pronomes.

Identificado o fraseologismo com o qual nos propomos trabalhar, evidenciamos como eles são dispostos e que tratamento eles recebem na direção ativa (PORT – ESP) do dicionário bilíngue *Santillana* e, com base nos estudos Lexicográficos previamente apresentados no capítulo 3, foi possível evidenciar que dicionários bilíngues gerais não dão conta do fenômeno fraseológico, uma vez que buscam abarcar o léxico geral de uma língua e, por isso, não dispõem de espaço para dar a atenção adequada às expressões idiomáticas da língua.

Em função disso, após apresentarmos as concepções de alguns estudiosos acerca das unidades fraseológicas na macro e na microestrutura de dicionários, entre eles as contribuições de autores como Gurillo e Wotjak, acerca de parâmetros para inserção de fraseologias em obras lexicográficas, propomos os nossos critérios para elaboração de um dicionário bilíngue-ativo de locuções verbais, a fim de minimizar as incoerências comumente apresentadas por dicionários que tentam dar conta de unidades simples e complexas ao mesmo tempo.

Foi com a intenção de elaborarmos parâmetros para uma obra realmente eficaz, no sentido de instrumento que responda aos questionamentos dos consulentes quanto ao

uso de fraseologias, que apresentamos, no capítulo sexto, a nossa proposta de tratamento lexicográfico de locuções verbais, levando em consideração conceitos estudados durante todo o trabalho. Assim, o dicionário que propomos caracteriza-se pelos seguintes parâmetros:

- finalidade da obra: auxiliar na comunicação de um idioma estrangeiro (espanhol), tendo em vista a dificuldade de comunicação na esfera fraseológica. Por isso, as locuções verbais e sua produção foram o foco do dicionário proposto.

- público alvo: brasileiros aprendizes de espanhol como LE que têm um conhecimento, no mínimo, intermediário da língua e que, portanto, sentem a necessidade de utilizar expressões idiomáticas da LE em sua atividade comunicativa;

- ativo e passivo: o dicionário proposto pretende descrever soluções para a produção na LE, por isso foi pensado a partir da direção ativa;

- macroestrutura e microestrutura: como a função é a de produção, a macroestrutura do dicionário proposto não deve ser extensa, já que o objetivo é registrar as expressões mais utilizadas da língua alvo. Por outro lado, a microestrutura deve ser densa, pois precisa conter todas as informações que possam auxiliar o usuário a utilizar a expressão adequadamente, tanto no nível semântico quanto sintático. Para tanto, informações gramaticais, pragmáticas, exemplos, entre outras, são importantíssimas na microestrutura.

Com a intenção de ilustrar a nossa proposta, apresentamos vários exemplos de verbetes contemplando todos os itens propostos, a saber:

- expressão do português: na sua forma mais básica – infinitivo; sem elementos do contorno, preposição, ou presença da negação; podendo conter marcações gramaticais, referente ao uso do pronome (*prnl*);

- equivalente em espanhol: segue os mesmos critérios do registro da expressão do português, incluindo marcações diassistêmicas (*form; vulg; dep; Arg; Uru*)<sup>140</sup>;

- considerações: contempla informações quanto ao uso da expressão, além de indicações sintáticas, como presença da negação, de complementos, preposições, etc.;

- contextos: exemplos de discursos de falantes nativos, por meio dos quais o usuário pode inferir informações, que ainda não tenham ficado claras, quanto à estrutura sintática das expressões, e quanto a seu uso em diferentes situações comunicativas.

Ressaltamos ainda que a importância do trabalho realizado nesta dissertação se justifica devido à necessidade de disponibilizarem-se instrumentos que facilitem e auxiliem o aprendiz de língua estrangeira na sua tarefa de produção linguística, considerando que as expressões idiomáticas da língua constituem-se como estruturas linguísticas repletas de riqueza cultural. Sendo assim, evidenciamos a relevância da fraseologia no processo de aquisição de uma segunda língua, uma vez que demonstramos que a importância de se estudar as fraseologias de uma língua se justifica devido ao fato de que aprender um idioma implica conhecer também o modo de vida dos falantes nativos e sua maneira de enxergar o mundo.

Consideramos que conhecer uma língua estrangeira significa mais que aprender seus elementos linguísticos: é aprender o idioma mediante os costumes e hábitos dos falantes, refletindo sobre o uso da língua. Para tanto, não há nada melhor do que estudar, entender e saber produzir suas expressões idiomáticas – unidades que carregam os ideais e os valores de seu povo –, e as obras lexicográficas são os melhores instrumentos para auxiliar na tarefa de decodificação e, sobretudo, de codificação dos fraseologismos; por isso, devem ser pensadas e elaboradas por meio de critérios coerentes e eficazes.

Assim, este trabalho visa a diminuir a falta de recursos como o dicionário proposto aqui faz a professores e alunos, já que não existem muitas produções bilíngues – principalmente no par de línguas aqui estudado – que disponibilizam um estudo

---

<sup>140</sup> “formal”, “vulgar”, “depreciativo”, “Argentina” e “Uruguai”.

contrastivo dessas estruturas linguísticas, embora sejam instrumentos essenciais para quem aprende e/ou ensina um idioma, já que buscam solucionar problemas, dúvidas de comunicação e auxiliar na tarefa produção em língua estrangeira.

Encerramos esta dissertação reforçando a ideia de que as unidades fraseológicas de uma língua merecem tratamento especializado em obras lexicográficas especiais, a fim de que elas possam receber tratamento adequado, considerando que são unidades que apresentam particularidades únicas e por isso são tão complexas.

Esperamos, igualmente, que com este trabalho possamos contribuir para a prática lexicográfica e que os parâmetros propostos aqui possam, futuramente, servir para a elaboração de uma obra que objetiva auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS

ALCARAZ VARÓ, E. *Anisomorfismo y lexicografía*. IN ACTAS DEL II CONGRESO EL ESPAÑOL, LENGUA DE TRADUCCIÓN, Bruselas: ESLEtRA, 2004, p. 201-219. Disponível em: <http://www.toledo2004.net/html/contribuciones/alcaraz.htm>.

ALVAR EZQUERRA, M. *Lexicografía descriptiva*. Barcelona: Vox, Bibliograf, 1993.

BALLY, C. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1951.

BARROS, L. *Aspectos etimológicos e perspectivas científicas da terminologia*. IN CIENC. CULT. Vol. 58 n° 2. São Paulo Apr/June 2006. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252006000200011&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252006000200011&script=sci_arttext&tlng=pt)

BÉJOINT, H. *The foreign student's use of monolingual English dictionaries: a study of language needs and references skills*. Applied Linguistics, v. 2, n. 3, p. 207 – 222, Autumn, 1981.

BENEDUZI, R. *Colocações substantivo + adjetivo: propostas para sua identificação e tratamento lexicográfico em dicionários ativos português-espanhol*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Félix Bugueño.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Ed UNICAMP, 2ª ed., 1988.

BEVILACQUA, C. R. *A fraseologia jurídico-ambiental*. Porto Alegre: Ufrgs, 1996.

BUGUEÑO, F. M. *A lexicografía de falsos amigos frente à bilíngüe: desenho de um novo dicionário de falsos amigos espanhol-portugês*. IN REVISTA VOZ DAS LETRAS, número 8, II Semestre de 2007. Edição extra. Santa Catarina: Universidade do Contestado. Disponível em: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/8/86.pdf>.

CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CELU. *Certificado del Español Lengua y Uso*. Disponível em <http://www.celu.edu.ar/>.

COSERIU, E. *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Presença/ EDUSP, 1979.

DOMÍNGUEZ, J. M. *Fraseología española en su contexto*. 2ª ed. Munich: Hueber, 1975.

DURÁN, M. S.; XATARA, C. M. *Lexicografía Pedagógica: atores e interfaces*. IN D.E.L.T.A vol 3, nº2. São Paulo, 2007, p. 203-222. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/delta/v23n2/a02v23n2.pdf>.

FARIAS, V. S. *Desenho de um Dicionário escolar de Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Ufrgs, 2009.

GARGALLO, I. S. *Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco Libros, 1999.

GURILLO, L. R. *Aspectos de fraseología teórica española*. Valencia: Universitat de Valencia, 1997.

\_\_\_\_\_. Cómo integrar la fraseología en los diccionarios monolingües. In: CORPAS PASTOR, G. *Las lenguas de Europa: estudios de fraseología, fraseografía y traducción*. 2000. Granada: Editorial Comares.

GONZÁLEZ AGUIAR, M. I. *La definición lexicográfica de las unidades fraseológicas: la aplicación de modelos formales*. IN ANEXOS DE REVISTA DE LEXICOGRAFÍA 3 *DICCIONARIOS Y FRASEOLOGÍA*. Coruña: Universidad da Coruña, 2006, p. 59-89.

HAENSCH, G. “Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios”. In: ETTINGER, S. et all. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía practica*. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, R. R. R. *Teaching and Researching Lexicography*. London: Longman, 2001.

HUMBLÉ, P. R. M. *Dicionários e ensinos de línguas*. (No prelo). Disponível em <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?idpub=26>

KRIEGER, M. da G., MÜLLER, A. F., ROCHA, A. R. da G. & BATISTA, R. P. *O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil*. IN ALFA. São Paulo, 2006, p. 173-187. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/11-Krieger-Muller-Garcia-Batista.pdf> .

\_\_\_\_\_; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia*. São Paulo: Contexto, 2004.

LUQUE DURÁN, J. de D.; PAMIES BERTRÁN, A. *Léxico y fraseología*. Granada: Granada Lingüística / Método Ediciones, 1998

LEFFA, V. J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. IN: LEFFA, V. J. (Org.). *As palavras e sua companhia; o léxico na aprendizagem*. Pelotas, 2000, v. 1, p. 15-44. Disponível em <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/vocabulario.pdf>.

MARCO Común Europeo de Referencia para las Lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación. Madrid: Anaya, 2002. Disponível em: [http://cvc.cervantes.es/obref/marco/cvc\\_mer.pdf](http://cvc.cervantes.es/obref/marco/cvc_mer.pdf).

MARELLO, C. *Les différents types de dictionnaires bilingues*. IN : BEJÓINT , H. ; THOIRON, P. (Org) *Les dictionnaires bilingues*. Lovain-la nouve: Duculot, 1996. p. 32-52.

MATIAS, L. C. *Expressões idiomáticas corporais no dicionário bilingue de uso espanhol-português / português-espanhol (DIBU)*. Florianópolis: UFSC, 2008.

NOIMANN, A. *Um olhar sobre os fraseologismos (locuções) em um dicionário bilingue escolar espanhol-português / português-espanhol*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Sabrina Pereira de Abreu.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. *A língua(gem) nossa de cada dia: o componente fraseológico no ensino de língua próximas (ELE e PLE)*. IN I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA ESPANHOLA. São Paulo: Instituto Cervantes, 2009.

PASTOR, G. C. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

POLGUÈRE, A. *Lexicologie et Sémantique Lexicale*. Notions Fondamentales. Montreal: PUM, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. *Curso de linguística geral*. 14ª edição. São Paulo: Cultrix, 1988.

TAGNIN, S. E. O. *O Jeito que a Gente Diz*. São Paulo: Disal Editora, 2005.

TRISTÁ PÉREZ, A. M. *Organización do material fraseolóxico num dicionario xeral: problemas e alternativas*. IN ACTAS DO I COLOQUIO GALEGO DE FRASEOLOXÍA. Galicia: Xunta de Galicia, 1997, p. 115-116.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2006.

\_\_\_\_\_. *Léxicografia Pedagógica: definições, história, peculiaridade*. IN NÚCLEO DE TRADUÇÃO (Org.). *Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Florianópolis/UFSC, 2008, p. 9-46. Disponível em <http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf>.

WOTJAK, G. *Fraseología Teórica y Práctica*. Frankfurt: Peter Lang GmbH, 2007.

XATARA C. M.; SUCCI, T. M. *Revisitando o conceito de provérbio*. IN REVISTA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS VEREDAS. Juiz de Fora/UFJF, 2008, p. 33-48. Disponível em <http://www.ufjf.br/re-vista-veredas/files/2009/12/artigo31.pdf>.

ZULUAGA, A. *La fijación fraseológica*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1975.

## DICIONÁRIOS

DFEM – Diccionario Fraseológico del Español Moderno. Madri: Gredos, 1994. Por F. Varela & H. Kubarth.

Dicionário Online wordreference. Disponível em <http://www.wordreference.com/ptes/>.

Dicionário Santillana para estudantes. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2008. Por M. Diaz; G. Talavera.

DRAE. *Diccionario de la Real Academia Española*. Disponível em [www.rae.es](http://www.rae.es).

DUE – Diccionario de Uso del Español. Madri: Gredos, 1998. Por María Moliner.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LDPL – Larousse Diccionario Práctico de Locuciones. Barcelona: Larousse, 1995. Por E. Fontanillo Merino.

SEÑAS. *Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

## SITES

<http://www.google.com>

[www.larepublica.com.uy/foto/136969-55136](http://www.larepublica.com.uy/foto/136969-55136)

[www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras](http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras)

[www.wordreference.com/ptes/vaca](http://www.wordreference.com/ptes/vaca)

[www.wordreference.com](http://www.wordreference.com)

[www.rae.es](http://www.rae.es)

